

UFPE – UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CFCH – CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PPGEO – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

VALTEMIRA MENDES VASCONCELOS

MIGRAÇÃO E PENDULARIDADE
AS CONSEQUÊNCIAS DE ATRAÇÃO DE POPULAÇÃO PARA O
MUNICÍPIO DE TORITAMA-PE

Recife

2012

VALTEMIRA MENDES VASCONCELOS

MIGRAÇÃO E PENDULARIDADE
AS CONSEQUÊNCIAS DE ATRAÇÃO DE POPULAÇÃO PARA O
MUNICÍPIO DE TORITAMA-PE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador:
Prof. Dr. Nilson Cortez Crocia de Barros

Recife

2012

Catálogo na fonte

Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

V331m Vasconcelos, Valtemira Mendes.
Migração e pendularidade : as consequências de atração da população para o município de Toritama / Valtemira Mendes Vasconcelos. – Recife: O autor, 2012.
185 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Nilson Cortez Crócia de Barros.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco.
CFCH. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2012.
Inclui bibliografia e anexos.

1. Geografia. 2. Desenvolvimento econômico. 3. Migração. 4. Vestuário – Indústria – Toritama (PE). 5. Infraestrutura (Economia). I. Barros, Nilson Cortez Crócia de (Orientador). II. Título.

910 CDD (22. ed.)

UFPE (CFCH2012-44)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGeo

VALTEMIRA MENDES VASCONCELOS

**MIGRAÇÃO E PENDULARIDADE
AS CONSEQUÊNCIAS DE ATRAÇÃO DE POPULAÇÃO PARA O MUNICÍPIO DE
TORITAMA-PE**

Dissertação defendida e aprovada pela banca examinadora:

Orientador: _____
Prof. Dr. Nilson Cortez Crócia de Barros
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Examinador: _____
Dr. Wilson Fusco
Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)

Examinador: _____
Dr. Antônio Tadeu Ribeiro de Oliveira
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Recife, 08 de março de 2012.

Aos meus pais, Arleide e Walter, com muito amor. Ao professor Nilson Crocia e Wilson Fusco, pela dedicação e lições. Ao meu namorado Breno pela ajuda e paciência. Aos migrantes que não desistem do sonho de melhores condições de vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela vida e pela força e a minha família, especialmente aos meus pais, Walter e Arleide, e meus irmãos, pelo apoio incondicional. Sou grata a todos os professores e pesquisadores que colaboraram no desenvolvimento deste trabalho: Nilson Crocia, meu orientador, que me ensinou bastante durante estes dois anos de mestrado; Wilson Fusco, examinador externo, que mesmo não sendo meu co-orientador formalmente, tem me ajudado muito, desde a orientação quando eu ainda era bolsista Pibic, na Fundação Joaquim Nabuco, onde compartilhou comigo todos os passos do meu trabalho; aos demais membros da banca, Antônio Tadeu Ribeiro de Oliveira, Claudio Ubiratan Gonçalves e José Lacerda Felipe, por aceitarem ser meus examinadores; e não poderia esquecer de agradecer ao meu querido namorado Breno por todo apoio, paciência, ajuda e, principalmente, pela atenção que tem me dado durante nossos quase seis anos de relacionamento. Agradeço também a todos os pesquisadores e funcionários da Fundação Joaquim Nabuco, pelo estímulo que me deram em fazer o mestrado. Não poderia esquecer também de agradecer aos meus queridos amigos de turma Eline, Lúcia, Carlos, Fátima, Geórgia, Silvan, Luís, Hugo, Gina e os demais colegas pelo afeto e força a mim dedicados. Sou grata, também, aos meus amigos João Paulo, Lucas Cavalcanti e Suzana que contribuíram com alguns materiais e ajustes para a realização desse trabalho. Agradeço também aos meus sogros Marcílio e Kátia, meu cunhado Bruno, minhas grandes amigas Grasiene e Rúbia pelo apoio e carinho. Finalmente, sou grata a todos os professores da UFPE que ao longo desses dois anos me ensinaram muito.

RESUMO

Este trabalho faz uma análise sobre as intensas migrações e fluxos pendulares para o município de Toritama decorrentes da atratividade da indústria de confecções. O foco, por sua vez, foi procurar identificar, descrever e analisar os movimentos migratórios para a região do pólo de Toritama de forma quantitativa e qualitativa, observando as consequências dessa atração de população para o município, no que diz respeito à infraestrutura física e social da região. Para tanto, foram utilizados dados secundários levantados por meio de microdados do Censo Demográfico do IBGE de 2000 e dados preliminares do universo do censo de 2010, assim como dados primários adquiridos a partir de questionários qualitativos aplicados na pesquisa de campo. Discutem-se os resultados qualitativos e quantitativos, através de uma analogia entre ambos. No estudo foram selecionadas variáveis mais comumente utilizadas nos estudos migratórios, como as variáveis sobre condições de trabalho, sobre habitabilidade e infraestrutura, o que permitiu o conhecimento da realidade da dinâmica populacional da área e das condições de vida dos entrevistados residentes no município. Ao final, pôde-se constatar que o município de Toritama apresenta um crescente dinamismo econômico, o que tem provocado um considerável impacto sobre os deslocamentos populacionais para o município, além de problemas relativos à infraestrutura da região. A esse respeito, pode-se notar que as pessoas são atraídas para a cidade de Toritama pelas oportunidades de emprego geradas pela indústria de confecção de vestuário que está em franco crescimento na região, e a sua consequente demanda por mão-de-obra.

Palavras-chave: Migração. Mobilidade Pendular. Indústria de Confecções. Infraestrutura.

ABSTRACT

This work analyzes the intense migrations and pendulous flows to the city of Toritama due to the attraction generated by the garment industry. The most important point was to try identify, to describe and to analyze the migratory movement for the region, in a qualitative and quantitative standpoint, and understand the consequences of the attraction of population for that city, for the physical and social infrastructure of the region. With this purpose, this work has used secondary data taken from microdata of the Demographic Censo of the Brazilian Institute for Geography and Statistics (IBGE) 2000, and preliminary data from the Censo's sample 2010, as well as primary data collected by quantitative and qualitative survey applied at the Toritama's city. The qualitative and quantitative results are discussed through of an analogy between both of them. In this study, variables most commonly used in migratory studies had been selected, as the variables about work's condition, habitation, infrastructure, that allowed knowing the reality about the population dynamic in that area and about the conditions of the respondents who live there. At the end, it was possible to see that the Toritama's city shows a growing economic dynamism, which has caused a great impact on population movement towards this city, beside problems of infrastructure for that region. About it, it's possible to see that the people are attracted for Toritama's city by the employment opportunities generated in the garment industry that is growing in the region, and its consequent demand for workers.

Key-words: Migration. Commuting Movement. Garment Industry. Infrastructure.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGENS

Imagem 1. Vila da Torre atual município de Toritama.	52
Imagem 2. Oficina de costura de propriedade de uma migrante.	104
Imagem 3. Costureiros em Toritama.	104
Imagem 4. Parque das feiras.	105
Imagem 5. Vista da BR 104 e do estacionamento do Parque das feiras.	105
Imagem 6. Fabrico de confecções em Toritama.	131
Imagem 7. Produção de jeans de um fabrico.	131
Imagem 8. Bairro Novo Alvorecer.	137
Imagem 9. Bairro Fazenda Velha.	138
Imagem 10. Fundo das casas que lançam esgotos para o rio Capibaribe.	138
Imagem 11. Esgoto de lavanderia lançado no rio Capibaribe.	139
Imagem 12. Vista do rio Capibaribe assoreado.	139
Imagem 13. Rio Capibaribe poluído.	140
Imagem 14. Toyota carregada de mercadorias.	152
Imagem 15. Sacoleiras retornando de Toritama.	155
Imagem 16. Mercadorias de sacoleiros.	155
Imagem 17. Feira de Toritama.	159
Imagem 18. Nova etapa da feira de Toritama.	160

MAPAS

Mapa 1. Localização do município de Toritama.	51
Mapa 2. Migrantes residentes em Toritama segundo Unidade da Federação de nascimento. 2000.	88
Mapa 3. Migrantes residentes em Toritama segundo Unidade da Federação de residência anterior. 2000.	90

Mapa 4. Migrantes residentes em Toritama segundo município de residência em 1995 (migrantes data fixa). 2000.	91
Mapa 5. Migrantes pendulares em Toritama segundo município de residência Permanente.	94
Mapa 6. Município de nascimento.	110
Mapa 7. Município de residência anterior.	112
Mapa 8. Município de residência dos pendulares.	155

GRÁFICOS

Gráfico 1. Crescimento populacional de Toritama.....	80
Gráfico 2. Faixa etária da população de Toritama nos censos 2000 e 2010.....	82
Gráfico 3. Pirâmide etária da população de Toritama – 2010.....	82
Gráfico 4. Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo faixa etária	106
Gráfico 5. Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo alfabetização.....	106
Gráfico 6. Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo anos de estudo.	107
Gráfico 7. Distribuição dos migrantes entrevistados residentes em Toritama segundo área de localização do domicílio de residência anterior.	113
Gráfico 8. Distribuição dos migrantes entrevistados residentes em Toritama segundo tempo de residência em Toritama.	114
Gráfico 9. Distribuição dos migrantes entrevistados residentes em Toritama segundo motivação de saída do local de origem.....	115
Gráfico 10. Distribuição dos migrantes entrevistados residentes em Toritama segundo motivação de migração para Toritama.	116
Gráfico 11. Distribuição dos migrantes entrevistados residentes em Toritama segundo ajuda com financiamento da viagem.	118
Gráfico 12. Distribuição dos migrantes entrevistados residentes em Toritama segundo ajuda com oferta ou informação de hospedagem.	119
Gráfico 13. Distribuição dos migrantes entrevistados residentes em Toritama segundo ajuda com informação ou oferta de emprego.	119
Gráfico 14. Distribuição dos migrantes entrevistados residentes em Toritama segundo grau de parentesco dos acompanhantes na migração.	121
Gráfico 15. Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo grau de parentesco com o empregador.	122

Gráfico 16. Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo local de trabalho.	125
Gráfico 17. Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo ocupação exercida no trabalho principal.	127
Gráfico 18. Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo jornada de trabalho semanal.	128
Gráfico 19. Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo trabalhador com carteira de trabalho assinada.	129
Gráfico 20. Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo contribuição com o Instituto de Previdência Social.	130
Gráfico 21. Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo rendimento total mensal nos trabalhos.	133
Gráfico 22. Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo status migratório por tipo de abastecimento de água no domicílio.	142
Gráfico 23. Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo status migratório por tipo de esgotamento sanitário no domicílio.	143
Gráfico 24. Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo status migratório por posse do domicílio.	144
Gráfico 25. Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo faixa etária.	146
Gráfico 26. Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo estado conjugal.	146
Gráfico 27. Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo anos de estudo.	147
Gráfico 28. Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados segundo motivo da estadia em Toritama.	149
Gráfico 29. Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados segundo frequência do deslocamento à Toritama.	150
Gráfico 30. Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados segundo meios de transporte. Utilizados para o deslocamento à Toritama.	151
Gráfico 31. Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados segundo opinião sobre o sistema de transporte para Toritama.	152
Gráfico 32. Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo área de localização do domicílio de residência.	154
Gráfico 33. Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo grau de parentesco com o empregador.	156
Gráfico 34. Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo local de trabalho.	157
Gráfico 35. Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo ocupação exercida no trabalho principal.	158

Gráfico 36. Distribuição dos pendulares entrevistados em Toritama segundo jornada de trabalho semanal.	161
Gráfico 37. Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo trabalhador com carteira de trabalho assinada.	161
Gráfico 38. Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo contribuição com o Instituto de Previdência.	162
Gráfico 39. Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo rendimento total mensal nos trabalhos.	163

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Toritama: Distribuição da população segundo anos de estudos. 2000.	84
Tabela 2. Toritama: Distribuição da população segundo status migratório por número de anos de estudo. 2000.	85
Tabela 3. Toritama: Distribuição da população segundo status migratório por faixa de renda total em salário-mínimo. 2000.	85
Tabela 4. Toritama: Residentes segundo status migratório. 2000.	87
Tabela 5. Toritama: Migrantes segundo tempo de moradia no município. 2000.	92
Tabela 6. Toritama: Residentes segundo município em que trabalha e/ou estuda. 2000.	92
Tabela 7. Toritama: Migrantes pendulares que trabalham e/ou estudam em Toritama segundo município de residência. 2000.	93
Tabela 8. Toritama: Residentes segundo ocupação no trabalho principal. 2000.	96
Tabela 9. Toritama: Residentes segundo setor de atividade no trabalho principal. 2000.	97
Tabela 10. Toritama: Distribuição da população segundo tipo de abastecimento de água em domicílios particulares permanentes em aglomerados subnormais - 2010.	99
Tabela 11. Toritama: Distribuição da população segundo tipo de esgotamento sanitário em domicílios particulares permanentes em aglomerados subnormais - 2010.	99
Tabela 12. Distribuição relativa da população entrevistada residente em Toritama segundo sexo por anos de estudo.	108
Tabela 13. Distribuição relativa da população entrevistada residente em Toritama segundo status migratório por faixa etária.	109
Tabela 14. Distribuição dos migrantes entrevistados residente em Toritama segundo anos de estudo por tempo de moradia em Toritama.	115
Tabela 15. Distribuição relativa da população entrevistada residente em Toritama segundo status migratório por relação de parentesco com o empregador.	124
Tabela 16. Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo status migratório por local de trabalho.	126
Tabela 17. Distribuição relativa da população entrevistada residente em Toritama segundo status migratório por jornada de trabalho semanal.	128
Tabela 18. Distribuição relativa da população entrevistada residente em Toritama segundo sexo por rendimento total mensal nos trabalhos.	134
Tabela 19. Distribuição relativa da população entrevistada residente em Toritama segundo anos de estudo por rendimento total mensal nos trabalhos.	134
Tabela 20. Distribuição relativa da população entrevistada residente em Toritama segundo status migratório por rendimento total mensal nos trabalhos.	135

Tabela 21. Distribuição relativa da população entrevistada residente em Toritama segundo status migratório por quantidade de cômodos no domicílio.	141
Tabela 22. Distribuição relativa da população entrevistada residente em Toritama segundo status migratório por cômodos que servem como dormitório.	141
Tabela 23. Distribuição relativa dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo sexo por anos de estudo.	148
Tabela 24. Distribuição relativa dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo sexo por rendimento total mensal nos trabalhos.	164
Tabela 25. Distribuição relativa dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo anos de estudo por rendimento total mensal nos trabalhos.	165

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1	
CONCEITOS UTILIZADOS NA PESQUISA	22
1.1 Espaço e Território.....	22
1.2 Migração	26
1.3 Redes Sociais na Migração	35
1.4 Fluxos Pendulares	38
1.5 Trabalho	40
1.6 Habitabilidade e Infraestrutura	47
CAPÍTULO 2	
CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO REGIONAL	51
2.1 Localização e histórico do município de Toritama.....	51
2.2. Caracterização Sócio- Econômica da Área Estudada	53
2.2.1 Sistema Econômico Agricultura/Pecuária.....	53
2.2.2 Evolução Populacional em Toritama	59
2.2.3 Sistema Econômico Atual	62
2.2.4 Crescimento e Desenvolvimento Econômico	65
2.2.5 Reflexos da Nova dinâmica Econômica Global para a Economia de Toritama	70
2.2.6 Planejamento Estratégico e Políticas Públicas para a Indústria de Confecções de Toritama	74
CAPÍTULO 3	
RESULTADOS	80
3.1 Dados quantitativos.....	80
3.1.1 Perfil Sócio-Demográfico da População	80
3.1.2 Perfil dos Migrantes	84
3.1.3 Mobilidade Espacial.....	86
3.1.4 Trabalho e Renda	95

3.1.5 Habitabilidade	98
3.2 Dados qualitativos da pesquisa de campo.....	100
3.2.1 Perfil sócio-demográfico da população (naturais não migrantes e migrantes residentes em Toritama)	101
3.2.2 Rede social na migração.....	117
3.2.3 Trabalho e renda entre os residentes	121
3.2.4. Habitabilidade e infraestrutura	136
3.2.5 Perfil dos Pendulares	145
3.2.6 Trabalho e renda entre os Pendulares.....	154
CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
REFERÊNCIAS	170
ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO 1	177
ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO 2	183

INTRODUÇÃO

Os fluxos populacionais sempre estiveram presentes na vida dos indivíduos, afetando significativamente a dinâmica espacial dos lugares e de muitas sociedades em todo o mundo. Tal fato faz com que os estudos sobre fluxos de população se tornem relevantes para muitos trabalhos de caráter geográfico, econômico e social.

Os movimentos migratórios no Brasil assumiram grande expressão a partir dos anos 1950 num processo concomitante com a intensa urbanização do período e um acirramento das desigualdades regionais, estando interligados muitas vezes à concentração da atividade econômica, aliada à produção de um excedente populacional no campo e à própria incapacidade das áreas urbanas das regiões mais atrasadas em absorver essa população (PATARRA, 2003).

Os fluxos populacionais nessa época eram mais de caráter rural-urbano (o êxodo rural), de caráter sazonal (a exemplo dos bóias-frias) e de povoamento, este último referente aos deslocamentos de massas de pessoas para povoar áreas pouco habitadas. Além de se direcionarem para grandes áreas metropolitanas como São Paulo e Rio de Janeiro.

Entretanto, os deslocamentos vêm se apresentando com novas características, atualmente, torna-se cada vez mais comum os deslocamentos temporários e os fluxos diários de pessoas. Fazendo-se necessário, assim, novas abordagens teóricas, que vão além das migrações. Os fluxos também vêm mudando de direção, nos últimos anos, atingindo regiões onde antes eram caracterizadas como expulsoras de população, tanto no que se refere às migrações de retorno, quanto no que se refere a alterações econômicas em algumas regiões que antes não possuíam uma dinâmica econômica que favorecesse a atração de pessoas. Nesse patamar também tomam importância os fluxos pendulares que não são considerados como migração, mas que não podem deixar de serem abordados em muitos estudos de caso sobre fluxos populacionais, dada a importância que eles apresentam para a dinâmica e configuração de um lugar.

A partir dos anos 80, e isto para quase toda a América Latina, as dinâmicas econômica, social e demográfica brasileiras passaram por significativas transformações que tiveram profundas implicações nos seus processos de redistribuição espacial da população e urbanização, principalmente no que se refere ao padrão concentrador de algumas regiões, que durante décadas, caracterizou a dinâmica demográfica nacional. Nesse sentido,

diversificaram-se as formas de assentamentos humanos, como também ganharam importância, na dinâmica demográfica nacional, novos espaços regionais e outros tipos de mobilidade populacional, com claras consequências nos padrões locais da população dentro e fora dos grandes centros urbanos, caracterizando, assim, uma relativa desconcentração demográfica (CUNHA, 2003).

Sendo assim, a migração laboral e os fluxos pendulares relacionados à atração de população por parte da indústria de vestuário do município de Toritama são os objetos da presente pesquisa. Para tanto, este estudo pretendeu pensar a migração em Toritama sob três aspectos: primeiro, com relação às consequências do intenso processo migratório para o município, a fim de exercer atividades no ramo de confecções; segundo com relação ao perfil sócio-demográfico dos migrantes; e terceiro com relação à existência de uma rede social de migração.

Partindo do pressuposto que a atração de população para Toritama se deve em parte à concentração da indústria do vestuário no município, esta pesquisa teve como objetivo identificar os tipos de fluxos populacionais existentes na área estudada, analisando de forma quantitativa e qualitativa tais movimentos, observando as consequências dessa atração de população para o município de Toritama.

Pensando no objetivo principal do presente estudo, cabe questionar: como se processam o desenvolvimento da infraestrutura urbana e social em meio aos expressivos fluxos populacionais para o município de Toritama? A partir dos objetivos intermediários questionou-se sobre quais os principais tipos de fluxos populacionais existentes na área, quais as principais causas da “saída” dos migrantes dos seus lugares de origem, quais os principais lugares de origem dos migrantes e trabalhadores pendulares em Toritama, qual o padrão social dos migrantes, se há rede social de migração, e como ela se processa, por fim, quais as consequências do elevado fluxo populacional para o município.

Tais questionamentos trouxeram algumas hipóteses. A principal em questão é que a infraestrutura urbana e social do município de Toritama não vem acompanhando o crescimento vertiginoso da sua população e nem mesmo acompanhando seu crescimento econômico, não havendo propostas sérias de desenvolvimento local que acompanhe o crescimento econômico do município, nem um planejamento estratégico eficaz que sane os problemas sociais e urbanos da área. O estudo ainda apresenta como hipóteses secundárias que os tipos de fluxos populacionais são em sua maioria constituídos por migrantes de outros municípios brasileiros e que atualmente residem em Toritama, e por trabalhadores pendulares que se dirigem frequentemente à Toritama para trabalhar; a principal causa da saída dos

migrantes dos seus municípios de origem é a falta de oportunidades de trabalho nesses lugares, os principais lugares de origem dos migrantes e trabalhadores pendulares são os municípios de Pernambuco; os migrantes e trabalhadores pendulares possuem padrão social baixo; existe uma expressiva rede social de migração no município e o município de Toritama vem passando por sérios problemas de infraestrutura urbana e social.

Nesse sentido, os movimentos migratórios são importantes a serem pesquisados, tanto para se poder entender quais os possíveis efeitos sobre a renda e a qualificação profissional, quanto para estimar necessidades de incremento, não apenas na infraestrutura urbana, mas, sobretudo, em assistência social para a população desse município. Ao mesmo tempo, tal análise poderá auxiliar na identificação de transbordamentos do pólo, mais especificamente dos municípios de Toritama, Santa Cruz do Capibaribe e Caruaru para as cidades limítrofes.

Ao buscar fazer uma investigação a respeito dos fluxos populacionais em um município, a presente pesquisa recorreu a três eixos teórico-metodológicos, a partir dos quais são definidos os principais conceitos e, também, os caminhos metodológicos que nortearam a pesquisa.

Em primeiro lugar, buscou-se definir, nos termos da pesquisa, a noção do que vem a ser *fluxo de população*, destacando as diversas existências de conceitos, desde a migração até os deslocamentos a trabalho ou estudo. Nesse caso, fez-se uso de conceitos elaborados tanto por estudiosos clássicos, como Ernest George Ravenstein, Everett Lee, Wilbur Zelinsky, Claude Raffestin, quanto por estudiosos mais modernos, como Pierre George, Milton Santos, José Alberto Magno de Carvalho, José Irineu Rangel Rigotti, entre outros.

Em segundo lugar, utilizou categorias de deslocamentos trabalhadas pelos diversos estudiosos, a fim de identificar os tipos de fluxos populacionais e a influência destes no processo de urbanização.

Finalmente, utilizou o conceito de rede social de migração para tratar do processo de ajuda mútua entre os indivíduos que migram.

Dessa forma, pôde-se fazer uma análise mais adequada das características dos fluxos populacionais da região, verificando os tipos de migração e a intensidade da entrada e saída dessa população.

Atualmente, também vem ressurgindo o interesse sobre o papel das micro e pequenas empresas na reestruturação produtiva e no desenvolvimento regional. Tal caso pode ser verificado no município de Toritama, o qual é um exemplo do fenômeno de aglomeração de indústrias que trabalham com um mesmo ramo de produção. No caso de Toritama, essa atividade produtiva principal é a indústria de confecções que vem se tornando uma espécie de

ímã para trabalhadores de várias localidades. Nesse sentido, as questões que dizem respeito ao processo de concentração e fluxo de fatores econômicos e de população, se tornam importantes para o planejamento local e regional.

Diante do exposto, o presente trabalho diz respeito a um tema estratégico para o desenvolvimento do estado, já que o município em estudo se enquadra em uma área estratégica por o município se caracterizar pela existência da aglomeração de um número significativo de empresas que atuam em torno de uma atividade produtiva principal (a produção de confecções). Nesse sentido, a indústria de confecções de Toritama é exemplo de um fenômeno de aglomeração de fatores econômicos via concentração geográfica de empresas, experimentando os efeitos das economias de aglomeração de um mesmo setor e em um mesmo território.

Como foi exposto acima, a análise desse aglomerado de confecções é bastante importante para um estudo regional da área, dada sua relevância para a economia do município e da região como um todo. Entretanto, nesse estudo a importância dos impactos dos fluxos populacionais para o município ganhou mais destaque.

Assim, a análise dos fluxos populacionais permitiu o conhecimento da realidade desse aspecto da dinâmica populacional no contexto do recorte territorial escolhido. Nesse estudo, pode-se verificar que o município citado, atualmente, se apresenta com crescente dinamismo econômico, o que tem provocado um considerável impacto sobre os deslocamentos populacionais. A esse respeito, pode-se notar que a atração exercida por Toritama está diretamente relacionada com a necessidade de mão-de-obra para as confecções de vestuários. Assim, a entrada de grande quantidade de mão-de-obra para o município vem trazendo alguns problemas relacionados à falta de infraestrutura física suficiente para os naturais e recém chegados em Toritama, uma vez que não se tem tido a preocupação em melhorar a estrutura física e social bastante precária no município, e agravada com a chegada de migrantes e trabalhadores pendulares que usufruem dos serviços do município.

Do ponto de vista metodológico a primeira etapa da pesquisa consistiu no levantamento e na revisão bibliográfica de temas referentes à demografia, geografia da população, regionalização, padrões locais, economia e urbanização. O material coletado consistiu em livros, artigos, teses e dissertações encontrados nas bibliotecas da UFPE e Fundaj, assim como no portal da CAPES, nos *sites* do *Scielo*; da Revista Brasileira de Estudos de População (REBEP) e da Associação brasileira de Estudos Populacionais (ABEP).

As informações coletadas no levantamento bibliográfico dizem respeito aos conceitos analisados, a exemplo dos conceitos de espaço, território, fluxos populacionais, migração, pendularidade, rede social de migração, e infraestrutura física e social.

Tais conceitos possibilitaram encontrar as primeiras evidências necessárias para a escolha dos dados secundários a serem levantados, assim como para a elaboração do roteiro de entrevista de campo.

A pesquisa ainda fez uso de um conjunto de informações, dados e indicadores gerais da população do município de Toritama, dados preliminares do censo 2010, assim como a partir de tabulações especiais da expansão da amostra censitária de 2000, disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

No projeto inicial deste estudo tinha como uma das metas a utilização dos micro dados de migração do censo 2010, mas estes não foram publicados em tempo hábil para entrega da dissertação, não sendo possível sua utilização. Entretanto, para fins de descrição da atual situação do município de Toritama, fez-se uso de alguns dados do preliminares do censo 2010, a exemplo de alguns referentes à habitabilidade, população e alfabetização.

Posteriormente, utilizou ainda os dados primários levantados por meio de questionários aplicados em campo. No entanto, tais dados foram levantados de forma qualitativa e não podem ser considerados como representativos do universo, uma vez que a amostra foi pequena, na medida em que não houve tempo, nem recursos suficientes para a realização de uma pesquisa amostral representativa.

Nesse sentido, foram aplicados dois tipos de questionários, um com os habitantes, dentre eles, naturais do município e migrantes (Tipo 1) e o outro com os pendulares (Tipo 2), estes que se dirigem à Toritama para trabalhar ou comprar mercadorias. O primeiro tipo de questionário foi aplicado com 28 entrevistados, sendo 22 aplicados com migrantes, já que foi o principal foco do trabalho, e seis com os residentes naturais do município. O segundo tipo foi aplicado com 18 entrevistados. Para tanto, utilizou-se duas questões filtro. A primeira questão possibilitaria a escolha do tipo de questionário a ser aplicado com o entrevistado. Nessa questão perguntava-se ao entrevistado se ele residia atualmente em Toritama. Caso a resposta fosse sim, aplicava-se o questionário do Tipo 1, caso fosse não aplicava-se o Tipo 2. A segunda questão filtro era para os pendulares. Ao serem detectados e abordados perguntava-se qual o motivo da estadia em Toritama. Se a resposta fosse por motivo de trabalho (trabalhadores pendulares) ou compras para revenda (sacoleiros), dava-se continuidade a entrevista, caso não fosse nenhuma dessas respostas, buscava-se outro entrevistado.

A presente pesquisa, por motivos de tempo e de recursos, não seguiu os parâmetros de uma amostragem aleatória representativa do universo. Ao contrário, optou-se pela construção de um *corpus* de pesquisa que representa uma lógica alternativa aos princípios de pesquisa quantitativa. Deste modo, os entrevistados foram selecionados a partir do critério de intencionalidade. Na pesquisa, então, foram priorizados os entrevistados migrantes, compostos por mais jovens e mulheres, na medida em que possibilitaria uma melhor aquisição dos dados necessários à pesquisa, considerando-se que o estudo é referente à migração, e entre os migrantes em Toritama há muitos jovens e adultos, assim como mais mulheres do que homens, como foi constatado nos dados do censo 2000 do IBGE. É importante destacar que durante a coleta dos dados foi utilizado também o princípio da saturação do *corpus*, que prevê a interrupção das entrevistas quando as respostas dos entrevistados começam a se repetir, sem apresentar novas informações relevantes ao objeto de estudo (BAUER; AARTS, 2007).

Os questionários priorizaram: identificar o perfil dos migrantes e dos trabalhadores pendulares no município; identificar quais são os fatores de atração de população para Toritama; identificar as especificidades entre as ocupações dos migrantes e dos trabalhadores pendulares; assim como averiguar qual o impacto do aumento da população no município, no que diz respeito à infraestrutura física e social.

Vale destacar que a Vila de Canaã, apesar de fazer parte do município de Caruaru, entrou na amostra, devido a sua proximidade com o núcleo urbano de Toritama e por a maioria dos seus habitantes trabalharem para a indústria de confecção de Toritama. A Vila de Canaã chega ao ponto de ser confundida com um bairro de Toritama devido a proximidade com o município. Alguns estudos já realizados no município (CAMPOS, 2008, LIRA, 2011) também deram preferência em incluir na amostra os residentes da Vila de Canaã.

A manipulação dos dados primários e secundários foi realizada com base no programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 17.0, que permitiu a elaboração de tabelas e gráficos com as variáveis pesquisadas. Foram produzidos mapas temáticos a partir da espacialização dos dados tabulados.

Nas páginas que seguem, são apresentadas algumas discussões teóricas a respeito dos principais conceitos utilizados neste estudo. Posteriormente realiza-se a caracterização da área estudada. Em seguida, são apresentados os resultados encontrados e uma breve discussão acerca destes resultados. E finalmente, tenta-se fazer um breve fechamento, a partir das considerações finais.

CAPÍTULO 1

CONCEITOS UTILIZADOS NA PESQUISA

1.1 ESPAÇO E TERRITÓRIO

O entendimento do espaço e do território para os pesquisadores de população, em particular os voltados para os temas de migrações, é de extrema importância. Em qualquer estudo feito por geógrafos, o entendimento das categorias da geografia se torna imprescindível para que este estudo seja plausível. Mas, dentre os conceitos da geografia, os que mais tomam importância para as pesquisas e trabalhos sobre fluxos populacionais e migrações são os de espaço e território. O que não é diferente para as demais áreas da geografia.

Não que as demais categorias não tenham importância para os estudos de migração. Mas, o espaço e o território tomam uma força e importância tal nas análises realizadas, sejam a partir de órgãos públicos, sejam a partir de análises realizadas pelas academias, em pesquisas sobre desenvolvimento, que se faz necessário priorizá-los no presente estudo.

O espaço geográfico considerado como conceito-chave da geografia é também de suma importância para qualquer estudo sobre migrações, uma vez que seu entendimento pode proporcionar um apanhado histórico das funções que uma dada cidade, atrativa de população, desempenhou ao longo do tempo. Nesse sentido, tal entendimento pode esclarecer as questões sobre o direcionamento dos fluxos populacionais.

Entretanto, durante muito tempo o espaço geográfico não foi considerado como o conceito-chave para a disciplina. Diversas correntes do pensamento geográfico adotavam as demais categorias geográficas como seu conceito principal.

Na Geografia Tradicional, a abordagem espacial, associada à localização das atividades dos homens e aos fluxos, era secundária. O espaço para essa abordagem não se constituía como um conceito-chave, apesar de estar presente na obra de alguns estudiosos da época, como Ratzel e Hartshorne. O primeiro desenvolveu dois conceitos fundamentais em sua antropogeografia: o conceito de território e o de espaço vital. O primeiro vinculado à apropriação de uma porção do espaço por um determinado grupo, e o segundo expressando as necessidades territoriais de uma sociedade em função de seu desenvolvimento tecnológico, do total de população e dos recursos naturais. Dessa forma, o espaço ratzeliano transforma-se, através da política, em território, em conceito-chave da geografia. Já quanto à visão

hartshorniana, o espaço é tido como o espaço absoluto, aparecendo como o receptáculo que apenas contém as coisas, e sendo empregado no sentido de área (CORRÊA, 2007). Vê-se, assim, que as abordagens sobre o espaço, tanto em Ratzel, quanto em Hartshorne, são vinculadas à localização da população, à sua fixação. Daí se encontra a importância do entendimento dessas abordagens para qualquer estudo populacional.

Na Geografia teórico-quantitativa, o espaço aparece pela primeira vez na história do pensamento geográfico com Schaefer, Bunge, Ullman e Watson, como um conceito-chave, e sendo considerado, de um lado, pela noção de planície isotrópica, e de outro, a partir de sua representação matricial. Na primeira noção, admite-se como ponto de partida uma superfície uniforme no que se refere à geomorfologia, ao clima e a cobertura vegetal, assim como à sua ocupação humana. Já quanto ao espaço considerado como uma representação matricial vê-se que é mais uma concepção voltada para os economistas espaciais ligados às análises locais, movimentos, redes e hierarquia. Na Geografia Crítica o debate sobre espaço reaparece como conceito-chave, discutindo-se sobre o espaço na obra de Marx, qual a natureza e o significado do espaço e procurando-se identificar as categorias de análise do espaço. E é tido como o espaço social, vívido, não devendo ser visto como espaço absoluto. Para esta abordagem, o espaço é concebido como locus da reprodução das relações sociais de produção, isto é, de reprodução da sociedade (CORRÊA, 2007).

Observa-se que, para os estudiosos da geografia teórico-quantitativa, o espaço é tido como de grande importância para estudos e análises locais. Nota-se, assim, que tais concepções de espaço podem ser adotadas claramente por demógrafos, economistas e geógrafos de população nos estudos sobre migrações.

Milton Santos também trata com bastante ênfase sobre o espaço nos seus estudos referentes às formas e interações espaciais. O espaço para Santos é o principal objeto de estudo da geografia, tornando-se o “corpus” da geografia. E define o espaço como um conjunto indissociável de sistema de objetos e de sistemas de ações. As migrações entrariam como os fluxos de populações que mudariam os fixos, a área física, concreta, a ser modificada.

Mas, além ao tratar da categoria espaço não se deve esquecer a importância do conceito de habitat geográfico, uma vez que este pode complementar a conceituação e o entendimento do espaço, na medida em que o habitat se refere a organização do homem no meio. Nesse sentido, o habitat diz respeito a distribuição da população no espaço.

Segundo George (1993), o habitat diz respeito às relações entre os locais e a população que os ocupa, os organiza, os modifica e os degrada. Sendo assim, o habitat seria o ponto de partida de duas investigações geográficas:

(...) a primeira diz respeito à gênese e evolução das formas dos locais habitados, à utilização destes locais e à diferenciação dos seus modos de ocupação, aplicando-se a segunda às relações entre os locais habitados. A primeira chama-se geografia do povoamento, e a segunda geografia das migrações e geografia das comunicações (GEORGE, 1993, 93).

Max Sorre considerava o espaço como morada do homem e devido a isto, a ciência geográfica deveria estudar as formas pelas quais os homens organizam seu meio, tratando assim do conceito de habitat, este sendo o principal conceito desenvolvido por este geógrafo. Para Sorre o habitat diz respeito a uma área do planeta habitada por uma comunidade que a organiza. Trata-se assim, de uma construção humana, uma humanização do meio que expressa as diversas relações existentes entre o homem e o ambiente que o envolve. A geografia de Sorre trataria, assim, da relação dos grupos humanos com o meio em que vivem, em um processo de contínua transformação deste meio pelo homem. Por conseguinte, as condições do meio geográfico, resultante da ação dos homens, seriam diferentes das do meio natural original (VIEITES e FREITAS, 2009).

Outro conceito importante para o estudo da distribuição da população no espaço é o de território. SANTOS (2008) destaca a importância da categoria território para os estudos geográficos. Para o autor o território se dá a partir das relações entre fixos e fluxos:

(...) os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam (SANTOS, 1982, 53, SANTOS, 1988, 75-85, *apud* SANTOS, 2008, 61-62).

Nesse sentido, a concepção de Santos sobre os fixos e os fluxos deixa clara a ligação e a relevância da categoria território para os estudos de migração.

O conceito de território para Raffestin também se apresenta interligado ao poder, às relações de poder que são produzidas em um determinado espaço. Podendo, de acordo com Santos, ser considerado como o palco de operação de diversos agentes, sejam eles locais ou globais.

De acordo com Raffestin (1993,59-60), “o território é o espaço político por excelência, o campo de ação dos trunfos”.

Segundo Souza (2007), o território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder, essencialmente um instrumento de exercício de poder. Os territórios são construídos e desconstruídos nas mais diversas escalas, sejam elas temporais ou espaciais.

A desconstrução do território muitas vezes é tida sobre o termo “desterritorialização”, que, segundo Haesbaert (2007), poderia significar a diminuição e o enfraquecimento do controle de fronteiras, aumentando assim a dinâmica, a fluidez, a mobilidade, seja ela de pessoas, bens materiais, capital ou informações. E continua:

(...) um dos fenômenos mais freqüentemente ligados à desterritorialização diz respeito à crescente mobilidade das pessoas, seja como novos nômades, vagabundos, viajantes, turistas, imigrantes, refugiados ou como exilados – expressões cujo significado costuma ir muito além de seu sentido literal, ampliando-se como poderosas (ou ambivalentes, assim, controvertidas) metáforas. Toda uma cultura das viagens e mesmo uma *travelling theory* passou a se desenhar a partir da crescente mobilidade pós-moderna. Entretanto, até que ponto a mobilidade geográfica pode ser vinculada à desterritorialização (HAESBAERT, 2007, 237).

Ainda para este autor, não se pode considerar que o território esteja desaparecendo, ou seja, que esteja havendo a aniquilação do espaço pelo tempo tão discutida atualmente entre alguns estudiosos, uma vez que para o mesmo autor, podemos conceber uma espécie de “territorialização” no movimento, devendo-se estar atento a que tipo de mobilidade esta sendo tratada. No caso do migrante, este é parcela integrante, ou se ainda não o é, está em busca de integração, numa pós-modernidade marcada pela flexibilização e precarização das relações de trabalho. O melhor seria optar pelo qualificativo “desterritorializado”, uma vez que este termo pode ser utilizado para os migrantes de classes subalternas em sua relação de exclusão na ordem socioeconômica capitalista, mas dificilmente pode ser utilizado para as classes privilegiadas (HAESBAERT, 2007).

De fato, para parte dos migrantes, há certa perda de identidade no lugar de destino, fazendo com que o migrante não se sinta como parte integrante no atual espaço. Mas este certamente está em busca dessa integração e muitas vezes consegue.

Os territórios podem ser construídos tanto ao nível local, quanto ao nível nacional, cada um sofrendo alterações em suas distintas escalas espaciais, mas, também, sofrendo alterações em suas relações sociais com o passar do tempo.

Um determinado espaço que possuía relações de poder caracterizadas por servidão entre o trabalhador do campo e seu “senhor” podem sofrer mudanças ao longo do tempo em virtude de uma grande crise nacional na produção de certo produto. Tal crise pode possibilitar a mudança do perfil econômico desse espaço, ou seja, uma área anteriormente produtora de algodão, em virtude de uma crise, tenta buscar outros meios de crescimento e desenvolvimento econômico que não necessariamente impliquem em relações de servidão.

Diante do exposto, a análise do território torna-se crucial para o entendimento sobre fluxos de capital e população, na medida em que tais fluxos, sejam de saída, sejam de entrada de capital ou de população, podem mudar a configuração territorial do espaço. Nesse sentido, a influência do território para a instalação de uma indústria de confecções, por exemplo, pode vir mudar a configuração populacional de um determinado espaço, ao atrair população de outras localidades, a fim de servir de mão-de-obra para esta indústria. A partir daí, as relações sociais anteriormente existentes nesse espaço se transformam.

A mão-de-obra migrante, recém chegada, num dado espaço, dificilmente vai se considerar como parte deste território imediatamente. É preciso um tempo para que o espaço seja devidamente “apropriado” por este grupo de indivíduos e estes se adaptem ao novo lugar.

Para Raffestin (1993, 143), “o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator territorializa o espaço”.

Entretanto, o autor ainda afirma que o território não é o espaço, mas se apóia no espaço. O território é, assim, um local de relações, só existindo em função dos objetivos intencionais do ator (RAFFESTIN, 1993). Nesse sentido, não se pode falar de território sem se voltar ao espaço e nem se pode falar de espaço sem se direcionar ao território, uma vez que o espaço pode ser visto como um território, quando são levadas em consideração as relações de poder existentes. E o território pode ser tido como o espaço apropriado a partir das relações de poder.

1.2 MIGRAÇÃO

A fim de melhor compreendermos o quadro migratório da área em estudo faz-se necessário, primeiramente, definir os conceitos de mobilidade e migração.

O conceito de migração, que é fundamental para este trabalho, varia bastante segundo a pesquisa e as características dos dados existentes e disponíveis. Por esse motivo, cabe explicitar de que forma este conceito será utilizado neste trabalho.

Certamente a distribuição dos seres, na atualidade, não pode ser responsabilizada pelas diferenças climáticas. Entretanto, as questões que dizem respeito à mobilidade e fixação de populações remontam aos nossos mais antigos primórdios. Antes do início da sedentarização do homem na terra e da domesticação de plantas e animais, as populações primitivas viviam como nômades, sempre em busca de alimentos e condições favoráveis a sua fixação. Durante muito tempo as condições naturais interferiram grandemente no processo de sedentarização das populações. Estas viviam em constante movimento, se deslocando na medida em que as condições climáticas não mais lhe asseguravam a sobrevivência. Também quando o alimento faltava era necessário a saída em busca de novas áreas mais fartas.

Para Ayoade (2003, 286), “o clima influencia o homem de diversas maneiras, e o homem influencia o clima através de suas várias atividades”. Ainda segundo o autor, há pouco tempo a ênfase maior residia no controle que o clima exercia sobre o homem e suas atividades. Foi com o aumento populacional e o aumento das capacidades tecnológicas e científicas, que se percebeu que o homem pode influenciar o clima. Mas o clima e as variações climáticas exercem grandes influências sobre a sociedade e ainda influenciando as várias atividades humanas, podendo interferir no desenvolvimento econômico de uma área, se permitirmos que o clima atue sem nenhuma interferência.

Desde as invasões dos povos bárbaros asiáticos até os migrantes dos novos tempos, grupos populacionais põem-se em movimento, lutando pela hegemonia de novos territórios, fugindo de perseguições étnicas e repressões múltiplas, vislumbrando a possibilidade de terras e mercados de trabalho mais promissores (BECKER, 2006).

A migração “pode ser definida como mobilidade espacial da população”, e por ser um mecanismo de deslocamento populacional, reflete mudanças nas relações entre as pessoas e entre essas e o seu ambiente físico (BECKER, 2006, 323).

Darwin teve um papel significativo no pensamento de Friedrich Ratzel, e este pode ser considerado um dos pioneiros nos estudos sobre migração. Ratzel entrou em contato com “A Origem das Espécies” de Darwin, a qual acabou por influenciar grande parte de seus estudos. Ratzel, em seus estudos políticos e antropogeográficos, também abordou questões relativas às migrações humanas.

Segundo Capel (1981), Ratzel, depois de uma viagem à América do Norte, se orientou em fazer geografia política, utilizando dados que havia reunido sobre um problema que lhe

interessava de maneira muito ampla, que era o das migrações. A relação das obras de Ratzel dá uma boa ideia de suas preocupações, a exemplo do primeiro volume da Antropogeografia, ao começar este volume com o problema do movimento histórico – a mobilidade e as migrações dos povos, as classes e intensidade dos movimentos étnicos, entre eles o nomadismo e os movimentos dos povos caçadores; e do segundo volume da sua Antropogeographie, que foi intitulada como Antropogeographie Die Geographische Verbreitung dês Menschen (Antropogeografia a distribuição geográfica dos homens), ao aplicar esta ideia de antropogeografia às análises da distribuição das sociedades humanas.

Entretanto, a importância de Ratzel não só para a geografia da população, e em consequência para os estudos sobre migrações, como para os demais ramos da disciplina, é até hoje posta em segundo plano, por este ter sido muitas vezes interpretado como determinista. Mas não há dúvidas de que as obras de Ratzel tiveram grande relevância para os primeiros estudos sobre movimentos migratórios.

De acordo com Capel (1981), em Ratzel havia uma preocupação com as relações entre o meio e os organismos vivos, incluindo o homem. Capel, ao selecionar frases da obra de Ratzel, indica a concepção ratzeliana a respeito das relações do homem com o clima:

(...) la segunda clase de influencias climáticas actúa sobre los movimientos de los pueblos, lo cual constituye la esencia de La historia: El clima continental de las estepas produce la vida errante de los nómadas (CAPEL, 1981, 284 apud RATZEL, 1912).

Nesse sentido, muitas dessas afirmações de Ratzel podem, sem dúvida, apoiar as teses de um Ratzel determinista. Mas tem-se que advertir que seu ponto de vista era mais matizado, e que não caiu em determinismo puro, sendo mais bem caricaturado que alguns de seus discípulos realizaram de suas ideias. É somente entre as sociedades primitivas onde a influência do clima e do meio natural se faz intensa e opressiva para a população (CAPEL, 1981). Entretanto, as afirmações de Ratzel indicam que suas concepções não eram deterministas, uma vez que ele aceitava explicitamente a capacidade do homem, em um certo nível de desenvolvimento e organização, de modificar os elementos do meio natural.

Segundo Carvalho (2001) há a necessidade de novas abordagens sobre as migrações que sejam capazes de contemplar outras dimensões da existência humana, além das econômicas. E é a partir daí que poderiam ser muito úteis e inspiradoras algumas das idéias presentes nas obras de pensadores como Ratzel, que não tem tido o direito de figurar sequer como pré-história dos estudos populacionais. Ainda segundo o autor:

(...) também nesse tema as possíveis contribuições de Ratzel ou foram esquecidas ou foram desvirtuadas e preconceituosamente apagadas de nossa história. Talvez isso se explique porque, de fato, haveria imensas dificuldades em vincular as formulações presentes nas obras de Ratzel aos reducionismos estatísticos e aos determinismos, sobretudo econômicos e ambientais, presentes nas análises geodemográficas da atualidade (CARVALHO, 2001, 22).

De fato, as abordagens ratzelianas sobre migrações se apresentavam muito vinculadas a preocupações etnográficas, aos movimentos étnicos, a origem e direção dos movimentos étnicos, as diferenciações étnicas (CAPEL, 1981). Entretanto, não se pode deixar de lado a relevante importância desses estudos para a formação das posteriores análises referentes aos fluxos populacionais. Uma vez que Ratzel foi um dos pioneiros a estudar de forma detalhada as migrações.

De acordo com Barros (2007, 219), “Frederico Ratzel fez um encontro entre os mecanismos de especiação ou diferenciação externos – migrações/difusões, meio geográfico – e o reconhecimento tipológico areal (zonas ou regiões culturais) das diferenças nos padrões culturais dos povos pelo mundo”.

Atualmente, nas abordagens sobre migrações, tem sido dado maior ênfase àquelas mais voltadas para as teorias econômicas, uma vez que o período em que vivemos se passa em um tempo em que a produção capitalista é o motor das relações sociais. Nesse sentido, muitos dos fluxos populacionais se dão a partir de alterações econômicas ocorridas em determinados locais, a exemplo do caso em estudo.

De acordo com Becker (2006, 321-322), “no âmbito das migrações internas, igualmente diversificada tem sido a tipologia dos deslocamentos”. Ainda para a autora, intensos fluxos rural-urbano ocorreram nas décadas de 50 e 60, representativos de um período marcado por crescente concentração fundiária e pela industrialização nos grandes centros urbanos do Sudeste brasileiro. Estabeleceram-se migrações interestaduais de longa distância na década de 70, especialmente a de nordestinos para o eixo Rio - São Paulo e a de sulistas para áreas do Centro-Oeste e da Amazônia. Multiplicaram-se as migrações temporárias de volantes e bóias-frias para as colheitas de cana-de-açúcar e laranja. Fomentaram-se os deslocamentos de “barrageiros” para a construção de grandes obras. Mas por outro lado, intensificou-se a mobilidade intermunicipal e intramunicipal, seja rural-urbana ou rural-rural, em decorrência da falta de terra. Outras formas e escalas de mobilidade ainda poderiam ser lembradas, a exemplo dos movimentos pendulares.

Como se pode observar, são inúmeros os tipos de deslocamentos populacionais e migrações, podendo variar nas formas, durações e escalas, e realizados nas mais diversas épocas e lugares, tornando-se, assim, importantes para a construção histórica de qualquer espaço. Nesse sentido, o estudo da mobilidade espacial pode ser dividido a partir das abordagens neoclássicas e neomarxistas.

Becker (2006), afirma que o fenômeno migratório, até os anos 1970, era considerado a partir de uma perspectiva neoclássica, dentro de uma visão descritiva e dualista, em que a análise estatística, de fluxos e aglomerados era favorecida em detrimento da visão histórico-geográfica de uma formação social. Para essa abordagem a decisão de migrar era percebida como decorrente apenas da decisão pessoal e não produzida por forças sócio-econômicas externas. Foi a partir de meados dos anos 1970 que a migração foi reconsiderada sob a abordagem neomarxista, passando, a migração, a ser concebida como mobilidade forçada pelas necessidades do capital e não mais como um ato soberano de vontade pessoal.

Ainda de acordo com a autora, dentre os estudos tradicionais com enfoque neoclássico são considerados básicos aqueles desenvolvidos por Ravenstein, Lee e Todaro, por estes darem ênfase às características pessoais dos migrantes e alguns fatores condicionantes das migrações entendidos como fatores de atração-repulsão. Quanto ao enfoque neomarxista das migrações, Becker afirma que o contexto de análise da mobilidade espacial da população foi expandido ao se discutir o seu caráter histórico-estrutural (BECKER, 2006). Assim, dentre os estudiosos do enfoque neomarxista sobre migrações estão Singer, Gaudemar, Slater, Moreira, Harvey, entre outros.

As discussões a respeito das migrações nos enfoques neoclássicos e neomarxistas serão adotadas no presente estudo, por ambas as abordagens apresentarem características relevantes não só para este estudo, mas para qualquer análise referente à mobilidade espacial de população.

Para Ravenstein (1980), em seu estudo sobre as leis da migração, os motivos que levam o migrante a abandonar o lar são inúmeros, mas na maior parte dos casos estão associados à busca de trabalhos mais bem remunerados e atraentes do que os disponíveis nos locais de origem: a procura de mão-de-obra em nossos centros industriais e comerciais é sem dúvida, a causa primeira das correntes migratórias.

Já de acordo com Lee (1980), são quatro os fatores do ato migratório: os fatores associados ao local de origem, os associados ao local de destino, os obstáculos intervenientes e os fatores pessoais. Estes são os fatores decisivos que levam o indivíduo a sair do local de origem.

Nesse sentido, Lee (1980) considerou migração como mudança permanente ou semipermanente de residência, não importando a distância ou a natureza, seja voluntária ou involuntária do deslocamento e não se estabelecendo distinção entre a migração externa e a interna, mesmo que estas apresentem diferenças imensas. No entanto, ficam de fora da definição todas as classes de mobilidade espacial como os nômades, os trabalhadores migrantes sem residência durante período prolongado, e os deslocamentos temporários, mas o conceito independe dos obstáculos, tais como distância, condições climáticas adversas e falta de conhecimento do local de destino, por exemplo.

Para Singer (1980), as motivações das migrações podem ser traduzidas por motivos econômicos – procura de trabalho e melhores condições de vida; ou quando o migrante vai acompanhar a família.

O enfoque neoclássico dos movimentos populacionais utiliza o mesmo instrumental aplicado ao comportamento dos capitais e serviços, que são componentes de uma dada estrutura econômica. A migração seria um instrumento que possibilita o equilíbrio, a fim de corrigir os diferenciais de renda existentes entre localidades (SJAÄSTAD, 1980 *apud* NETTO JÚNIOR, 2003).

No que toca à abordagem do capital humano, esta leva em consideração um montante maior de variáveis que exercem papel importante na decisão do trabalhador migrar. A migração, para esta abordagem, é um mecanismo por meio do qual se busca melhor condição de trabalho. A decisão do migrante em sair de seu local de origem é tomada como um investimento qualquer, no qual se ponderam os custos e possíveis benefícios (SCHULTZ, 1973 *apud* NETTO JÚNIOR, 2003). Assim, para esta abordagem, a razão básica que leva o agente à decisão de se deslocar ou não são os diferenciais salariais.

A própria evolução histórica do capitalismo permitiu que as teorias neoclássicas admitissem as relações entre mercado de trabalho e bons salários como fatores de deslocamentos migratórios em função da busca de emprego e renda. O deslocamento espacial seria a expansão geográfica do capital e do trabalho excedente (MENEZES, 2001).

Dentro dessa perspectiva fica clara a existência da relação entre migrações e níveis de renda, na medida em que estes podem determinar o sentido dos fluxos populacionais. Assim, a existência da oferta de trabalho mais bem remunerado no destino que na origem pode ser o motivo para migrar.

Dessa maneira, o estudo das migrações torna-se importante para o entendimento do processo de expansão do capital, a fim de entender as desigualdades que se encontram, não

apenas entre as regiões do país, mas entre municípios de uma mesma Unidade da Federação, ou mesmo entre municípios da mesma mesorregião.

Segundo Oliveira e Jannuzzi (2001), as desigualdades das taxas de crescimento econômico, da oferta de empregos e de nível de salários tenderiam a criar áreas propensas à evasão populacional e áreas destinadas à atração migratória, originando fluxos de pessoas em busca de trabalho ou melhores rendimentos. Nesse sentido, a busca por trabalho e acesso a serviços sociais deveriam ser as principais motivações para a migração declaradas pelos migrantes no levantamento de motivos de migração da PNAD 2001 no Brasil. Entretanto, segundo o autor, os dados da PNAD indicaram ser várias as motivações para migrar e dentre as mais citadas estão motivações como acompanhar a família, motivos relacionados ao custo da moradia migração motivada por estudo ou por questões de saúde, migração de retorno, além da mudança motivada por busca de trabalho. Ainda de acordo com os autores:

(...) a não primazia do trabalho como motivação principal para migração na PNAD devesse, ao fato de que o quesito acerca dos motivos de migração foi aplicado a todos os indivíduos que fizeram um deslocamento nos últimos 4 anos, indistintamente da idade. Assim, é natural que para cada chefe de família que declarasse migrar em busca de trabalho, houvesse cônjuge e filhos que declarassem que o deslocamento decorria – para eles – como a necessidade de acompanhar o chefe ou os pais (OLIVEIRA e JANNUZZI, 2001, 4).

Os autores ainda chamam atenção ao fato de que as transformações na estrutura produtiva brasileira e as novas configurações do desenvolvimento regional que se delineiam a partir da década de 70 trazem importantes alterações na dinâmica migratória nordestina. Em que o processo de desconcentração econômica, amparado pelas políticas de incentivo ao investimento industrial no Nordeste, influencia o comportamento da migração nordestina na década de 80, onde se destacam os fluxos de retorno (CUNHA, BAENINGER, 1999 apud OLIVEIRA, JANNUZZI, 2001, 12).

Segundo Martine e Camargo (1984), eram quatro os padrões da distribuição inter-regional da população brasileira, se dividindo entre as áreas tradicionais de emigração, composta pela região Nordeste, excluindo-se o Maranhão; o núcleo industrial, formado pelos estados de São Paulo e Rio de Janeiro; às áreas de fronteiras consolidadas, composta pelos estados do Paraná, Maranhão, Goiás e Mato Grosso do Sul e às áreas de fronteira em expansão, formada pela região Norte e pelo estado do Mato Grosso. Mas vale destacar, como já foi mencionado mais acima, que tais padrões foram sendo modificados com o passar dos anos e com as novas tendências de concentração industrial.

Até o século passado boa parte dos estudos abordava o tema da migração de forma generalizada, muitas vezes limitando-se aos dados estatísticos. Também, durante muito tempo, a geografia e as demais ciências sociais analisaram as migrações a partir das motivações e liberdades individuais dos migrantes, ou então a partir do processo da generalização da mobilidade da força-de-trabalho como causa sócio-estrutural.

No século passado, até meados dos anos 1960, ainda não se tinha conduzido incursão aprofundada no campo de uma teoria sobre a migração. Parte dos estudiosos abandonou o estudo da população; entretanto, surgiu boa quantidade de demógrafos interessados na temática das migrações, mas contentavam-se mais com resultados empíricos. Ravenstein (1885) pareceu ter sido, em sua época, um dos poucos estudiosos a realizar uma comparação detalhada sobre o volume das migrações internas ou das características dos migrantes com base em um número considerável de nações (LEE, 1980).

No entanto, atualmente, os deslocamentos populacionais vêm ganhando novas características, principalmente no que diz respeito à exclusão de grandes contingentes da população mundial do mercado de trabalho (principalmente o formal), assim como a sua integração precária no sistema produtor de mercadorias, o que vêm provocando novas formas de movimentos territoriais, que não necessariamente impliquem em mudança de moradia.

Os deslocamentos podem ser de longa distância, como os realizados entre estados e países, que na maioria das vezes requerem moradia fixa ou sazonal; mas por outro lado, podem ser de curta distância, ocorrendo entre cidades ou localidades vizinhas, e não necessariamente exigem mudança de moradia.

Entretanto, não se pode deixar de considerar as atuais mudanças na configuração dos fluxos populacionais. A migração permanente ou temporária, hoje, vem deixando de ser a única opção para a população que sobrevive com a falta de renda e trabalho em um dado lugar. Os movimentos pendulares vêm ganhando relativa importância para moradores de municípios próximos a pólos industriais, e não apenas aos localizados nos grandes centros urbanos.

Tal processo se deve muito a atual transição da mobilidade exposta por Wilbur Zelinsky, a qual é nada mais que a passagem de uma mobilidade tradicional, com a migração, para uma mobilidade mais fluida.

Quando há necessidade de distinguir entre o migrante permanente e o “trabalhador” temporário, isto é feito através da definição arbitrária de migrante como sendo aquele que se transfere pelo período de um ano ou mais. Mas esta definição tem sentido apenas de

conveniência e não considera os movimentos de curta duração (TREWARTHA, 1974). O trabalhador temporário acaba retornando, sazonalmente, para seu lugar, o que não ocorre com o migrante permanente.

Para Carvalho e Rigotti (1997), deve-se estar atento aos procedimentos de análise e às sutilezas do conceito de Saldo Migratório, para que este seja definido com precisão. De acordo com estes autores:

(...) deve-se ressaltar que a estimação indireta da migração resulta, normalmente, em estimativas de resultados líquidos, pois referem-se à diferença entre o volume dos que não residiam na região no início do período em análise e para lá migraram (imigrantes) e aqueles que lá residiam no início do período e dela saíram (emigrantes), descontados os efeitos da mortalidade e da reemigração. Este é o verdadeiro conceito de saldo migratório (SM), que corresponde, no período em análise, à diferença entre imigrantes e emigrantes de datas fixas. O SM mede a contribuição das migrações ao crescimento populacional do período (CARVALHO; RIGOTTI, 1997, 341).

Dessa forma, pode-se fazer uma análise mais adequada das características dos fluxos populacionais de uma dada região, verificando os tipos de migração e a intensidade da entrada e saída dessa população.

A migração é muitas vezes interpretada como consequência apenas das desigualdades sociais e considerada como fruto de sistemas de estratificação social. Nesse sentido, dentro de um novo aporte teórico e metodológico, a questão da migração procura redefinir os conceitos de migrante e migração, e os métodos de análise dos fluxos migratórios e das políticas populacionais.

Normalmente, o estudo da migração é realizado com o apoio de ferramentas estatísticas, mas este exercício quantitativo, de extrema importância, vem necessitando também de abordagens qualitativas que possibilitem não apenas identificar os aspectos, mas também constatar os efeitos sociais dos fluxos. Dessa forma, os estudos acerca das características sociais e econômicas que levam o indivíduo a migrar apresentam grande contribuição por identificar esses efeitos sociais dos fluxos.

Singer destaca a teoria das desigualdades regionais como o motor das migrações internas, as quais acompanham a industrialização das regiões mais desenvolvidas (SINGER, 1973 *apud* GOMES, 2006).

São as desigualdades, tanto entre regiões quanto entre municípios, que levam boa parte da população a buscar novas oportunidades em novos mercados de trabalho, motivo pelo qual

se vê a saída de indivíduos ou grupos de indivíduos do lugar de origem, a fim de encontrar trabalho e capital para a manutenção da família.

Segundo Gomes (2006), o processo de produção do capital se viabiliza na medida em que ocorre o deslocamento espacial, fazendo com que haja a formação do exército industrial de reserva, que é um excedente de mão-de-obra para manter os salários baixos, justamente devido ao excedente de contingente.

No entanto, mobilidade não é apenas espacial, pode ser também social. À medida que dimensionamos o contexto histórico no qual os nordestinos estão inseridos, vemos as condições políticas econômicas e sociais que excluem grande parte dessa população (GOMES, 2006). Esta realidade faz com que a migração seja vista como mobilidade forçada, em que o capital designa esse grupo aos pólos de atração.

No que diz respeito aos fluxos populacionais intra-regionais, estes podem apresentar ligações com o desenvolvimento regional, assim como com seu crescimento econômico. Diante disso, a análise da dinâmica econômica torna-se importante para o entendimento das migrações e para as consequências da ampliação das desigualdades regionais. Neste contexto, as regiões Sudeste e Nordeste têm especial destaque nesse processo, por serem pólos de atração e expulsão de migrantes, respectivamente.

A discussão acerca da categoria migração entre os diversos estudiosos que trabalham com a temática foi necessária para o entendimento da contextualização dos processos migratórios no recorte espacial escolhido que será apresentada no capítulo referente aos resultados.

1.3 REDES SOCIAIS NA MIGRAÇÃO

No fenômeno migratório há a presença de fatores que podem facilitar, ao indivíduo, ou a um grupo, não apenas a inserção no lugar de destino, mas também no seu deslocamento da cidade de origem até seu destino.

Os fatores reais prevaletentes nos locais de origem e de destino não levam tanto a migração como o faz a percepção que se tem a respeito de tais fatores. Assim, é importante estar atento para a existência dos fluxos de conhecimento originários dos locais de destino para os de origem. Estes fatores possibilitam a aquisição de informações acerca do local de destino, e até mesmo no de origem, quando o migrante, por tomar conhecimento de condições vantajosas, decide retornar, muitas vezes, também, levando parentes e amigos do local de

destino para o de origem (LEE, 1980). Mas isto, no entanto, depende muito dos contatos pessoais que o migrante venha a ter, por intermédio de parentes, amigos ou companheiros.

Para Fazito (2002) regiões se conectam através de fluxos de ordens variadas; pessoas migram através de uma “instituição invisível”, que são as redes familiares ou pessoais; o contato com indivíduos e canais responsáveis pela facilitação da viagem. Estes seriam exemplos da existência de uma rede social da migração.

Rede é um conjunto de nós interconectados, são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação. As redes constituem a nova morfologia social da sociedade e a difusão de sua lógica modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Esta lógica gera uma determinação social em nível mais alto que a dos interesses sociais específicos expressos por meio das redes; nesse sentido, o poder dos fluxos é mais importante que os fluxos do poder (CASTELLS, 2003).

Entretanto, Dimitri Fazito (2002), em seu estudo “A Análise de Redes Sociais (ARS) e a Migração: mito e realidade” deixa clara a necessidade de diferenciar rede social na migração de rede migratória. Segundo ele:

(...) é preciso diferenciar a “rede social na migração” da “rede migratória” propriamente dita. Quando se fala de “rede migratória”, na perspectiva da ARS, especifica-se um tipo de rede social que tem como elementos fundamentais os fluxos populacionais trocados por regiões ou territórios que compõem um sistema social. No caso das redes sociais na migração, salienta-se o conteúdo e diversas dimensões das relações sociais que participam no processo social da migração (FAZITO, 2002, 14).

Devido a noção de redes sociais na migração ser mais facilmente compreendida a partir de uma perspectiva micro, centralizada nas ações e interações individuais – daí o equívoco frequente de identificá-la com as “redes interpessoais” (FAZITO, 2002).

Nas relações sociais de migrantes, é comum entrar a ajuda e solidariedade dos migrantes mais antigos, da área de destino, para os recém chegados. E são estas redes, na maioria das vezes, que encaminham os migrantes aos mercados de trabalho.

Segundo Fusco (2002), a migração é um processo criador das redes sociais, na medida em que desenvolve uma densa gama de contatos entre locais de origem e destino. Nesse sentido, a rede social é um sistema dinâmico repleto de canais por onde passam informações, dinheiro, solidariedade e pessoas. As redes sociais mostram locais onde o migrante pode se

beneficiar com a presença de pessoas conhecidas que já estão incorporadas no lugar, e com informações indispensáveis para sua entrada no mercado de trabalho.

Em outro estudo o autor afirma que um dos mecanismos que promove a circulação de recursos pelas redes sociais é a reciprocidade como norma de comportamento (FUSCO, 2009). Segundo Fusco:

(...) a ajuda para encontrar hospedagem, por exemplo, não necessariamente é fornecida pelos laços sociais fortes: se um parente fornece essa ajuda, ele pode hospedar o migrante em sua própria residência, ou, ainda, fornecer informações ou indicações de possíveis locais, nos quais outros imigrantes devam algum favor àquele parente, ou ainda a outro imigrante. O mesmo ocorre para a ajuda na obtenção do primeiro emprego (FUSCO, 2009, 274).

E a ajuda ou solidariedade vai, até mesmo, além de contribuições sobre informações de moradia e trabalho, chegando, às vezes, a ajuda com custos financeiros, que podem ir da viagem à hospedagem. Os antigos apoiando os mais novos, tanto materialmente, quanto com oportunidades de trabalho.

Torna-se importante considerar que laços de solidariedade familiar, que refletem situações de classe social, desempenham um papel de suma importância na interação do migrante à economia e à sociedade de destino (SINGER, 1980).

Nesse sentido pode-se considerar que as redes sociais tornam-se, muitas vezes, um mecanismo de sustentação dos fluxos migratórios, uma vez que são uma motivação a mais para a migração. As redes, assim, estariam atreladas à manutenção e expansão do movimento (FUSCO, VASCONCELOS, 2010). A motivação no ato migratório se deve em muito às facilidades adquiridas com informações a respeito do local de destino, informações sobre trabalho, e ajuda financeira. Estes meios facilitadores podem sustentar os deslocamentos e mesmo expandi-los.

Segundo Fusco (2007), quando alguns migrantes pioneiros se estabelecem, após enfrentarem os custos e os riscos há o primeiro estágio de um fluxo maior. Entretanto para que se dê uma evolução desse processo é necessário que os pioneiros mantenham e cultivem os laços sociais com o de origem. O deslocamento de alguns migrantes, juntamente com suas redes pessoais, associado à ampliação dessas redes no local de destino faz com que se inicie o processo de expansão da migração, pois os demais membros do grupo original do migrante passam a ter mais contatos no destino, configurando-se como potenciais fontes de recursos. Esse aumento do alcance das redes sociais amplia a esfera de inclusão para potenciais migrantes.

1.4 FLUXOS PENDULARES

No Brasil, a mobilidade espacial de pessoas passa a ser rediscutida de outras formas, surgindo noções como circularidade, retorno, contra-urbanização e residência base, fazendo aparecer tipos de deslocamentos com destinos, duração e periodicidade diversos, que não necessariamente impliquem em mudança de residência. As estratégias dos migrantes se alteram em função da nova realidade, da flexibilidade produtiva e precariedade do mercado de trabalho. No caso brasileiro uma outra modalidade de deslocamento populacional, que não é considerada migração, tem tido pouca relevância nos estudos sobre “movimentos populacionais”, a mobilidade pendular (OLIVEIRA, 2006).

Nesse sentido, a pendularidade e as novas modalidades de movimentos espaciais de população poderiam ser mais discutidas e analisadas, na medida em que podem ser uma nova face do modo como se desenvolvem os atuais fluxos de população. De modo geral a migração e a mudança de residência muitas vezes podem não ser mais tão vantajosas.

Cabe lembrar que as empresas iniciaram um processo de desintegração, tanto espacial - quando as empresas saem do lugar de origem, na maioria das vezes grandes centros urbanos, para o interior, onde os impostos são menores e a mão-de-obra é barata - quanto produtiva - quando se dá o processo de terceirização, a fim de aumentar a competitividade no mercado mundial. Este processo de realocização de empresas e pessoas tem crescido bastante nas atividades de confecções de roupa em Pernambuco. Observa-se um aumento considerável no número de empresas que se dirigem para o pólo de roupas do Agreste, o que tem provocado a entrada de um grande contingente de população, de outras localidades, que busca emprego.

Porém, o migrante, ao procurar novas estratégias, altera o modo como se processavam as migrações, quando os movimentos eram de médias e longas distâncias correspondiam a mudanças definitivas de residência. Como consequência, surge a pendularidade e outras novas modalidades de movimentos populacionais, que poderiam ser vistas como faces do modo como se transformariam os movimentos migratórios. É este o processo que se verifica nos municípios que fazem parte do Pólo de Confecções de Toritama, pois se percebe que uma boa parte dos trabalhadores mora em cidades e zonas rurais de municípios vizinhos, se dirigindo, diariamente, para o pólo, a fim de exercerem suas atividades.

Há várias discussões em relação ao conceito de migração pendular, devido este tipo de fluxo ser considerado apenas como mobilidade populacional, não entrando no conceito de migração. Atualmente, tem-se discutido bastante entre os estudiosos que trabalham com

fluxos populacionais e entre os demógrafos, a questão da inserção da mobilidade pendular como um tipo de migração, mas ainda pode-se observar que tal mobilidade não foi empregada como migração pelos estudiosos. Entretanto, a mobilidade pendular será incluída neste estudo devido a grande importância que vem tomando no atual contexto da dinâmica migratória e nos estudos sobre rede urbana.

Segundo *The Determinants* (1973), excluem-se da definição de migração os movimentos cujos indivíduos não se estabelecem permanentemente no local de destino. Refere-se, portanto, às mudanças permanentes de residência entre unidades espaciais pré-definidas (THE DETERMINANTS, 1973, *apud* CARVALHO e RIGOTTI, 1997, 339-340). Nesse sentido, se torna pertinente revisar o conceito de "migração pendular", e a discussão atual que sugere uma outra denominação, qual seja a de movimento pendular.

O estudo da dinâmica metropolitana com base nos movimentos pendulares está vinculado a uma das linhas tradicionais de pesquisa em Geografia Urbana com a identificação de áreas de influência ou regiões funcionais. Portanto, a discussão do movimento é indissociável da de mobilidade. É esta que vai caracterizar a vida urbana atual, acentuando a importância dos transportes. Nessa discussão, deve ser considerada a própria diversidade de uso do termo em expressões, ora aparecendo como "migração pendular", ora como "movimento pendular" (BRANCO, FIRKOWSKI, MOURA, 2005).

Ainda para as autoras, o conceito de "migração pendular" é antigo na Geografia, pois aparece nas análises de Beaujeu-Garnier e Derruau, dentre outros, com ênfase em Geografia da População. Para estes não há uma denominação única a essa ordem de deslocamentos, na medida em que ora se referem à "migração" ora a "movimento". Assim, enquanto a migração envolve mudança de residência, os deslocamentos pendulares caracterizam-se por deslocamentos entre o município de residência e outros municípios, com finalidade específica (BRANCO, FIRKOWSKI, MOURA, 2005).

Desse modo, a natureza dos deslocamentos pendulares difere substancialmente da compreendida pelos movimentos migratórios, embora ambos impliquem fluxos de pessoas no território. No "movimento" ou "deslocamento" pendular se entende que a dinâmica envolve um deslocamento diário e que, portanto, não implica transferência para outro lugar ou fixação definitiva.

Para alguns autores (OJIMA, PEREIRA, SILVA, 2007), essa modalidade de movimentos de ir e vir é normalmente denominada como "deslocamento pendular" por se considerar que trabalhando ou estudando em municípios distintos este movimento possui uma regularidade cotidiana. É uma das maneiras de captar empiricamente a dinâmica populacional

que configura esses movimentos é a utilização da informação censitária que registra o município que a pessoa trabalha ou estuda. Nesse contexto, verifica-se que o uso da informação de deslocamento pendular com objetivo de trabalho ou estudo é uma importante ferramenta para entender os processos de metropolização, pois permitem verificar o grau de extensão da circularidade de pessoas em uma determinada área.

1.5 TRABALHO

Considerando-se que este estudo vem tratar de questões sobre migrações e mobilidade pendular relacionadas à busca de trabalho e melhores condições de vida, faz-se necessário realizar uma breve discussão acerca do que vem a ser trabalho e quais suas possíveis implicações.

A definição do termo “trabalho” apresentou e ainda apresenta certos problemas. Sua conceituação apresenta-se muitas vezes sob a forma de comparação ou distinção entre trabalho e labor, trabalho e emprego, trabalho formal e trabalho informal, quase sempre tentando mostrar o que vem a ser trabalho ou não-trabalho.

Segundo Keith Grint (1998), uma das maneiras de distinguir o que é trabalho é a partir da oposição de Arent entre labor e trabalho, ao considerar o primeiro como uma atividade corporal concebida para assegurar a sobrevivência, em que os resultados são gastos imediatamente; e o segundo como uma atividade empreendida com as nossas mãos que dá objetividade ao mundo. Contudo, segundo Grint:

(...) a principal dificuldade na abordagem de Arent é que em muitas sociedades industriais muito pouca actividade gera produtos para consumo imediato, ao passo que em algumas sociedades de caçadores-coletores, muito pouca actividade gera artefactos materiais que dão objetividade ao mundo (GRINT, 1998,18).

O trabalho tende a ser uma atividade que transforma a natureza e é normalmente empreendida em situações sociais específicas sob as quais, atividades como essas, são empreendidas e, de maneira exigente, como é que estas circunstâncias e atividades são interpretadas por aqueles que estão envolvidos. Sendo assim, o trabalho é construído socialmente, não havendo qualquer coisa permanente ou objetiva chamada trabalho, nesse sentido, existindo aspectos das atividades sociais que construímos como trabalho. “O que

conta como trabalho não pode ser separado do contexto em que se encontra e o contexto muda necessariamente no espaço e no tempo” (GRINT, 1998, 17-23).

Ainda segundo o autor, a maioria das explicações sobre trabalho estão relacionadas com o emprego remunerado, mas o emprego como trabalho remunerado a tempo inteiro, numa ocupação em um setor industrial, tem sido um fenômeno comum apenas em um espaço e tempo muito restritos (GRINT, 1998).

Há muitos casos, em diversas épocas, seja no passado ou mesmo na atualidade, e em diversos espaços, o trabalho não é o trabalho remunerado. Trabalha-se por troca de alimento e/ou moradia. E o que se falar do trabalho familiar, muitas vezes sem remuneração? Neste último, por exemplo, pode ser observado a esposa e filhos trabalhando sem que necessariamente recebam salário.

Segundo David Harvey (2001), a teoria de Marx do crescimento econômico sob o capitalismo situa a acumulação de capital no centro das coisas. Para Marx, acumulação é o motor cuja potência aumenta no modo de produção capitalista. E o progresso da acumulação depende e pressupõe:

(...) a existência de um excedente de mão-de-obra, isto é, um exército de reserva industrial, que pode alimentar a expansão da produção. Portanto, devem existir mecanismos para o aumento da oferta de força de trabalho, mediante, por exemplo, o estímulo ao crescimento populacional, a geração de correntes migratórias, a atração de ‘elementos latentes’ – força de trabalho empregada em situações não-capitalistas; mulheres, crianças etc. – para o trabalho, ou a criação de desemprego pelo uso de inovações que poupam trabalho. A existência no mercado de quantidades necessárias (ou oportunidades de obtenção) de meios de produção – máquinas, matérias-primas, infra-estrutura física e assim por diante -, que possibilitam a expansão da produção conforme o capital seja reinvestido. A existência de mercado para absorver as quantidades crescentes de mercadorias produzidas. Se não puderem ser encontradas necessidades para os bens, ou se não existir demanda efetiva (a necessidade retraída pela incapacidade de pagamento), então desaparecerão as condições para a acumulação capitalista (HARVEY, 2001, 44-45).

Foi a partir dessa ótica capitalista que o processo de acumulação de capital transformou o trabalho na contemporaneidade, alterando significativamente as relações de trabalho, principalmente as ligadas às classes desfavorecidas da sociedade, dentre elas: os pobres, as mulheres, as minorias étnicas e os migrantes.

O trabalho hoje, na visão neoliberal, “teria perdido sua centralidade e, cada vez mais, milhões de pessoas são condenadas à condição de supérfluos, de descartáveis pelo sistema global do capital em escala mundial” (ANTUNES, SILVA, 2004, 8). Como se sabe,

atualmente são muitas as pessoas levadas a precárias condições de trabalho, tendo muitas vezes que se submeterem a jornadas de trabalho e salários indignos.

Nesse sentido, Vasapollo (2006) afirma que com o pós-fordismo e a mundialização econômico-produtiva, o trabalho ilegal vem assumindo dimensões gigantescas, também porque os países industrializados deslocaram sua produção para além dos limites nacionais e, sobretudo, vêm investindo em países nos quais as garantias trabalhistas são mínimas e é alta a especialização do trabalho, conseguindo, assim, custos fundamentalmente mais baixos e aumentando a competitividade.

Foi a rigidez do *Fordismo* que o levou a decadência em meados dos anos 60. A rigidez dos investimentos de capital fixo, rigidez no sistema de produção em massa, nos mercados, na alocação e nos contratos de trabalho, a rigidez dos compromissos do Estado. A rigidez do modo de produção fordista fez com que houvesse a necessidade de um novo processo de acumulação. Um processo de acumulação que fosse mais flexível, e que desse conta das características econômicas que estavam aparecendo. Surgiu então, com o fim do período fordista na década de 60, um modelo de acumulação flexível, que vinha trazer uma maior terceirização da produção.

O fordismo trouxe, para a maioria dos países do terceiro mundo, insatisfação, destruição de culturas locais, muita opressão e numerosas formas do domínio capitalista em troca de ganhos muito baixos em termos de padrão de vida e de serviços públicos para a massa dos operários (HARVEY, 2006).

De fato, o fordismo veio trazer características de divisão do trabalho, especialização, produção e consumo em massa. O exemplo mais típico é do fábrica de montagem de automóveis. Mas essas características foram levadas à praticamente todos os ramos industriais do mundo. Em certa medida, o fordismo até veio trazer um crescimento no número de postos de trabalho, mas nestes vinham por trás também um aumento na jornada de trabalho.

Atualmente, muitas indústrias de diversos ramos, não apenas no Brasil, mas em todo mundo, ainda vêm assumindo características pós-fordistas, em que são adotadas medidas de flexibilização do trabalho.

O pós-fordismo veio trazer mudanças nas relações de trabalho a partir do novo regime de acumulação flexível, proporcionando uma nova reorganização do processo de trabalho e da relação salarial que podem ser observadas com a flexibilidade no contrato de trabalho, a partir da criação dos contratos temporários (LEBORGNE, 1988).

A nova organização capitalista do trabalho é caracterizada cada vez mais pela precaridade, flexibilização e desregulamentação, de maneira sem precedentes para os

assalariados. E a flexibilidade é considerada uma das alternativas para combater o desemprego. No entanto, a flexibilização não pode ser tida como única solução para aumentar os índices de ocupação. Para o autor ocorre justamente o contrário, a flexibilização “é uma imposição à força de trabalho para que sejam aceitos salários reais mais baixos e em piores condições”. É a partir daí que estão sendo reforçadas as novas ofertas de trabalho pelo mercado ilegal, no qual está sendo difundido o trabalho irregular, precário e sem garantias. “O sistema fordista nos havia acostumado ao trabalho pleno e de duração indeterminada”, agora, o que ocorre é o contrário, muitos trabalhadores têm um contrato de curta duração ou de meio expediente, podendo ser alugados por algumas poucas horas ao dia, ou por poucos dias da semana (VASAPOLLO, 2006, 45-52).

O que vem caracterizando o processo produtivo, hoje, em boa parte das indústrias do mundo, principalmente as ligadas à indústria têxtil, é o aumento da terceirização, e em consequência, a precarização do trabalho, com a diminuição da remuneração, esta paga muitas vezes por quantidade de peças produzidas, não havendo pagamento de salário fixo, e com o aumento da jornada de trabalho, a fim de que a renda possa ser um pouco maior no final do mês, uma vez que quanto mais o trabalhador produzir, maior será seu “salário” mensal.

Desde os escritos de Marx observa-se que uma das tendências do capitalismo é o crescimento cada vez maior a utilização da “base técnica” por meio dos investimentos em tecnologia e ciência, havendo um aumento considerável do domínio da maquinaria em praticamente todos os ramos da produção (ANTUNES, SILVA, 2004). Mas, ainda hoje, nem todas as etapas de processos produtivos, em diversos ramos, possuem ou utilizam técnicas avançadas na produção.

De acordo com Jinkings e Amorim (2006, 338), “o complexo produtivo da cadeia têxtil envolve o beneficiamento de fibras, a fiação, a tecelagem e malharia, o acabamento de fios e tecidos e a confecção (...)”. A confecção é a última fase do processo produtivo têxtil e se constitui na atividade menos automatizada desse processo, sendo ainda muito intensivo o uso de força de trabalho. Na costura é menor o uso de tecnologia e muito maior o uso de trabalho humano.

Nesse sentido, pode-se observar que o processo produtivo de confecções ainda necessita especificamente da mão-de-obra barata e em grande quantidade para proporcionar o aumento da produção e o barateamento dos custos.

A abertura econômica brasileira fez com que houvesse um aumento da competitividade entre os setores industriais brasileiros e os de outros países. De acordo com Isabella Jinkings e Elaine Amorim, a indústria têxtil foi um dos setores da economia brasileira que mais sofreram

com a abertura econômica e a sobrevalorização cambial ocorridas a partir da implantação do Plano Real. E para não perder com a competitividade, aumentar os lucros e diminuir os custos a indústria, têxtil brasileira também adotou o processo de terceirização da produção (JINKINGS & AMORIM, 2006). Diante disso, ainda de acordo as autoras:

(...) a terceirização corresponde a uma das práticas de flexibilização da produção mais incorporada pelas empresas brasileiras como parte do processo de reestruturação produtiva. Em contraste com a verticalização e a concentração das atividades produtivas existentes sob o fordismo, no contexto da acumulação flexível a externalização parcial ou total da produção assumiu um papel fundamental como estratégia de obtenção de lucros e de redução de gastos com insumos e encargos sociais (JINKINGS & AMORIM, 2006, 363).

Segundo dados do relatório da pesquisa “O Pólo de Confecções de Toritama : análise das relações de trabalho e da informalidade” de 2008 realizada pela Fundação Joaquim Nabuco, esse quadro retrata bem o que vem ocorrendo com as indústrias de confecções no Brasil. Estas possuem uma grande diversidade, tanto de mercados quanto de produtos, processos de produção, qualificação e regime de trabalho, tipos de organização, níveis tecnológicos, tamanhos e volumes de capital. O mercado interno é bastante diversificado e, além disso, bem mais representativo que o mercado externo. Mas as indústrias de confecções no Brasil têm reduzido o seu tamanho e terceirizado sua produção, ampliando o número de pequenas empresas contratadas e incrementando o trabalho informal.

Contudo, este processo não vem ocorrendo apenas nas grandes metrópoles, mas em muitos municípios do estado de Pernambuco, os quais estão passando por esta nova reestruturação e espacialização do mercado, principalmente os que fazem parte da região estudada.

Há uma tendência em atribuir o aumento dos postos de trabalho ao crescimento do processo de flexibilização. Mas, essa “ilusão” apresentada pela flexibilização se traduz em postos de trabalho que são em sua grande maioria informais e caracteristicamente precários.

A flexibilidade trouxe, também, níveis altos de desemprego estrutural e ganhos modestos, além de uma jornada de trabalho que tem, em média, quarenta horas por semana, mas que obriga o empregado a trabalhar bem mais em períodos de muita demanda e é responsável pelo aumento do trabalho temporário e pelas subcontratações. E são estas últimas que abrem oportunidade para a formação de pequenas empresas, permitindo até sistemas de trabalho doméstico e familiar (HARVEY, 2006).

O “aumento” no número de postos de trabalho por uma dada indústria, ou mesmo um pólo industrial, localizado em uma determinada cidade, pode levar muitas vezes a atração de população, de outras localidades, que busca emprego, muitas vezes escassos em seus lugares de origem. Esta população se dirige em busca desses postos ofertados por essas indústrias que necessitam de mão-de-obra abundante e barata em sua maioria, como é o caso das indústrias têxteis e de confecções. A busca por melhores condições de vida e, em consequência, por trabalho mais bem remunerado que os oferecidos no local de origem tem levado muitas vezes, a grandes massas de migração de população que sofrem com a falta de sustento para a sua família.

Sabe-se que atualmente as migrações não se apresentam apenas relacionadas à busca de sobrevivência, fuga de secas e calamidades naturais, mas a abordagem das migrações laborais será a apresentada neste estudo por se tratar de um caso diretamente relacionado ao fornecimento de mão-de-obra barata para a indústria de confecções.

Vale ressaltar que a expansão do proletariado por meio da acumulação primitiva é muito adotada como maneira de fornecer a mão-de-obra necessária para as indústrias. É a partir dessa ótica que observa-se o direcionamento de fluxos populacionais para áreas em que está havendo expansão industrial.

Segundo Harvey, Marx aceita a maior parte do saber convencional sobre as influências econômicas que afetam o crescimento populacional, com a observação de que os trabalhadores não têm outra opção exceto acumular a única fonte de riqueza que eles detêm, ou seja, sua força de trabalho (HARVEY, 2001,119).

O desequilíbrio entre oferta de mão-de-obra e demanda por trabalho decorre, muitas vezes, do aumento do número de desempregados e de pessoas que ocupam o setor informal da economia (CARVANO, JANNUZZI, 2006). De acordo com estes autores, a oferta de trabalhadores em uma economia é determinada pelo volume populacional, pela estrutura etária e de sexo e pela taxa de participação específica por idade e sexo. Os dois primeiros fatores são determinados pelos efeitos demográficos de fecundidade, mortalidade e migração, enquanto o último é influenciado por fatores econômicos, sociais e culturais.

Assim, a diminuição da força de trabalho decorre dos efeitos da emigração e da mortalidade, enquanto fatores culturais e socioeconômicos podem restringir ou potencializar a busca por empregos. Os fatores demográficos relacionados ao desemprego podem ser reflexos da queda de fecundidade, do envelhecimento da população, da sobremortalidade de jovens e da diminuição da imigração (CARVANO, JANNUZZI, 2006).

Dessa maneira, os efeitos da migração, em decorrência da busca de oportunidades de emprego e melhores perspectivas profissionais, também podem ter um efeito considerável na quantificação da População Economicamente Ativa (PEA). Nesse caso, a imigração pode representar um acréscimo da população e, em consequência, uma maior pressão para o mercado de trabalho.

De acordo com Antunes e Silva (2004), são vários os autores que têm demonstrado que a exclusão se reporta aos grupos sociais que foram desalojados socialmente, a exemplo dos chefes de família desempregados, as minorias étnicas, os jovens sem possibilidades de entrar para o mercado de trabalho, as mulheres em ocupações precárias e com tempo parcial, os migrantes, os velhos desprovidos de seguridade social. Nesse sentido, os tempos atuais são vistos, muitas vezes, de forma oposta àquelas imagens e cenas dos *Tempos Modernos* cujo Chaplin aparece como uma peça na imensa engrenagem da maquinaria que o exauria a ponto de transformá-lo num autômato, repetidor de gestos e comandos (ANTUNES & SILVA, 2004). De acordo com os autores:

(...) embora os protagonistas sejam outros, o cenário e o *script* dos *Tempos Modernos* ainda encontram vigência em várias cenas da vida cotidiana no interior do espaço do trabalho (ANTUNES, SILVA, 2004, 8-9).

Vale acrescentar que o surgimento de novas formas de organização industrial, frequentemente dominadas por grupos de migrantes, pode indicar, também, o surgimento de novas formas de sobrevivência para os desempregados, em outros casos existem apenas grupos de imigrantes tentando entrar num sistema capitalista (HARVEY, 2006).

Ford também usou quase que exclusivamente a mão-de-obra imigrante no seu sistema de produção, mas os imigrantes aprenderam e os trabalhadores americanos eram hostis. A rotatividade da força de trabalho de Ford também era alta (HARVEY, 2006).

Estes fatores se assemelham bastante à área em estudo, ao observar que a indústria de confecções de Toritama apresenta características tanto fordistas como pós-fordistas, ao se observar que possui ainda certa rigidez no processo de produção, principalmente no processo da costura, tanto quanto possui flexibilidade na contratação de mão-de-obra. Sabe-se também, que as relações de trabalho em Toritama são afetadas pelo processo de acumulação de capital e pela frouxa legislação trabalhista na indústria de confecções do município. Mas tal explanação será mais bem exemplificada no capítulo três, que diz respeito ao estudo de caso em Toritama.

1.6 HABITABILIDADE E INFRAESTRUTURA

Segundo Eliseu Spósito (2009), os meios de consumo coletivos podem ser as escolas, os hospitais, os meios de transporte, a infraestrutura urbana de um município (SPÓSITO, 2009, 50-55).

Os meios de consumo coletivo são um direito de toda sociedade. Mas, atualmente, com o crescimento das cidades e o constante aumento da população, seja ela a partir da diminuição da mortalidade e/ou do elevado fluxo migratório para a área, vem se fazendo necessário um maior investimento nesses meios de consumo coletivo.

A habitação também é um bem necessário a todos, mas para boa parte da população, esse bem nem sempre é acessível. E quando o é, as condições de habitabilidade são precárias e muitas vezes indignas para qualquer ser humano. Ainda de acordo com Eliseu Spósito, “a habitação é uma palavra que designa, de maneira genérica, o lugar de moradia das pessoas, seja na cidade ou no campo” (SPÓSITO, 2009, 38).

A habitação se constitui em um espaço de construção e consolidação do desenvolvimento da saúde. Nesse sentido, o conceito de habitabilidade urbana parte do pressuposto de que a habitação deve ser entendida com um sentido de pertencimento, de usufruto e de direito à cidade, incluindo a oferta e o acesso por parte da população à rede de infraestrutura urbana e de acesso aos equipamentos públicos (Cohen, Bodstein, Kligerman, Marcondes, 2007).

Um conceito que merece destaque no presente trabalho é o de infraestrutura, uma vez que problemas referentes ao aumento populacional, em particular os ligados à migração, podem trazer sérios problemas de infraestrutura física e social para a população do município receptor de migrantes.

De acordo com Stélio Emanuel de Alencar Roxo, a infraestrutura urbana visa atender a funções de uma cidade, a exemplo da habitação, trabalho, recreação e circulação, ou seja, é formada por diversos equipamentos físicos e sociais necessários a população. Para o autor, a infraestrutura urbana divide-se em duas categorias: as infraestruturas físicas e as infraestruturas sociais. A primeira corresponde a energia domiciliar, a iluminação pública, e principalmente, o saneamento básico, (água potável, esgotos), e se a isso juntarmos a limpeza urbana, tem-se não só o saneamento básico, mas o saneamento urbano. Somados à infraestrutura física, existem os transportes públicos coletivos ou não (o táxi entrando como transporte público não coletivo). O sistema viário entraria como infraestrutura urbana. A

segunda categoria, que diz respeito à infraestrutura social, corresponde a habitação, educação, saúde, comércio, indústria, recreação e alguns tipos de prestação de serviços públicos (ROXO, 1975). Ainda de acordo com o autor:

(...) o Banco Nacional de Habitação, nos seus projetos que dizem respeito a desenvolvimento urbano - não nos projetos especificamente habitacionais - costuma distinguir essas duas categorias com outra denominação: infraestrutura e superestrutura. Pessoalmente, prefiro adotar infra-estruturas físicas e infra-estruturas sociais, porque na verdade todas elas não deixam de ser infra-estruturas e com essas expressão “superestrutura” poderia parecer que estamos tratando somente daquilo que fica para cima do nível do solo e com infra-estrutura o que fica abaixo (ROXO, 1975).

Nesse sentido, de acordo com Roxo (1975), preferiu-se adotar o termo infraestrutura física e infraestrutura social, na medida em estes termos torna mais fácil o entendimento das questões habitacionais e urbanas abordadas no presente trabalho.

Tais questões, referentes à falta de bens de consumo coletivo e à habitação, são considerados um problema para a atual sociedade capitalista, em particular para as pessoas mais desprovidas de renda. É daí que surgem muitos dos inúmeros problemas urbanos.

Sabe-se que foi a partir do processo de industrialização que muitas cidades começaram a crescer aceleradamente e conseqüentemente enfrentarem problemas que dizem respeito à infraestrutura e habitabilidade. O processo de industrialização foi um dos grandes responsáveis pelo crescimento das cidades, mesmo para aquelas que fazem parte dos países com industrialização tardia. A partir daí, o processo de urbanização inicia-se justamente com o surgimento da revolução industrial.

Segundo Milton Santos (1981), a urbanização desenvolvida com o advento do capitalismo aparece na Europa como fato moderno logo depois da revolução industrial. Mais recentemente e paralelamente à modernização ela se generaliza nos países subdesenvolvidos, por isso a associação entre urbanização e industrialização (SANTOS, 1981).

Ainda de acordo com o autor, a revolução industrial se apresentou como um ponto de partida para a urbanização no mundo, dando origem a uma presença humana cada vez mais importante nas cidades, contribuindo para a multiplicação do número das aglomerações gigantescas (SANTOS, 1981, 4).

De acordo com Santos (1981) o nascimento de numerosas pequenas cidades é um dos fenômenos bastante característicos nos países subdesenvolvidos, mas, no entanto é um dos mais negligenciados. A pequena cidade constitui a “*célula-máter*” que atende às necessidades de uma população, e estas necessidades variam em função da densidade demográfica, das

comunicações e da economia da região, bem como do comportamento sócio-econômico de seus habitantes. Nesse sentido, o crescimento demográfico resulta da implantação de novas formas de produção, de consumo, ou de distribuição (SANTOS, 1981).

Muitos dos estudos sobre urbanização se reportavam a este processo nos grandes aglomerados urbanos, a exemplo das grandes capitais. No entanto, atualmente, tais fenômenos vêm se tornando cada vez mais expressivos em pequenas e médias cidades, transformando suas configurações e fazendo surgir novos pólos industriais que vão se instalando nesses pequenos aglomerados, acelerando o processo de urbanização. Tal fato faz com que haja uma nova configuração nos fluxos populacionais, que anteriormente eram dirigidos dos pequenos aglomerados para os grandes centros. Hoje está havendo uma nova tendência dessas pequenas cidades reterem sua população e atraírem, até mesmo, migrantes de outras localidades, inclusive de grandes capitais.

Entretanto, um problema se impõe. Diz respeito ao fato dessas pequenas e médias cidades não estarem adaptadas, nem possuírem infraestrutura física para comportarem o crescente aumento da população via migração em tão pouco tempo. O poder político local, quase sempre, deixa tanto a população local, quanto os novos moradores desprovidos do básico, mas necessário para uma vida mais digna.

Há, então, o surgimento dos bairros de excluídos, onde se localizam os pobres da cidade e muitos migrantes recém chegados. Nestes espaços, a infraestrutura física, a habitabilidade, a assistência social não só para os migrantes, para a população como um todo é precária e muitas vezes nem existe.

Nesse sentido, surgem na pequena cidade os mesmo problemas que existem nos grandes centros urbanos, a exemplo da falta de hospitais, escolas, saneamento básico, distribuição de água encanada, coleta de lixo e iluminação. Problemas estes que dificultam a qualidade de vida da população que não é favorecida com os equipamentos básicos de consumo coletivo.

A partir do contexto, observa-se que a falta de infraestrutura urbana adequada e em quantidade suficiente para atender a população crescente e cada vez mais adensada em espaços desprovidos do básico para a obtenção de uma adequada qualidade de vida, pode trazer sérios prejuízos, no que se refere à saúde dos habitantes. Do mesmo modo, a falta de escolas suficientes pode acarretar em um baixo nível educacional.

Somados a estes problemas estão os de caráter ambiental, que geralmente se agravam quando há um grande aumento da população, e os equipamentos de infra-estrutura não acompanham este crescimento. Nesse quadro, a população residente em habitações que não possuem esgotamento sanitário tendem a lançar os resíduos em lagos e rios. E quando não há

coleta de lixo, ou esta é ineficiente, este vai se acumulando nas ruas favorecendo a proliferação de ratos e entupindo os bueiros.

Estas e outras questões, que dizem respeito às consequências da atração de população para o município de Toritama, a exemplo da falta infraestrutura, e problemas de habitabilidade serão trabalhadas com mais detalhes no capítulo referente aos resultados da pesquisa.

CAPÍTULO 2

CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO REGIONAL

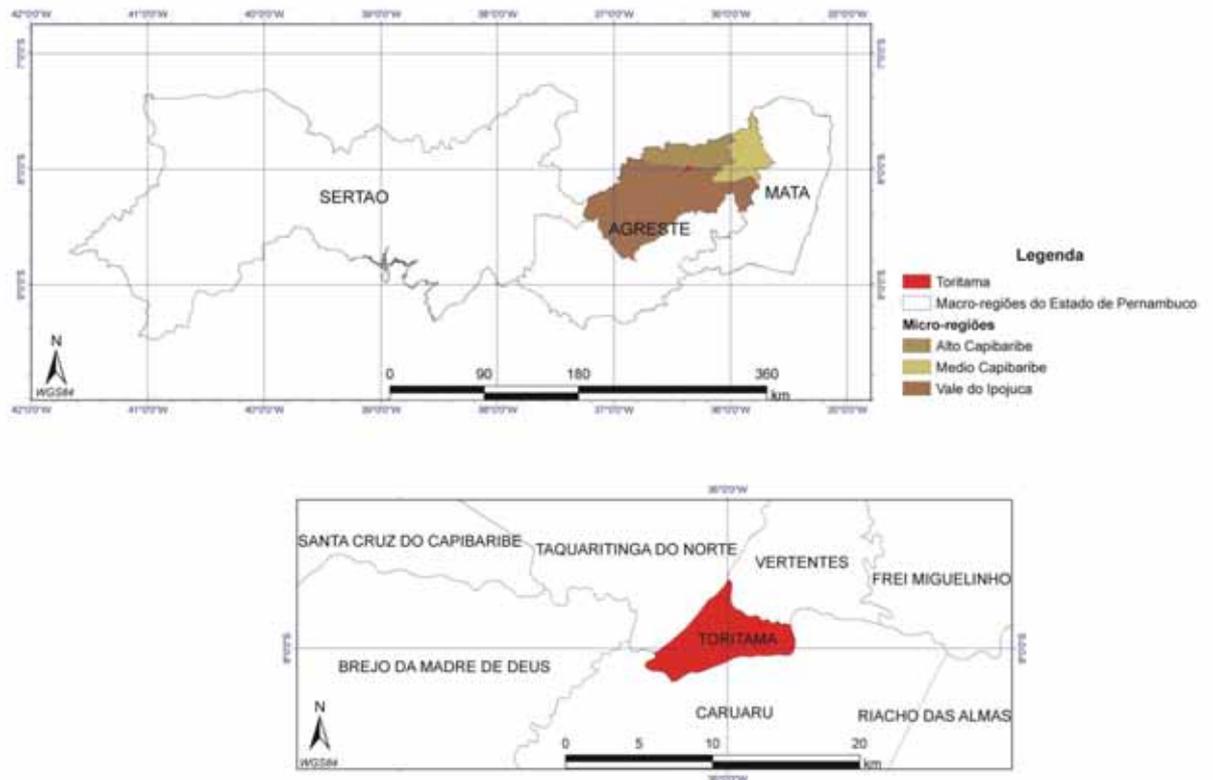
2.1 LOCALIZAÇÃO E HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE TORITAMA

Situada no Agreste Setentrional de Pernambuco, particularmente na microrregião do Alto Capibaribe, Toritama dista 167 km do Recife e 36 km de Caruaru, apresentando uma área de 25,704 Km².

A cidade faz parte de um importante centro econômico, o Pólo de Confeccões do Agreste Pernambucano. O Pólo de Confeccões está localizado na mesorregião do Agreste pernambucano, nas microrregiões do Alto Capibaribe, municípios de Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, e do Vale do Ipojuca, município de Caruaru.

Mapa 1

Localização do município de Toritama



Fonte: Valtemira Mendes Vasconcelos e Lucas Cavalcanti. Adaptado de SILVA *et al.* 2001.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o território do atual município de Toritama era integrante do município de Vertentes, desenvolvendo-se o povoamento de Toritama a partir de uma fazenda de criação de gado, denominada Torres que era de propriedade de João Barbosa, que em meados do século XIX doou a Nossa Senhora da Conceição uma parte de terras, na margem esquerda do rio Capibaribe, onde foi construída uma capela que deu origem a cidade. O topônimo Torres, que era o da fazenda, vem de uma serra situada a um quilômetro da cidade, no topo da qual foi erguido um cruzeiro. A construção de uma ponte sobre o rio Capibaribe, em 1923, possibilitou a intensificação do comércio com a vizinha cidade de Caruaru e a dinamização da economia local, apoiada nos produtos agropecuários. A partir daí, em 1925, foi criado o distrito de Torres. Entretanto, por força do decreto-lei estadual nº 235, de 9 de dezembro de 1938, o distrito passou a pertencer ao município de Taquaritinga do Norte. Em 31 de dezembro de 1943, o distrito foi elevado à condição de município, desmembrado do município de Taquaritinga do Norte, ocorrendo a sua instalação em 23 de maio de 1954.

Imagem 1

Vila da Torre atual município de Toritama



Fonte: Autor desconhecido (imagem adquirida a partir de fotografia de um quadro no Hotel Tenda).

2.2. CARACTERIZAÇÃO SÓCIO- ECONÔMICA DA ÁREA ESTUDADA

2.2.1 Sistema Econômico Agricultura/Pecuária

Antes de descrever o quadro econômico da agropecuária do município de Toritama cabe expor o quadro natural em que ele está inserido, já que os padrões naturais de clima, relevo e solo exercem grande influência nas atividades agrícolas e em menor escala nas atividades pastoris de qualquer área a ser analisada geograficamente.

De acordo com Andrade (1980), a microrregião do Agreste Setentrional de Pernambuco ocupa áreas relativamente pequenas das sub-zonas da Mata Seca e das Matas Serranas, subdivisões da Floresta Tropical Costeira Brasileira em função de fatores climáticos, edáficos e fisiográficos e grandes áreas da sub-zona do Agreste, uma das subdivisões da caatinga.

O município de Toritama, localizado na área acima citada, possui um clima semi-árido muito quente do tipo Bs'h, segundo a classificação de Köppen, com chuvas no outono e inverno, apresentando um dos índices pluviométricos mais baixos do Agreste Pernambucano e com temperaturas médias entre 25° e 35° no verão e 20° no inverno. Nesse tipo climático se desenvolve uma vegetação de Caatinga Hipoxerófila arbustiva, com árvores e arbustos entremeados de cactáceas e bromeliáceas.

O relevo de Toritama está inserido nas Áreas Desgastadas da Província Borborema, unidade formada por maciços altos e outeiros, com altitudes variando de 650 a 1.000 m, ou seja, superfícies onduladas com relevos residuais altos. O relevo é geralmente movimentado, com vales profundos e estreitos. Nas cristas residuais altas predominam os solos litólicos, nos topos e vertentes das ondulações, os solos brunos não cálcicos e nas baixas vertentes das ondulações os planossolos. Os solos são pouco profundos e de fertilidade variando entre média e alta (MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA SECRETARIA DE GEOLOGIA, 2005). E como Toritama se localiza a sotavento do planalto da Borborema, acaba apresentando índices pluviométricos muito baixos. Vale salientar que as áreas secas de caatinga, no Agreste, se acham quase sempre a sotavento, onde a barreira do relevo impede a passagem das chuvas.

Diversos autores, entre eles Mário Lacerda de Melo e Manuel Correia de Andrade, realizaram estudos sobre as características naturais do Agreste pernambucano, analisando seus rebatimentos para as economias dos municípios localizados nessa área, em particular para as atividades agrícolas e de criação de animais.

Conforme Melo (1980), a semi-aridez em graus variados e a projeção dessa semi-aridez no plano edáfico, solos rasos e pedregosos; no plano florístico, vegetação de caatinga; e no plano hidrográfico, drenagem intermitente, constituem o quadro natural condicionador do sistema de uso de recursos tipicamente agrestino. Chegando a variabilidade do Agreste a ponto de produzir bolsões de semi-aridez acentuada, nos quais a escassez de chuva e o conseqüente agravamento dos demais componentes do meio natural condicionam uma atividade de lavoura bastante escassa.

Segundo Andrade (1980), a utilização da terra no Agreste Setentrional ainda era caracterizada pela policultura dos brejos, pela ocupação da pecuária, principalmente bovina, pelas culturas de algodão e lavouras de subsistência, nos interflúvios, mas estas em escala menor, devido aos problemas de estagnação dessas produções. Entretanto, a criação de animais ficaria sob a responsabilidade dos municípios mais secos e com terras menos férteis, onde não se desenvolveria uma lavoura lucrativa de boa qualidade, a exemplo do município de Toritama.

Ainda segundo Andrade (1961), em *A Pecuária no Agreste Pernambucano*, a área do Agreste pernambucano, por ser uma região de transição, ora apresenta características bem semelhantes às da Mata, como acontece nos municípios de Palmeirina, Canhotinho e Correntes, ora do Sertão semi-árido, como ocorre em Santa Cruz do Capibaribe e em Toritama, ora como típica região de transição, como sucede em Cupira, São Joaquim do Monte e Agrestina. Andrade chega a acreditar que possa haver uma penetração do Cariri paraibano na área setentrional do Agreste pernambucano. E é nesta área setentrional onde se localiza o município de Toritama.

Nesse sentido, dentre os aspectos naturais citados os que mais interferem na baixa importância agrícola de Toritama são os ligados às características climáticas de semi-aridez, estas fortemente marcadas pela localização e relevo do município. Este último exercendo interferência significativa para a passagem de umidade e conseqüentemente de chuva não só para Toritama, mas também para os demais municípios localizados a sotavento.

De acordo com Andrade (1974), em *Cidade e Campo no Brasil*, a posição geográfica combinada com o relevo vai ter uma grande influência na distribuição dos climas e, conseqüentemente, nos sistemas agrícolas, no calendário agrícola e nos níveis de desenvolvimento das várias regiões e sub-regiões. Os solos também podem limitar a expansão de algumas culturas mais exigentes, como a cana-de-açúcar, dando assim, lugar a culturas menos exigentes como o algodão, o milho e o feijão. As porções situadas no interior do Nordeste e isoladas do litoral e da influência dos ventos alísios por um relevo modesto,

representado, no caso de Pernambuco, pelo Planalto da Borborema, apresentam um clima semi-árido quente devido à escassez de chuvas.

Diante do exposto nota-se que o desenvolvimento econômico dos municípios do Agreste Setentrional sempre esteve atrelado às condições de temperatura, precipitação, relevo e qualidade do solo, estas nem sempre favoráveis a grande produção agrícola. Boa parte da área, assim, prestando-se apenas a pecuária em combinação com culturas menos exigentes.

Conforme Andrade (1961), as áreas secas de caatinga localizadas a sotavento, no Agreste pernambucano, eram destinadas, no verão à pecuária, e assim, a sua importância ia crescendo, na época, à proporção que diminui a umidade do ar. E nas superfícies aplanadas, as áreas menos secas eram destinadas, principalmente, à agricultura, embora a pecuária também poderia combinar-se a agricultura. Mas vale ressaltar que as áreas tipicamente semi-áridas eram predominantemente de criação, podendo às vezes se combinar com a produção de algodão e cereais. Enquanto que as partes altas e úmidas eram ocupadas quase sempre pelos cafezais, e as lavouras de curto ciclo vegetativo aparecendo nas zonas de transição.

Nota-se a partir do contexto da época a importância dos aspectos naturais para o quadro econômico da área, em particular para a agropecuária do município de Toritama. Mas valeu ressaltar que muitos dos problemas enfrentados pela agricultura do município devia-se a baixa produtividade do solo agravada por sua utilização predatória.

Assim, a partir da exposição conjunta de todos estes aspectos torna-se possível a descrição e análise do processo econômico de desenvolvimento do sistema agropastoril do município.

Durante muito tempo, o sistema econômico da área em estudo era composto pela agricultura-pecuária, mas devido às peculiaridades do clima semi-árido, a produção agrícola se apresentava pouco desenvolvida, caracterizando-se pela pequena produção agrícola e pela pecuária, mais voltadas para a produção do algodão e criação de gado extensiva.

Em sua obra *Regionalização Agrária do Nordeste* (1978), Melo afirma que o elemento do meio natural mais que condiciona os sistemas agrestinos de policultura é o fator climático. Mostrando, ainda, que a semi-aridez é o elemento do quadro natural de maior influência sobre a estrutura e a evolução dos quadros econômicos e os seus reflexos podem se manifestar principalmente no tipo de atividade predominante, na extensão das áreas cultivadas, no grau de estabilidade econômica, e na repartição dos afetivos humano (MELO, 1978). Fator que pode explicar a baixa diversidade e produtividade agrícola no município de Toritama.

Ainda para o autor, até mais ou menos a década de 1960, Toritama apresentava alguma atividade agrícola voltada para a policultura, produção e algodão e criação de caprinos. Mas a primeira se manifestava mais através da pequena produção familiar para consumo próprio (MELO, 1978).

Andrade (1977) afirma que a cultura do algodão arbóreo, no Nordeste, se achava circunscrito às áreas onde domina o clima semi-árido, e sempre esteve associada às culturas do milho e feijão, sendo sua maior concentração localizada ao oeste do Planalto da Borborema, em pontos menos expostos aos ventos alísios de Sudeste e onde as médias pluviométricas anuais são quase sempre inferiores a 800 mm (ANDRADE, 1977).

Não diferente dos demais municípios do Agreste Setentrional de Pernambuco, em Toritama existiu, durante muito tempo, a presença de pequenas propriedades com sítios e casas dispersas, onde, em minifúndios havia a produção de algodão cercado em conjunto com a pecuária extensiva. Mas não deixando de lado as culturas de feijão em milho para a subsistência. Observa-se a partir do contexto que o habitat na região era tipicamente um habitat rural, onde predominava uma população camponesa.

Segundo Melo (1980), em *O Agreste Pernambuco*, nos espaços semi-áridos os declínios pluviométricos interrompem-se bem antes da fronteira setentrional da sub-região do Agreste Pernambucano, o que ocorre, sobretudo porque aparece uma faixa que, em vez de deprimida, constitui divisor entre a bacia do rio Capibaribe e a do Paraíba do Norte. Entretanto, ao longo dessa faixa, em contraste com as manchas de brejo de Porção e de Taquaritinga, localiza-se uma área ampla de semi-aridez acentuada. E nesse espaço, os reflexos da mudança das condições do quadro natural sobre as formas de uso dos recursos exprimem-se em uma baixa produção da agricultura, no surgimento da produção do algodão arbóreo, assim como, na predominância maior das atividades pastoris, mais particularmente o gado caprino e o ovino, fazendo parte desse “cariri pernambucano” os municípios de Jataúba, Santa Cruz do Capibaribe, Brejo da Madre de Deus, Taquaritinga do Norte e Toritama” (MELO, 1980).

Observa-se a partir do exposto que as atividades que mais rendiam recursos para a população do município de Toritama eram a pecuária, seja ela bovina ou caprina, e o cultivo do algodão arbóreo, ambas não exigentes de climas mais amenos do tipo dos de áreas de brejos ou de florestas montanas.

Melo (1980) ainda analisou a repartição espacial da produção segundo densidade de valor em municípios do Agreste e observou que o valor da produção agrícola de Toritama, em 1975, era de apenas Cr\$ 522, com densidade agrícola de 4,7 (Cr\$ 1.000,00/Km²), correspondendo a uma área de 111 Km², ou seja, as terras de baixa densidade de uso agrícola,

com produção de até Cr\$ 35.000,00/ Km² formam na sua maioria, uma grande área ocupando aproximadamente a metade setentrional dos espaços agrestinos situados a oeste do meridiano de Caruaru, devido nestas áreas se encontrarem amplas porções de terras de semi-aridez acentuada e, ao mesmo tempo, de velha tradição agropastoril. No que se refere às atividades pastoris observou-se que o espaço semi-árido do município de Toritama apresentava-se com baixas densidades pecuárias. Melo mostrou, também, que em Toritama o número de microfúndios sempre foi maior que o de macrofúndios.

Tais dados indicam que em Toritama as atividades agropastoris nunca trouxeram grandes ganhos financeiros para a economia do município, e caracterizou-se sempre por uma pequena produção que trazia apenas o sustento e uma renda sazonal para a sua população.

Para agravar o quadro rural de Toritama, acima exposto, o Sistema Agricultura/Pecuária do Nordeste, nos anos 1960 se apresentava estagnado como demonstrou Melo. O ritmo de crescimento foi inferior a 1% ao ano a sua taxa de aumento na referida década. E, no período de 1968-1975, o seu incremento total exprimiu-se por apenas 13,5%, enquanto os setores secundário e terciário quase duplicaram. Para o autor, os fatores principais que contribuíram para a estagnação do setor primário, no Nordeste, são as condições climáticas desfavoráveis em boa parte da região; deficiência do potencial de recursos edáficos, ou seja, bons solos, fato agravado pela degradação devida a formas irracionais ou predatórias de exploração; primitivismo dos processos produtivos; distorções e defeitos da estrutura agrária em diversas regiões; persistência, em muitas áreas, das distorções e vícios da estrutura de comercialização da produção rural; deficiência da assistência técnica; deficiência da assistência ao crédito e baixos níveis sócio-culturais do pequeno agricultor (MELO, 1978: 39 *ope cite* KUTCHER, 1977).

Para Melo (1980) a estagnação agrícola que ocorreu no Agreste pernambucano constituiu, na época, fenômeno amplamente generalizado na sub-região. Entretanto, o maior decréscimo da produção agrícola foi observado na microrregião do Agreste Setentrional de Pernambuco. No conjunto da microrregião, a área de lavoura em 1975 era inferior à de 1970 em 6,6 mil hectares ou 5,5%. E esta diminuição era maior nos municípios de Limoeiro, Bom Jardim, Cumaru, Orobó, Salgadinho, Santa Maria do Cambucá e Toritama. Em Toritama, no ano de 1970, a área de lavoura era de 0,81 há, diminuindo para 0,68 há em 1975, apresentando crescimento absoluto de -0,13, com uma porcentagem de -16%. E no que se refere às atividades pastoris, observou-se que o espaço semi-árido do município de Toritama apresentava-se, também, com baixa densidade pecuária.

Tais indicadores demonstram que a baixa capacidade produtiva de muitos dos municípios do Agreste Pernambucano estavam relacionados aos fatores naturais, anteriormente citados, que na época eram bastante relevantes para o setor rural da região Nordeste. O que é bem diferente na atualidade, a exemplo do que podemos ver em alguns municípios pernambucanos, como Petrolina, onde todos estes fatores foram superados com a junção de técnicas avançadas de irrigação e tratamento dos solos.

Entretanto, o que ocorreu com Toritama foi bem diferente. O município nunca teve uma tradição de agricultura e pecuária intensivas e sempre existiram sérios problemas técnicos, econômicos e sociais na área. De acordo com Melo (1980), somados a estes fatores, em fins da década de 1960 e início dos anos 1970, ocorreu o início da crise e degradação do Sistema gado-policultura que ocorreu no Agreste, deixando esta área estagnada, no que se refere ao Sistema gado-policultura de produção (MELO, 1980).

Com a crise do Sistema gado-policultura muitos dos municípios agrestinos foram perdendo a função tradicional que tinha até os anos 1960, indo buscar outras bases de sustentação econômica, a exemplo do comércio, serviços e produção de roupas. Dentre alguns exemplos estão o município de Gravatá com atividades turísticas e imobiliárias, Caruaru com atividades voltadas para o comércio, Santa Cruz do Capibaribe com confecções de roupas populares e Toritama inicialmente com a produção de calçados de couro e depois com confecções de *jeans*.

Ainda hoje, a área agrícola de Toritama, é muito pouco desenvolvida, existindo no município apenas o plantio de coco da Bahia com 2 ha, cerca de 380 ha destinados ao plantio de feijão e 300 ha destinados ao plantio de milho (IBGE 2000). Atualmente, há apenas algumas pequenas propriedades residuais.

Para Lira (2011), dentre as alternativas para a saída da crise, a escolhida foi a intensificação do artesanato de couro, em Caruaru e Toritama, através da produção calçadista; e a produção de confecções com retalhos de tecido, em Santa Cruz do Capibaribe. No entanto, a produção de calçados decaiu na década de 1980, por conta da elevação dos custos com matéria-prima, além da concorrência com o Sudeste. Já a confecção de roupas continuou, e foi gradativamente aprimorada. Fazendo surgir em outros municípios da região, entre eles Toritama, a produção de confecções de roupas.

2.2.2 Evolução Populacional em Toritama

Como foram expostas anteriormente, as características naturais de clima e relevo do município de Toritama sempre foram um impedimento para o desenvolvimento de uma produção agrícola voltada para a monocultura de alguma espécie. Tal problema fez com que durante muito tempo o município apresentasse uma irrisória população espalhada em pequenas propriedades voltadas para a produção de culturas de subsistência.

Durante muito tempo o Agreste pernambucano não se destacou pela dinâmica demográfica, não apresentando crescimento populacional relevante. Segundo Andrade (1961), foi a partir da necessidade do abastecimento de alimentos para a região litorânea e com a produção de algodão e penetração da pecuária na área, já que o litoral e a mata destinavam-se a produção da cana-de-açúcar, que a população agrestina iria iniciar seu processo de crescimento.

O autor ainda demonstrou que na segunda metade do século XVIII a diminuta população do Agreste concentrava-se preferencialmente nas áreas de brejos ou em suas proximidades, onde se podia fazer a agricultura, ficando a caatinga abandonada à pecuária extensiva que requeria menor número de trabalhadores, fato que dificultou o aumento constante da população. Foi primeiramente com a penetração da pecuária no interior e posteriormente com a expansão da produção de algodão que o Agreste pernambucano iniciou um processo de considerável aumento populacional. Com a chegada das ferrovias e caminhos carroçáveis, nas primeiras décadas do século XX, o Agreste foi se transformando numa das áreas mais importantes de Pernambuco. E foi a estagnação do parque açucareiro, no século XVIII que fez com que houvesse um excedente de população que se deslocou para o Agreste à procura de trabalho que a área canavieira não lhes oferecia. A estagnação ainda permitiu o reflorescimento da cultura do algodão, que tivera grande desenvolvimento no primeiro século de colonização. Essa expansão algodoeira teve consequências assinaladas no Agreste pernambucano, aumentando consideravelmente a sua população. Andrade ainda demonstrou que o Agreste, em 1959, possuía uma população de 1.423.616 habitantes, apresentando elevada taxa de densidade demográfica, com 77,4 habitantes por km², sobretudo levando-se em conta o caráter predominantemente agropecuário de sua economia. Ao verificar, a partir do recenseamento de 1940 e 1950, que apenas 14,8% da população agrestina era urbana, enquanto 4,4% vivem nas vilas e 80,8% no quadro rural (ANDRADE, 1961).

Entretanto, mesmo o Agreste obtendo um crescimento populacional e densidade demográfica significativos após a expansão do algodão, observava-se que esse contingente era

em sua grande maioria formado por população rural e ainda, muito desse efetivo era distribuído em pequenos sítios formados por trabalhadores familiares.

Segundo Melo (1985), o Agreste Setentrional, microrregião onde está localizado o município de Toritama, apresentava em 1970 uma população total de 392.432 mil habitantes só que desta, apenas 92.323 mil eram consideradas como população urbana. Em 1980 a área ainda se apresentava com uma expressiva população rural, esta com 286.355 mil habitantes e a população urbana com 131.897 mil habitantes, de um total de 418.252 mil habitantes. Mas, o autor ainda demonstrou que em 1980, 63,47% da população economicamente ativa do agreste setentrional se encontrava trabalhando em atividades ligadas à agropecuária, extrativismo e pesca.

Para Melo (1976), no que diz respeito à densidade demográfica, a região do Agreste Setentrional, em áreas de maior policultura, apresentava ainda na década de 1970, taxas de densidade muito inferiores a do Estado.

A pequena densidade demográfica do Agreste Setentrional esteve vinculada aos fatores naturais, já relatados anteriormente, quando observa-se que no início do seu povoamento, as pessoas tendiam a se dirigir mais para áreas de brejos, onde as condições climática e de solo proporcionavam uma agricultura mais abundante. Além disso, a pequena população que se encontrava em municípios mais secos, onde se desenvolvia a pecuária e uma pequena policultura familiar, muitas vezes era obrigada a migrar, já que a renda nem sempre dava para sua sobrevivência.

Segundo Andrade (1961), a estagnação canavieira proporcionou grande importância para as características demográficas do Agreste pernambucano, na medida em que, foi um fator propulsor para os deslocamentos populacionais inicialmente em direção a esta área, a fim de criar animais de tração e alimentos para as lavouras de cana-de-açúcar (ANDRADE, 1961). Entretanto, apesar desses fluxos migratórios terem se tornado importantes para o aumento da densidade demográfica do Agreste Pernambucano, muitos municípios localizados em áreas mais secas, tenderiam a perder população.

Dados do relatório da FIDEPE (1982) indicam que na década de 1970 houve um crescimento baixo da população pernambucana, e que este devia ao reflexo da queda da fecundidade e a um aumento nas taxas de emigração. Mostrava, ainda, que no meio rural, a repetição de condições climáticas desfavoráveis à agricultura, a expansão da pecuária no Agreste, em detrimento da policultura, e da ocupação pela cultura de cana em terras de agricultura de subsistência contribuíram para a expulsão de população rural. Nesse sentido, a concentração de população tenderia a ser maior onde predominasse a policultura.

Desse modo, observa-se que a importância demográfica e em particular a densidade de população, na área em estudo, ainda se apresentava relativamente pequena, já que seus municípios se caracterizavam como expulsores de população. Posteriormente tais deslocamentos iriam mudar completamente de destino e de configuração da região. A microrregião do Agreste Setentrional iria passar de área expulsora de população para tornar-se receptora.

Uma comparação realizada por Andrade (1980) nos mostra que Toritama teve um decréscimo populacional entre 1950 e 1960, passando a ter um crescimento de 1960 a 1970. Os dados ainda mostram que em 1970 a população do Agreste Setentrional representava apenas cerca de 1,40% do total da população regional e 7,5% da população do estado de Pernambuco. Sendo que era, no referido ano, uma das unidades político-administrativas menos populosa, apresentando menos de 10.000 habitantes. Para o autor, o pequeno crescimento observado tanto para a microrregião, quanto para o município de Toritama, se prendia ao fato de tratar-se, na época, de uma área de emigração.

O contexto nos indica que a economia do Agreste, na época analisada, era quase totalmente voltada para as atividades primárias, ficando a indústria e o comércio ainda com uma importância mais restrita. Exceto para dois municípios, a exemplo de Toritama.

Mas, no decorrer do tempo, a economia do município de Toritama não obteve sucesso com relação às atividades primárias, na medida em que sua área física não propiciava um pleno desenvolvimento de atividades agrícolas. Desse modo, Toritama teve que buscar outros meios de desenvolvimento econômico, primeiramente com a criação de animais e posteriormente com a indústria de calçados que iria se beneficiar do couro derivado da criação desses animais de corte. Só depois que veio surgir a indústria do jeans, quando o município seguiu o exemplo da produção de confecções de Santa Cruz do Capibaribe.

Segundo Andrade (1980), só entre os anos 1960 a 1970 que houve a expansão de outras atividades que não às ligadas ao campo nos demais municípios da microrregião do Agreste Setentrional. Houve um considerável aumento no percentual representativo da mão-de-obra nas atividades industriais, em detrimento das atividades primárias. Junto com essa expansão, a microrregião do Agreste Setentrional viu sua população economicamente ativa mais que duplicar em quase todos os seus municípios, com exceção de Toritama e Vertentes, que apresentaram um decréscimo de população. Do ponto de vista sócio-econômico a organização institucional contribuiu consideravelmente para que a microrregião expulsasse habitantes, quando se observa a estrutura fundiária com muitos minifúndios empobrecer seus

proprietários que não tem terras boas e suficientes para a obtenção de renda necessária para a manutenção da família.

Tudo levou a crer que esse decréscimo populacional de Toritama, na época analisada anteriormente, se deu a graves problemas ordem natural, social e econômica. Vê-se, assim, a partir do contexto, os sérios problemas, tanto naturais, quanto e principalmente, sociais que levaram a população de muitos municípios do Agreste Setentrional a deixarem suas terras em busca de trabalho e sobrevivência em outros lugares.

Entretanto, tal quadro iria mudar completamente de configuração a partir do momento em que os municípios do Agreste iniciassem um processo de aumento das suas atividades industriais, alterando significativamente a sua estrutura econômica. Isto fez com que deixassem de ser municípios expulsos de população, retendo seus habitantes e até mesmo atraindo retornados e migrantes de outras regiões, a exemplo de Toritama.

2.2.3 Sistema Econômico Atual

Atualmente, a economia do município divide-se entre o comércio local e a indústria de vestuário que tem se desenvolvido fortemente nos últimos anos, principalmente impulsionado pela indústria de confecções de *jeans*, que é a sua principal fonte de renda. E este último setor é o que mais tem contribuído para a dinâmica econômica local, assim como para uma ampla oferta de trabalho, garantindo a ocupação de seus habitantes, e até mesmo atraindo mão-de-obra de outros municípios.

Segundo uma pesquisa realizada pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Universidade Federal de Pernambuco (FADE) para o Sebrae de 2003, existiam 76.700 pessoas ocupadas no polo do Agreste, sendo que 58.300 eram empregadas em empresas consideradas como informais e boa parte destas pessoas estavam ocupadas, principalmente, no município de Toritama.

Segundo o relatório da pesquisa “O Pólo de Confecções de Toritama: análise das relações de trabalho e da informalidade” da Fundação Joaquim Nabuco, o setor produtivo de confecções, na região em estudo é composto por milhares de empreendimentos, na maioria informais. Este segmento surgiu na década de 60, atuando no mercado de produtos populares de baixo custo, a partir do aproveitamento de sobras de tecidos de malha (helanca) oriundos das indústrias do Sul do País (mais em particular de São Paulo), originando assim o nome Sulanca. A indústria da sulanca teve início na década de 1970, no município de Santa Cruz do Capibaribe, quando caminhoneiros decidiram comprar retalhos do tecido chamado helanca e

transportá-los para vender às costureiras de Santa Cruz do Capibaribe, a fim de não retornarem sem carga para vender. A partir daí o setor direcionou sua produção para a linha de produtos populares, fortalecendo o processo de comercialização através de grandes feiras de ruas conhecidas como feiras da Sulanca, que hoje abastecem os mercados local e nacional, com registros para o mercado internacional, chegando a ponto de ser responsável, hoje, pela fabricação de um grande percentual dos jeans produzidos no Brasil (FUNDAJ, 2008).

Ainda de acordo com o relatório, a cidade de Toritama é um caso recente de dinamismo econômico. Até o início dos anos setenta, ela produzia volume considerável de calçados à base de couro ou borracha, não se destacando no setor de vestuário. Foi há, aproximadamente, 30 anos, que se iniciou a confecção de jeans, e se tornou, atualmente, o maior pólo de produção na região Nordeste, fabricando cerca de 15% do jeans produzidos no Brasil, quase que 5.000.000 peças, sendo esta produção comercializada em feiras locais e distribuído em diversos estados do país (FUNDAJ, 2008).

A comercialização local se dá através da feira da Sulanca, no município, que começa na segunda-feira e alcança seu ponto alto na terça-feira. São nesses dias que feirantes do próprio município e de municípios vizinhos como Taquaritinga do Norte, Vertentes, Caruaru, e outras cidades expõem seus produtos, sendo intenso o movimento em grande parte da cidade.

No entanto, ainda de acordo com o estudo recentes da Fundação Joaquim Nabuco, apesar de fatos tão positivos acerca da economia de Toritama, há um alto índice de informalidade de suas empresas, fato que leva a existência de duas formas de competitividade. Quando as empresas são formalizadas, possuem empregados que recebem qualificação e condições de trabalho dignas e qualquer terceirização da produção é feita na busca de aumentos da produtividade por ganhos de escala e especialização; e a outra ocorre quando as empresas são informais e seus critérios de competitividade se baseiam, sobremaneira, em baixos custos de produção em detrimento à qualidade e resultado, além da sonegação fiscal e das relações de sub-contratação que são feitas na tentativa de reduzir custos trabalhistas. Assim, estas últimas podem impedir o desenvolvimento econômico pleno do município, sendo necessárias ações de políticas públicas específicas para fazer com que as empresas mudem de padrão (FUNDAJ, 2008).

Segundo Lira (2011), em Toritama as costureiras trabalham normalmente por encomenda para pequenas, médias e grandes empresas, que utilizam o trabalho informal para a maximização dos seus lucros. O motivo seria que, para ingressar no mercado formal teriam que pagar impostos e prestar contas de todos os direitos trabalhistas dos funcionários, impossibilitando, assim, a concorrência com o mercado exterior, em particular o chinês, no

qual seus produtos são produzidos, na maioria das vezes, por trabalhadores semi-escravizados, e entram no país com preços bastante acessíveis.

Ainda para a autora, a produção de confecções em Toritama atinge todo o território urbano, além dos distritos das áreas rurais. E, nesses locais, encontram-se tanto fábricas e espaços domiciliares de produção, quanto grande quantidade de lavanderias (LIRA, 2011).

Nesse sentido, observa-se que o município pode também ser considerado como um pólo de lavanderias, responsáveis pela manutenção de vários postos de trabalho. Nessas empresas é realizado todo o processo de lavagem, *amaciagem*, tingimento e descoloração do jeans. Mas, além de gerar empregos, as lavanderias de Toritama vêm provocando polêmica ambiental, por estas indústrias serem as grandes responsáveis pela poluição do rio Capibaribe, um dos mais importantes do estado de Pernambuco.

Apesar do grande dinamismo econômico que a indústria de confecções vem proporcionando ao município de Toritama, algumas questões relativas à informalidade e à precarização do trabalho precisam ser mais bem investigadas pelos órgãos públicos responsáveis. Além destas questões, existe o fato dos produtos serem em sua maioria de má qualidade, necessitando assim, de uma maior fiscalização.

Recentemente, foi descoberto e publicado na mídia nacional e internacional, casos de importação e utilização de lixo hospitalar, dentre estes lençóis, e roupas usadas, para a confecção de forros de bolsos e roupas, em alguns dos municípios que fazem parte do Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano, dentre os municípios estava o de Toritama. Além disso, os lençóis eram vendidos como novos para donos de pousadas e hotéis.

Em reportagem da página on-line do Diário de Pernambuco, de 15 de outubro de 2011, técnicos da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e Agência Pernambucana de Vigilância Sanitária (Apevisa) inspecionaram um depósito de uma empresa que importou contêineres com lixo hospitalar que foi apreendido pela Receita Federal, no Porto de Suape. Um dos galpões que servia para guardar o lixo localizava-se justamente em Toritama.

Nota-se assim, que muitos trabalhadores, possivelmente, entraram em contato com o material contaminado, agravando ainda mais a problemática trabalhista da indústria de confecção de Toritama.

Pode-se observar, a partir do exposto, que as condições de trabalho em Toritama ainda são bastante precárias e a informalidade tem, de certa forma, contribuído para que a precarização ocorra na indústria de confecções do Agreste Pernambucano, que ainda necessita de muita fiscalização e investimento.

2.2.4 Crescimento e Desenvolvimento Econômico

Segundo Araújo (2000), é possível perceber que há um processo de novas polarizações e territorialidades em áreas mais dinâmicas do país. Em favor disso, surge uma nova organização do espaço brasileiro e do respectivo sistema de cidades. Muitas áreas do Nordeste vêm passando por tais processos, os quais são verificados a partir do surgimento de numerosos pólos, tanto industriais quanto agrícolas, na região.

Ainda de acordo com autora, no período em que a economia do país consolidava o mercado interno nacional e promovia sua integração produtiva, a região Nordeste deu partida na dinâmica nacional. Nesta fase, inicia-se a busca de novas frentes de investimentos em espaços que se situem além dos centros mais industriais do país, como o Sudeste, surgindo e desenvolvendo-se, no Nordeste, diversos subespaços dotados de estruturas econômicas modernas e ativas, focos de dinamismo, decorrentes do desempenho positivo apresentado pelas atividades econômicas da região. Estas estruturas são tratadas ora como frentes de expansão, ora como pólos dinâmicos, ora como manchas ou focos de dinamismo. Tais características vêm contribuindo para tornar a realidade regional muito mais complexa (ARAÚJO, 2000).

Essas mudanças fizeram surgir novos Nordestes¹, mais diferenciados e dinâmicos, que vêm sendo caracterizados também por uma grande atração de retornados. Esse processo desencadeia uma nova organização do espaço, o que pode ser observado em algumas das cidades do Nordeste que estão apresentando uma recente intensificação em sua dinâmica econômica. Algumas destas cidades fazem parte do Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano, no qual está inserido o município estudado, onde, atualmente, se encontra intenso crescimento econômico. Esses indicadores, de maneira geral, fazem com que esse pólo tenha bastante importância no que diz respeito à nova organização do espaço em vigência no Brasil.

Brandão (2004) ao tratar das mudanças na divisão inter-regional do trabalho do Brasil pós-anos 90 mostra que grupo produtor de bens tradicionais, como calçados, vestuário e têxtil, agroindústria de alimentos e bebidas se dirigiram para áreas bastante específicas e seletivas da periferia nacional. Para ele ocorreu a atração de novos investimentos ou deslocamentos de algumas indústrias produtoras de bens de consumo não-duráveis para o Nordeste, a exemplo de têxtil, confecções, calçados, alimentos e bebidas. Estas indústrias, para o autor, talvez

¹ Termo utilizado pela autora Tânia Bacelar de Araújo em “Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro: heranças e urgências”. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

ainda tenham algum raio para ocupar sua capacidade produtiva, a depender do ambiente macroeconômico e pode-se assistir ao arrefecimento do crescimento destas indústrias e à diminuição da marcha da desconcentração regional do emprego e da renda, a depender também da política comercial praticada. Ainda segundo o autor, é preciso explorar de forma mais criativa as externalidades positivas e vantagens distintivas, e promover ações compensatórias, horizontais ou pontuais em áreas em estagnação ou retardadas. O contexto referido nos mostra a atual importância de alguns pólos econômicos do Nordeste para os estudos regionais e urbanos do país, a exemplo do Pólo de Confeções do Agreste Pernambucano.

Conforme Matos (1995), as teorias de centralidade e de desenvolvimento regional polarizado salientaram a importância dos fatores de atração. Estes se agrupam ao processo de formação das grandes concentrações urbanas e se associam aos requerimentos de mão-de-obra da expansão econômica concentrada. O processo de desconcentração resume as deseconomias de escala, derivadas dos custos crescentes associados a altas densidades no espaço urbano e a atração exercida pelas cidades secundárias, ao se tornarem importantes do ponto de vista das vantagens aglomerativas.

O que se vê, atualmente, é uma nova tendência de concentração de empresas e de população em espaços não metropolitanos, fenômeno este que pode estar relacionado com a expansão econômica dessas áreas que vêm oferecendo vantagens locacionais, como isenção fiscal, subsídios para as indústrias e oferta de empregos para a população, mesmo que estes sejam de baixa qualificação. A dispersão espacial é, assim, registrada pela dinâmica das atividades econômicas e pela redistribuição da população.

Situação semelhante ocorre com alguns municípios do estado de Pernambuco que fazem parte do Pólo de Confeções do Agreste. Tais municípios vêm apresentando as características de concentração de empresas e população em seu entorno, devido, justamente, a alguns dos fatores citados. Toritama se apresenta hoje como um município onde o desemprego é quase nulo, apesar dos postos de emprego serem, na maioria das vezes, no setor informal. Outro fator em comum é o não pagamento de impostos e oferta de más condições de trabalho para seus funcionários.

Este cenário tem sido muito favorável para as indústrias de confeções de Toritama, onde se verifica um crescente aumento de pequenas empresas e demanda de mão-de-obra barata em decorrência da sua atual dinâmica econômica. Como consequência está havendo elevação dos fluxos migratórios em direção aos municípios que fazem parte desse mais recente pólo de confeções. Fica clara, assim, a importância das cidades secundárias como

localizações econômicas alternativas, não apenas para as indústrias, mas também para a população que busca emprego.

Segundo Rigotti (2006), está havendo uma reestruturação produtiva e uma mudança na dinâmica populacional no Brasil. Isto se deve aos novos padrões de desconcentração geográfica da produção, conjugadas ao surgimento de novas economias de aglomeração. As grandes transformações da estrutura produtiva vêm provocando um rebatimento na organização do espaço brasileiro.

O que vem ocorrendo é uma nova regionalização, tanto dos fluxos de pessoas e mercadorias, quanto de transações econômicas no país. Podendo-se verificar, ainda, casos de transbordamento das atividades para demais municípios localizados nas proximidades da área em processo de dinâmica econômica.

O eixo de municípios que engloba a sulanca abrange outros municípios do Agreste, além dos que já fazem parte do pólo. A autora afirma que isto acontece, principalmente, por ter uma divisão territorial do trabalho muito fragmentada e flexível. Nestas localidades são encontradas unidades fabris, maiores, com elevada tecnologia, ao lado de pequenas unidades domésticas de transformação. E entre estes municípios ela destaca Brejo da Madre de Deus, Jataúba, Taquaritinga do Norte, Vertentes, Riacho das Almas, São Caetano, entre outros, incluindo áreas urbanas e rurais. Porém, a comercialização mantém-se predominantemente no eixo Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe, através de suas feiras da “sulanca” e centros de compras (LIRA, 2006). A partir do contexto, pode-se notar a importância da atual dinâmica econômica das pequenas e médias cidades do Nordeste para o crescimento econômico de seus estados.

Rocha, Silva Jr. e Viana (2005) ao fazerem um recorte geográfico para o Nordeste do país, especialmente para o Estado de Pernambuco, observaram que a indústria de transformação têxtil e de confecções vem demonstrando ter uma expressiva relevância para o crescimento industrial do Estado. Ao mostrar que os dados da PIA indicam que a indústria têxtil e de confecções, no ano de 2006, respondeu por 11,4% do pessoal ocupado na indústria de transformação do Estado de Pernambuco e por 4% do valor bruto da produção industrial gerado por toda a indústria de transformação do Estado.

Tais dados tornam-se importantes a serem expostos, na medida em que favorecem o conhecimento da realidade econômica à qual vem passando o município de Toritama. A cidade faz parte de um importante centro econômico, o Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano. O Pólo de Confecções está localizado na mesorregião do Agreste

pernambucano, nas microrregiões do Alto Capibaribe, municípios de Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, e do Vale do Ipojuca, município de Caruaru.

Segundo dados do SEBRAE (2003), a produção de peças de vestuário realizada nos três municípios que fazem parte do pólo é vendida em todo o Brasil e em países da América do Sul, como o Paraguai.

No entanto, segundo os estudos da Fundação Joaquim Nabuco (2008), apesar de fatos tão positivos acerca da economia de Toritama, há um alto índice de informalidade de suas empresas, fato que leva a existência de duas formas de competitividade, quando as empresas são formalizadas, possuem empregados que recebem qualificação e condições de trabalho dignas e qualquer terceirização da produção é feita na busca de aumentos da produtividade por ganhos de escala e especialização; e a outra ocorre quando as empresas são informais e seus critérios de competitividade se baseiam, sobremaneira, em baixos custos de produção em detrimento à qualidade e resultado, além da sonegação fiscal e das relações de subcontratação que são feitas na tentativa de reduzir custos trabalhistas. Assim, estas últimas podem impedir o desenvolvimento econômico pleno do município, sendo necessárias ações de políticas públicas específicas para fazer com que as empresas mudem de padrão.

Entretanto, não se pode deixar de concordar que, apesar desses indicadores, há um acelerado processo de crescimento econômico que se traduz para a oferta de trabalho, para a população local e para migrantes, mesmo que esta seja na maioria dos casos informais.

O fato é que Toritama vem despontando como um dos municípios do interior do Agreste que mais tem crescido nos últimos anos, mesmo que este crescimento não seja traduzido em desenvolvimento sustentável, por inúmeros fatores relacionados ao não pagamento de tributos e à informalidade, levando ao abandono, tanto de investimentos econômicos e quanto de infraestrutura básica, por parte do poder político local.

Ainda de acordo com os dados do SEBRAE (2003), os fatores que vem atrapalhando o desenvolvimento não só de Toritama, mas do Pólo do Agreste como um todo são: a falta de infraestrutura, a falta de incentivo do governo junto aos produtores, a questão da segurança, a falta de organização das feiras e a questão do crédito.

Os dados acima demonstram que crescimento econômico, na grande maioria das vezes, não significa desenvolvimento econômico. Segundo Gremaud, Vasconcellos e Toneto Júnior (2004), crescimento econômico é a ampliação quantitativa da produção, ou seja, de bens que atendam às necessidades humanas, diferentemente de desenvolvimento econômico, considerado como bem mais amplo, por não se ater apenas na magnitude da expansão da

produção, representada pela evolução do PIB, por exemplo. Para o desenvolvimento econômico o importante está na natureza e principalmente na qualidade do crescimento.

Nesse sentido, a ideia de desenvolvimento econômico está ligada às boas condições de vida da população, o que não vem ocorrendo em Toritama, a não ser por parte de uma elite privilegiada, que no caso estudado, compreende aos grandes empreendedores.

No entanto, para o SEBRAE (2003), é inegável que a indústria de confecções na região tem ajudado na distribuição de renda mais equitativa, ou menos desigual do que a do Brasil, do Nordeste, ou de Pernambuco.

Tal fato vem fazendo com que grandes levas de migrantes se dirijam para o Toritama e demais municípios do pólo. Dados do IBGE comprovam o grande crescimento populacional de Toritama, por exemplo, quando observamos a evolução da população. No referido município, a população segundo o censo de 1991 era de 14.907 habitantes, passando para 18.399 habitantes na contagem populacional de 1996, atingindo 21.800 no censo 2000, e superando os 29.897 habitantes na contagem de 2007 e chegando a marca de 35.554 habitantes segundo dados do IBGE para o censo 2010.

Para Singer (1980), uma cidade ao entrar no processo de industrialização tende, geralmente, a atrair população do seu entorno imediato. Cidades menores, ou que apresentam pouco desenvolvimento econômico, ou ainda pouca oferta de emprego, tendem a expulsar população para centros comerciais localizados mais próximos.

O crescimento econômico de Toritama é considerado a principal causa de seu crescimento populacional. E esse aumento da população faz com que a infra-estrutura física e social da região necessite cada vez mais de maiores investimentos.

Lira (2006) identificou que muitos dos trabalhos oferecidos pelos municípios que fazem parte do Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano são, em sua maioria, temporários, sem nenhuma garantia trabalhista. As pessoas possuem jornadas intensas, sem descanso nos finais de semana ou férias remuneradas. Ou seja, para ela a empregabilidade garantida à maioria da população agrestina não é sinônimo de bem-estar social. Além disso, outras questões são agravadas com o crescimento urbano acelerado. Quando a autora afirma que em Toritama, existem muitos problemas de segurança e infra-estrutura, principalmente nas áreas habitacionais e de produção do lixo. Ainda conforme a autora:

(...) o Estado, enquanto implementador de políticas públicas não cumpre o seu papel (...). Percebemos, então, que as políticas públicas têm sido efetivadas precariamente, não havendo uma ação planejada, pelo Estado para o desenvolvimento regional (LIRA, 2006, 109-112).

Ao que tudo indica o elevado crescimento econômico do município de Toritama não traz consigo o pleno desenvolvimento necessário, tanto para a economia, quanto para sua população. Guardando marcas de precarização de trabalho e falta de planejamento urbano e social. Entretanto, mesmo com o quadro de precarização das condições de trabalho da população local e dos migrantes, e a falta de planejamento urbano e social, a economia de Toritama tem sido alvo tanto aos olhos da economia brasileira, quanto aos da economia mundial.

2.2.5 Reflexos da Nova dinâmica Econômica Global para a Economia de Toritama

Existe uma constante tensão entre a tendência de globalização homogeneizadora e as especificidades de cada local, na medida em que a tendência da globalização é exportar padrões, sejam de produção, consumo, comercialização etc.

É inegável que os atores globais, as empresas globais, tenham que dialogar com as especificidades locais. Entretanto, não se pode negar que a escala global está ganhando mais importância a cada dia. Segundo Araújo (2001):

(...) a globalização é um estágio de um velho movimento que começa muito atrás. Um movimento do qual Marx falava no Manifesto quando tratava do que chamou de vocação cosmopolita da burguesia, concretizada na tendência que apresenta de se alastrar mundo afora e difundir seus padrões de consumo, de produção e, principalmente, as relações sociais típicas do capitalismo (ARAÚJO, 2001, 221).

Pode-se dizer que, na nova era de integração das economias em escala mundial, praticamente todas as economias estão conectadas às práticas do mercado global através do incremento nos fluxos comerciais pelo mundo. Tal processo vem ocorrendo com a maioria das atividades econômicas e não apenas às voltadas para a tecnologia de ponta. Diante disso, não se pode mais pensar em crescimento através de economias totalmente isoladas da nova dinâmica econômica global, uma vez que praticamente todos os lugares estão ligados por fatores econômicos, sociais, culturais e/ou políticos.

Chegamos a um ponto em que uma simples mudança, seja na produção, seja na comercialização, ou consumo de um produto, pode interferir significativamente na dinâmica econômica de diversas regiões. É a partir desse contexto que vemos a necessidade de não analisarmos isoladamente a economia de um lugar.

Segundo Santos (2008 a), a fase atual é àquela em que a economia se torna mundializada e todas as sociedades terminam por adotá-la de forma mais ou menos total e de maneira mais ou menos explícita.

Ainda de acordo com Santos (2008 b), a uma escala mundial corresponde uma lógica mundial que guia os investimentos, a circulação das riquezas, a distribuição das mercadorias. Para ele:

(...) a ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade (SANTOS, 2008 b, 338).

É a partir dessa nova lógica que se faz necessário pensar e agir de forma integrada, principalmente no que diz respeito às propostas de planejamento de uma localidade, tentando observar o processo de articulação da economia local com a dinâmica global, e em particular com a concorrência mundial.

Segundo Amin (2007), não se deve focar somente sobre a economia de crescimento endógeno, baseado apenas nos aglomerados locais. Um estudo da dinâmica econômica da região torna-se importante. A idéia de regiões como locais de circulação deveria redirecionar-se para a realidade de que o grosso das transações econômicas regionais também está associado ao atendimento da demanda local, na medida em que as cadeias de suprimento globais podem ser utilizadas em benefício do local.

Tal fato nos mostra a importância da abordagem multi-escalar da economia de um lugar, levando-se em consideração o padrão de competitividade com os demais atores globais. A partir daí será possível uma proposta de planejamento em que pese não apenas o crescimento econômico, mas também o desenvolvimento da região como um todo.

A globalização privilegia a escala global e a local, não interessando, atualmente, a escala nacional, já que para a globalização os agentes têm capacidade de operar no espaço supranacional, daí contestarem as escalas intermediárias, especialmente a nacional que é reguladora e pode impedir que o grande capital circule livremente à escala mundial (ARAÚJO, 2007). Sabe-se que a tendência do mercado, em geral, é tentar ao máximo diminuir o poder regulador no estado na economia, a fim de se maximizar seus lucros e poder concorrer livremente com o mercado mundial.

Amin (2001) afirma que no âmbito do apoio direto aos negócios locais, a atenção à economia da circulação deveria voltar-se para uma série de esquemas de ajuda para que os negócios tenham como incrementar a competitividade nacional e internacional sem assumir

externalidades locais. Mas há uma necessidade de buscar modos pelos quais as cadeias de suprimento globais poderiam ser utilizadas em benefício do local.

A partir desse contexto, como pensar Toritama sem observar o contexto social, econômico e histórico ao qual a indústria do município se inseriu? Como pensar Toritama sem observar a concorrência chinesa (o global) e suas consequências para a economia do município (o local)? E como analisar a economia de Toritama sem verificar quais agentes internos e externos atuam hoje na sua economia?

Segundo Duarte e Fusco (2008), a indústria da sulanca constitui um caso particularmente interessante do processo de industrialização do Nordeste, pelo seu caráter espontâneo e autônomo, e que surgiu no auge, mas também à margem da política de incentivo oficial à indústria proporcionado pelo Fundo de Industrialização do Nordeste (Finor), administrado pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene). As crises econômicas da época (1980 e 1990) fizeram surgir o ideário neoliberal, o qual buscava a redução do papel do Estado na economia, assim como uma nova reestruturação produtiva, com uma conseqüente busca de aumento tanto na produtividade, quanto na sua eficiência. A partir de então foram surgindo formas de precarização das condições de trabalho; e o fenômeno da terceirização, que levou ao enxugamento do quadro de pessoal de muitas empresas de médio e grande porte. A redução da jornada de trabalho e a opção por não assinar a carteira de trabalho dos empregados foi outra faceta da precarização que tomou vulto na última década do século XX.

O contexto acima referido influenciou bastante no processo de desenvolvimento da indústria de confecções de Toritama, ao observar que desde seu início ela se apresentou como uma indústria bastante adepta da terceirização da produção, com todas as suas características de precarização de trabalho e intensa informalidade.

Mas não podemos esquecer também das marcas que nosso contexto histórico, econômico e social, de séculos atrás, nos deixou. Um contexto cravado tanto por explorações externas, quanto pelo crescimento e desenvolvimento desigual de nossas regiões.

De acordo com Araújo (2007), muitas de nossas estruturas socioeconômicas e culturais guardam as marcas do engate colonizador de Portugal no Brasil, até hoje. Devido a tal fato torna-se fundamental em qualquer estudo econômico de uma área olhar para trás e vermos as heranças brasileiras para entendermos a sua atual realidade.

O Brasil foi uma colônia de exploração e trás consigo essa marca até os dias atuais. Marca que nos tornou, durante muito tempo, mero país exportador de produtos agrícolas. Diante disso, a industrialização brasileira foi tardia e limitada a algumas regiões do Sul e

Sudeste, o que lhes proporcionou um crescimento e desenvolvimento mais acelerado, em detrimento das demais regiões.

Entretanto, Araújo (2007) chama a atenção para o movimento atual de desconcentração espacial da produção nacional, ao afirmar que nas décadas recentes a indústria passa a buscar novas localizações, desenvolvendo-se em vários locais das regiões menos desenvolvidas do país. É a chamada deseconomia de aglomeração, a qual tira as maiores Regiões Metropolitanas (Rio e São Paulo) desse foco dinâmico industrial. Conforme Araújo:

(...) é certo também que algumas empresas de gêneros industriais mais intensivos de mão-de-obra (Calçados e confecções, por exemplo) têm buscado se realocar no interior do Nordeste, para competir com concorrentes externos (principalmente com os países asiáticos), atraídos pela super-oferta de mão-de-obra e baixos salários, e pela possibilidade de flexibilizar as relações de trabalho (adotando subcontratação, por exemplo), ao se mudarem (ARAÚJO, 2007, 227).

O município de Toritama cabe bem nesse contexto, como já observado anteriormente, no município os costureiros trabalham normalmente por encomenda e utilizam o trabalho informal para a maximização dos seus lucros. O motivo seria que, para ingressar no mercado formal as empresas teriam que pagar impostos e prestar contas de todos os direitos trabalhistas dos funcionários, impossibilitando, assim, a concorrência com o mercado exterior, em particular o chinês, uma vez que os produtos chineses são produzidos, na maioria das vezes por trabalhadores semi-escravizados, e entram no Brasil com preços bastante acessíveis.

Diante de tal fato, torna-se necessário à atenção para os agentes internos e externos, no que diz respeito principalmente à concorrência com outros produtores. A indústria de confecções de Toritama vem sofrendo, nos últimos anos, acirrada concorrência, e não apenas por parte de produtores nacionais, a exemplo dos produtores de São Paulo, como também por parte da concorrência estrangeira. Os baixos preços dos produtos chineses têm trazido certo receio para os produtores toritamenses.

Entretanto, pode-se notar que, apesar da produção chinesa ser, muitas vezes, mais barata do que a de Toritama, devido à mão-de-obra extremamente barata na China, este país ainda não conseguiu derrubar o pólo de Toritama. Isso pode ser devido, em parte, ao fato da produção em Toritama atender às exigências da moda nacional. Nesse sentido, a indústria de confecções de Toritama vem despontando como um dos principais produtores de roupas do país, a partir do significativo volume de vendas para muitos dos estados nacionais, além das exportações para outros países.

De acordo com Lira (2011), as confecções do Agreste pernambucano vão atingir espaços em quase todo território nacional, além de territórios internacionais. As exportações para a Europa ou para outros países da América Latina são praticadas de forma pontual e atingem um pequeno número de empresas exportadoras, e ocorrem para alguns poucos territórios internacionais. A influência do aglomerado avançou para além da escala nacional. Mas essa articulação só foi possível a partir dos atores que possuem um poder financeiro mais equilibrado e estrutura empresarial mais competitiva.

Segundo dados do SEBRAE (2003), os produtos do Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano possuem características inovadoras, que procuram atender as tendências da moda, muito embora a matéria-prima não se originar na própria localidade, decorrente dos altos custos. Essa é uma característica marcante, pois há uma disseminação do uso de material proveniente de fora do Arranjo Produtivo Local (APL), principalmente de tecido oriundo da China e demais insumos da região sudeste do país, notadamente Santa Catarina.

Nesse sentido, não se pode deixar de lado a expansão do comércio, tanto local quanto regional e até global, tendo em vista o comércio como fator de expansão das atividades de confecção na região.

2.2.6 Planejamento Estratégico e Políticas Públicas para a Indústria de Confecções de Toritama

Toritama tornou-se um típico exemplo da busca de alternativa econômica de sobrevivência de uma população que vive em terras pouco propícias à agricultura e mal servidas de água, tentando, assim, direcionar sua economia primeiramente para a produção de calçados e hoje para a produção de *jeans*.

Atualmente, a indústria de confecções do município de Toritama apresenta algumas características que podem torná-la um pouco semelhante a um APL, já que o município é caracterizado pela existência de aglomeração de um número significativo de empresas que atuam em torno de uma atividade produtiva principal (a produção de confecções).

Nesse sentido, a indústria de confecções de Toritama é tida muitas vezes como exemplo de APL, ou seja, um fenômeno de aglomeração de fatores econômicos via concentração geográfica de empresas, experimentando os efeitos das economias de aglomeração de um mesmo setor e em um mesmo território.

Se pensarmos apenas sob esta definição, o caso de Toritama pode, em certa medida, ser considerado como um APL. No entanto, em Toritama, há certas características, estas bem

marcantes, que contradizem a definição de APL. Neste município, as relações de trabalho são bastante precárias, além de não existir uma adequada articulação, cooperação entre as empresas e entre instituições de pesquisa. Somados a estes fatores, também não há, na indústria de confecções de Toritama, políticas de financiamento como necessariamente ocorrem nos APLs.

Sonia Maria de Lira (2011) adotou o termo “aglomerado industrial” que, de acordo com a autora, melhor se adéqua aos casos dos municípios que fazem parte do Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano. Segundo ela:

(...) o aglomerado industrial de confecções do Agreste pernambucano reúne um agrupamento significativo de micro e pequenas empresas que se inter-relacionam num determinado espaço geográfico. As inter-relações, no entanto, ocorrem a partir das racionalidades do modo civilizatório capitalista, através da produção flexível. Elas não são sinônimo de integração, mas de fragmentação espacial (LIRA, 2001, 15).

Ainda conforme a autora, algumas entidades têm caracterizado o aglomerado industrial de confecções do Agreste como um APL. Entretanto, a autora acredita que devido a fragilidade encontrada nos aspectos de interação, colaboração e participação, seria mais prudente não considerá-lo como APL. Uma vez que, na área, há pouca ou nenhuma articulação conjunta para aquisição de insumos e equipamentos, existe grande dificuldade para que os seus agentes se organizem em entidades cooperativas ou associativas, não há articulação entre instituições ligadas à pesquisa, ao desenvolvimento e a engenharia, além da falta de política para a promoção e financiamento de maneira consolidada ao aglomerado (LIRA, 2011).

Segundo Noronha e Turchi (2007), o debate sobre Arranjos Produtivos Locais deriva do entendimento de que pequenas empresas aglomeradas num espaço podem ser competitivas e ter um papel importante no desenvolvimento nacional. A razão que explicaria o sucesso de um APL seria a existência de diversas formas de cooperação entre as empresas ou de uma mistura adequada entre competição e cooperação. Nesse sentido, os APLs podem ser tomados como tradução simplificada de *cluster*. Rigorosamente, o essencial da definição está na especialidade da produção e na delimitação espacial. Baseada nesses critérios, qualquer concentração de um tipo de produção, seja numa região, município, bairro ou mesmo rua, pode ser denominada APL. Entretanto, APLs contrapõem-se às cadeias produtivas por sua vocação local e ao *cluster* por sua especialização.

O município vem se destacando pela recente dinâmica econômica local devido ao incremento na produção de confecções. Mas a indústria de confecções no município ainda necessita de uma melhor reestruturação, com uma melhor inovação e aprendizado interativos, o que é comum em um APL. O que de fato ainda não existe em Toritama.

Mesmo assim, a economia do município tem se apresentado bastante importante para o estado de Pernambuco, na medida em que pode tornar-se estratégica para o crescimento e desenvolvimento do estado, já que a indústria de confecção em estudo é um caso de novos empreendimentos estruturadores em implantação em Pernambuco.

Toritama vem apresentando um crescimento econômico vertiginoso nos últimos anos, despontando como um dos principais pólos de confecções do país, e transbordando suas atividades de produção e comércio de roupas para os demais municípios da redondeza. Segundo Pedro Pinchas Geiger (1967), na moderna regionalização a intensificação das atividades de especialização, pode chamar outras atividades, voltadas a atender um mercado regional em crescimento.

O que pode ser verificado é o surgimento de numerosas atividades no município, dentre às quais, não apenas às ligadas ao comércio, mas as voltadas para a rede hoteleira e de restaurantes, a fim de fornecerem serviços para os trabalhadores temporários e sacoleiros (os clientes de confecções).

Nesse sentido, observa-se que, nas últimas décadas, o crescimento econômico vertiginoso do município de Toritama vem se tornando uma espécie de ímã para trabalhadores de diversos lugares do país que pretendem encontrar na indústria de confecções uma oportunidade de ganhos financeiros. A esse respeito, pode-se notar que a atração exercida por Toritama está diretamente relacionada com a necessidade de mão-de-obra para as confecções de vestuários. Tal fato vem fazendo com que o município não comporte mais tanta população, que vem de fora, o que pode está levando Toritama a transbordar população para os municípios vizinhos.

Segundo dados do censo 2010, a população do município de Toritama passou de 21.800 habitantes, em 2000, para 35.554, em 2010 - um aumento de 63,4%, sendo que é considerado o menor município do estado de Pernambuco, com um território de apenas 25,704 Km². E como já foi afirmado, tal crescimento está se dando pelo aumento no número de migrantes no município.

Esta intensa atração de população pode trazer consequências sérias não apenas na infraestrutura urbana, mas, sobretudo, em assistência social para a população desse município, a partir do momento em que o município não suportar mais tal crescimento. O crescimento

físico de Toritama tem ocorrido em função da rápida expansão dos negócios, mas sem se ter uma devida atenção ou planejamento urbano por parte de seus governantes. Nesse momento, é de fundamental importância o incremento na infraestrutura física e em assistência social.

Além dos problemas expostos, existem várias dificuldades que retardam o crescimento da indústria de confecções e principalmente o desenvolvimento do município de Toritama como: a falta de investimentos em infraestrutura física e social; de mão de obra qualificada; de investimentos em tecnologias; a falta de matérias-primas, como a não produção de tecidos; a falta de um produto com qualidade, *design* e preço competitivo; e a não redução de impostos.

A desintegração espacial com a finalidade de aumentar a competitividade foi adotada pelas empresas do pólo de Toritama, como consequência de alterações no processo produtivo e na divisão social do trabalho. Nesse sentido, a nova espacialização industrial da indústria de Toritama tem por objetivo manter o nível organizacional do setor produtivo, utilizando-se de mão-de-obra pouco qualificada para serviços auxiliares e de montagem das roupas.

Segundo Harvey (2006), a flexibilidade trouxe níveis altos de desemprego estrutural e ganhos modestos, além de uma jornada de trabalho que tem, em média, quarenta horas por semana, mas obriga o empregado a trabalhar bem mais em períodos de muita demanda e é responsável pelo aumento do trabalho temporário e pelas subcontratações. E são estas últimas que abrem oportunidade para a formação de pequenas empresas, permitindo até sistemas de trabalho doméstico, familiar e paternalista (HARVEY, 2006).

Todavia, a nova espacialização social do trabalho gerou um alto índice de desemprego estrutural e consequente aumento nos postos ilegais de trabalho, fazendo com que a informalidade crescesse no município de Toritama.

As indústrias de confecções de Toritama tiveram que utilizar o trabalho informal, com baixo nível de educação da maioria dos trabalhadores e falta de conhecimento tecnológico, além de adotar a terceirização da produção, para se manter inseridas no mercado mundial. Como resultado, concentração de renda, desigualdade social, flexibilidade do trabalho e da produção, baixo nível tecnológico, crescimento do trabalho precário e de bolsões de pobreza se tornaram características da atual economia da indústria de confecções de Toritama.

A questão da precarização do trabalho é uma das mais graves no município. As condições de trabalho são quase sempre precárias há uma excessiva jornada de trabalho em troca de baixos salários e poucos direitos trabalhistas, para a grande maioria dos trabalhadores.

Outro problema diz respeito à falta de um distrito industrial para na área do pólo de Toritama, segundo dados da Associação comercial Industrial de Toritama. Em entrevista para o JC, o presidente do SINDIVEST de Pernambuco confirma a necessidade da criação de um distrito industrial para o Pólo de Confecções do Agreste. O presidente afirmou que em grande parte das cidades que compõem o pólo, as atividades empresariais, pelo fato de estarem inseridas no perímetro urbano, têm sentido o efeito inibidor da falta de um lugar adequado para sua expansão (ACIT – Associação Comercial Industrial de Toritama)².

Outro destaque diz respeito à Toritama ser, também, um pólo de lavanderias, que reúne cerca de 50 indústrias responsáveis pela manutenção de 15 a 20 postos de trabalho cada uma. Mas, além de gerar empregos, as lavanderias de Toritama vêm poluindo o Rio Capibaribe, o que tem caudado um sério impacto ambiental.

Os problemas relatados acima demonstram a necessidade de um planejamento estratégico e da atuação de novas políticas públicas no município. Planejamento e políticas que sejam direcionados para os atuais problemas que enfrenta o município, a exemplo da falta de infra-estrutura física e social e da informalidade.

O planejamento tem se dedicado cada vez mais aos aspectos espaciais da economia, reconhecendo na atual regionalização, uma expressão do processo de desenvolvimento. Tal desenvolvimento se reflete nos padrões do povoamento; nos sistemas de fluxos e trocas das mercadorias, capitais e informações; nos padrões de prestação de serviços e migrações; e na organização das áreas de influência dos centros urbanos (GEIGER, 1967, 111). É a partir do planejamento estratégico, de um plano de ações acordados entre os diversos agentes, e da criação de políticas públicas específicas para o pólo que se torna possível um desenvolvimento pleno no município de Toritama.

Já se pode verificar ações, por parte de instituições privadas e públicas, no sentido de tentar sanar alguns dos problemas enfrentados pelo município. Mas, estas ainda são pouco eficientes e eficazes, na medida em que são propostas de curto prazo. Existem ações da FIEPE em Caruaru juntamente com o Sebrae, Sindvest e SENAI, promovendo missões, cursos de capacitações e seminários, nos municípios que fazem parte do pólo³.

O Itep desenvolve no pólo um conjunto de ações voltadas para a melhoria dos processos industriais das lavanderias do Arranjo Produtivo Local da Confecção. As ações foram implementadas no âmbito do projeto “Desenvolvimento e Ajuste Tecnológico no Processo Industrial das Lavanderias do APL da Confecção do Agreste” - Projeto Aprolav, desenvolvido

² Disponível em: http://www.acitoritama.com.br/noticia_detalhes.asp?id=208

³ Disponível em: C:\Documents and Settings\casa\Desktop\FIEPE.mht

durante 24 meses no Agreste, custeado pela Financiadora de Estudos e Projetos - Finep -, do Ministério da Ciência e Tecnologia⁴.

Segundo Noronha e Turchi (2007), a promotoria pública e a agência governamental de meio ambiente vêm tentando buscar soluções menos poluentes entre os empresários locais que fazem parte do pólo (NORONHA & TURCHI, 2007).

De acordo com o SEBRAE (2003), as lavanderias de Toritama, em parceria com o Sindicato da Indústria do Vestuário de Pernambuco, também estão desenvolvendo mecanismos para evitar a poluição do rio Capibaribe pela água usada na lavagem do jeans (SEBRAE, 2003).

Observa-se, a partir dos dados acima que existe uma tentativa de buscar ações que corrijam alguns problemas, não apenas em Toritama, mas no Pólo do Agreste como um todo. Entretanto, tais ações são em sua maioria voltadas para a questão ambiental, esquecendo dos graves problemas estruturais do município, no que se refere ao descontrole da infra-estrutura urbana - com o crescimento da indústria e o aumento acelerado da população; aos problemas da elevada informalidade; assim como os sérios problemas sociais aos quais tem passado a população de Toritama.

⁴ C:\Documents and Settings\casa\Desktop\AGRESTE - Itep vai melhorar processos industriais.mht

CAPÍTULO 3

RESULTADOS

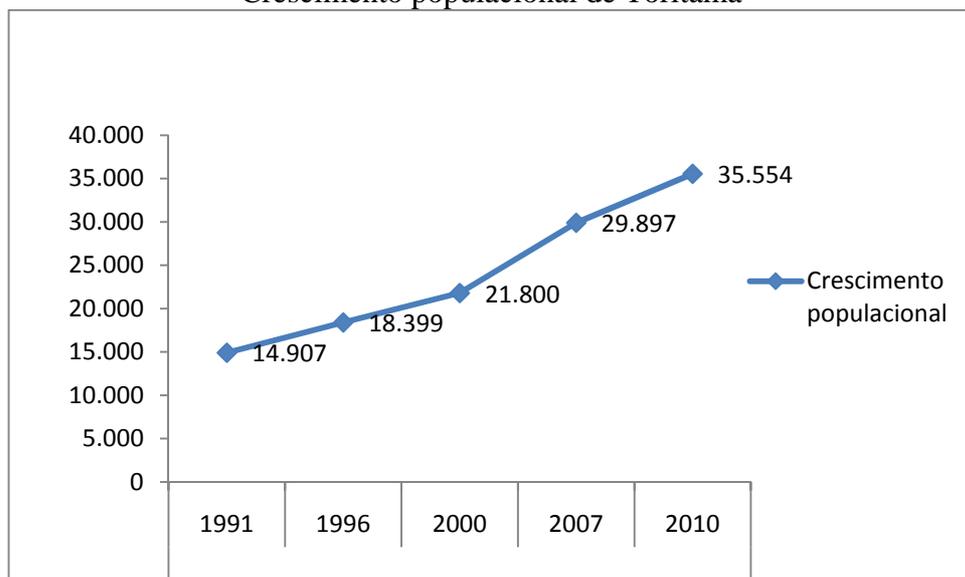
3.1 DADOS QUANTITATIVOS

Os dados quantitativos referentes ao perfil sócio-demográfico da população de Toritama, aos fluxos pendulares e aos que dizem respeito a trabalho foram obtidos a partir dos microdados do censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Já os dados de habitabilidade foram coletados no IBGE cidades (internet), a partir do universo do censo 2010.

3.1.1 Perfil Sócio-Demográfico da População

Segundo o censo nacional do IBGE realizado em 2000, a população do município de Toritama era de 21.800 pessoas, passando para os 35.554 habitantes, como pode ser visto do Gráfico 1. Isto significou uma taxa de crescimento médio de 5,01% ao ano, muito acima da média do crescimento do estado de Pernambuco como um todo no mesmo período, que foi 1,06% ao ano.

Gráfico 1
Crescimento populacional de Toritama



Fonte: Dados IBGE. Elaboração própria.

Nesse sentido, o aumento acelerado da população de Toritama em virtude do aumento do número de migrantes que tem se dirigido para o município a fim de trabalhar na indústria de confecções, pode trazer consequências graves para a infraestrutura física e social de Toritama.

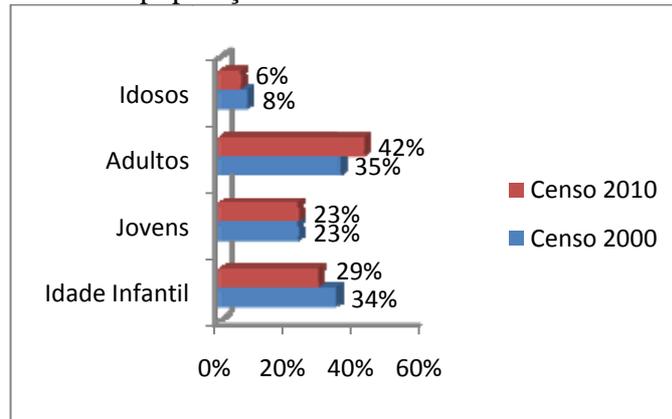
Com relação à distribuição da população de Toritama por sexo, observou-se, nos dados do censo 2000, que dos 21.800 habitantes, 49% eram do sexo masculino, enquanto que 51% corresponderam à população feminina. Os dados da composição por sexo se repetiram no censo 2010.

Já com relação à faixa etária observou-se que Toritama tem 34% de pessoas na faixa da infância (de 0 a 14 anos de idade), um número bastante elevado que pode indicar uma alta taxa de natalidade, fato que não foge a regra da maioria dos municípios do estado de Pernambuco, notadamente os do interior.

Quanto aos jovens de 15 a 24 anos, estes representavam mais de 23% da população. Vale ressaltar que as pessoas desta faixa de idade já fazem parte da População Economicamente Ativa (PEA), ou seja, compreende o potencial de mão-de-obra com que pode contar o setor produtivo, isto é, a população ocupada e a população desocupada. A faixa etária dos 25 aos 59 anos de idade, que representa os adultos, registrou um percentual de 35% no município de Toritama. Os idosos somaram apenas 7,3% no município analisado. Verifica-se, assim, que aproximadamente 58% da população de Toritama está na faixa dos 15 aos 59 anos de idade e fazem parte da PIA.

De acordo com o censo 2010, observou-se que a maioria da população de Toritama era composta por jovens e adultos, representados por 23% e 42%, respectivamente. Correspondendo a 65% da População em Idade Ativa. A faixa de idade representada pela idade infantil correspondeu a 29% da população. Apesar de ter havido uma diminuição, no censo 2000 para o censo 2010, nessa faixa de idade, ainda pode-se verificar uma grande quantidade de crianças no município. O aumento na faixa etária dos adultos foi significativo, passando de 35%, em 2000, para 42% em 2010, representando um aumento de 7% entre os adultos, como pode ser visto no gráfico abaixo. Isso pode ser devido a atração de População Economicamente Ativa para trabalhar no pólo de confecções de Toritama, além do processo de envelhecimento por qual passa a população atualmente.

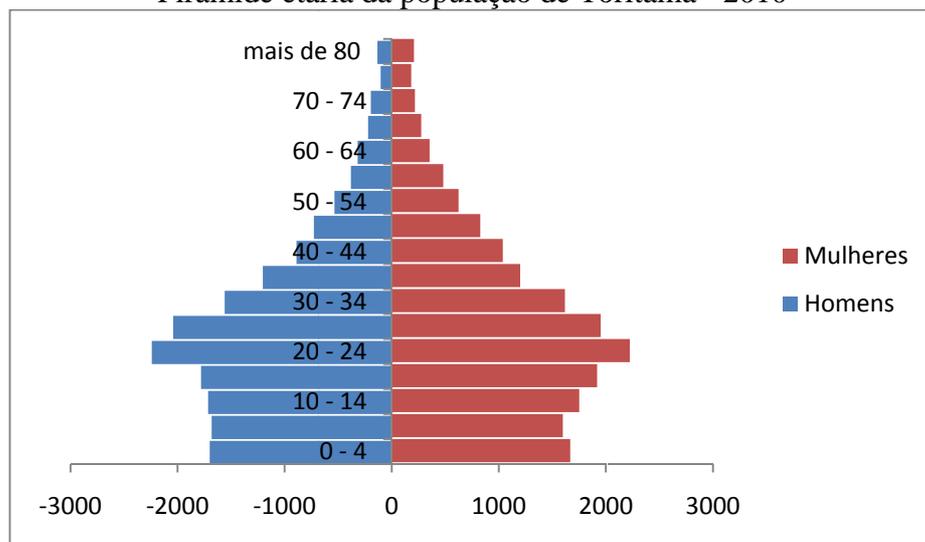
Gráfico 2
Faixa etária da população de Toritama nos censos 2000 e 2010



Fonte: Dados do IBGE. Elaboração própria.

A pirâmide etária abaixo, se apresenta com a base um pouco estreita, em relação ao corpo da pirâmide, o que indica uma menor quantidade de crianças e adolescentes em relação aos jovens. Existe um aumento significativo na faixa que vai dos 20 aos 24 anos de idade, tanto para os homens, quanto para as mulheres. A pirâmide volta a ficar estreita na medida em que as idades vão aumentando. Isso indica que a população de Toritama ainda é bastante jovem, podendo, no futuro, surgir problemas relativos a grupo dos idosos. Problema este agravado quando se observa que o crescimento da população jovem e adulta de Toritama está consideravelmente atrelado às migrações dessas faixas etárias para o município.

Gráfico 3
Pirâmide etária da população de Toritama - 2010



Fonte: Dados Datasus – 2010. Elaboração própria.

Nos dados referentes aos anos de estudo da população de Toritama foram apresentados apenas pelos dados do censo 2000, uma vez que, no período da elaboração da dissertação, tais dados ainda não tinham sido divulgados para 2010. E como se pôde ver no capítulo dois, o município de Toritama vem passando por um processo de crescimento econômico acelerado, mas que não tem se refletido como desenvolvimento econômico, principalmente quando se observa a existência de boa parte de seus habitantes vivendo em condições precárias de habitação, educação, saúde e mesmo de trabalho, uma vez que estes, apesar de não serem mais escassos, são informais e em sua maioria são traduzidos por péssimas condições de trabalho e pobreza.

Santos (1978) afirma que a pobreza viria de um lugar que passa por um crescimento sem que houvesse preocupação com o desenvolvimento. Assim para ele, o crescimento seria o simples aumento das quantidades globais, mas o desenvolvimento propriamente seria acompanhado pela transformação das estruturas sociais e mentais.

Para os dados dos anos de estudos foram excluídas as pessoas com menos de 10 anos de idade, devido a possibilidade da estrutura etária contaminar os indicadores de educação. Na Tabela 1 notou-se um grande percentual, de mais de 44% na faixa entre 1 a 4 anos de estudo, ou seja, estudaram somente até a educação infantil. Em relação ao ensino fundamental, verifica-se que 23,57% faziam parte desse grupo de 5 a 8 anos de estudo, no município. O que pôde ser constatado foi uma tendência na diminuição da população em relação ao aumento dos anos de estudo. Entretanto, quando se analisa a presença de programas de alfabetização de adultos, verificou-se que em Toritama estavam ausentes. Vale destacar que Toritama se apresentou em uma posição relativamente boa em relação à faixa de 17 anos ou mais de anos de estudo. No tocante a taxa de analfabetismo, verificou-se que 22,3% da população de Toritama não tinham instrução ou apresentavam menos de um ano de estudo.

Tabela1

Toritama: Distribuição da população segundo anos de estudos. 2000.

Anos de estudo	N	%
Sem instrução ou menos de 1 ano de estudo	3745	22,30
De 1 a 4 anos de estudo	7474	44,50
De 5 a 8 anos de estudo	3959	23,57
De 9 a 11 anos de estudo	1368	8,15
De 12 a 16 anos de estudo	179	1,06
17 ou mais anos de estudo	37	0,22
Não determinado	33	0,20
Total	16794	100,00

Fonte: IBGE Censo Demográfico 2000. Tabulação própria.

3.1.2 Perfil dos Migrantes

Os dados do censo do IBGE 2000 indicam que boa parte dos migrantes de Toritama tinha entre 15 a 29 anos de idade, ou seja, mais de 37%, correspondendo a jovens e adultos em idade ativa. Quanto às crianças entre zero a nove anos, elas representam apenas 7,08% (prováveis filhos de migrantes que tiveram que acompanhar a família). O que pode indicar que a atração exercida pelo município é de jovens e adultos, justamente por fazerem parte da PEA que migra em busca de trabalho. Constata-se, assim, que a quantidade de migrantes vai diminuindo na medida em que se considera as faixas de idades superiores.

Com relação às taxas de analfabetismo e ao grau de escolaridade, apresentados na Tabela 2, constatou-se que 22,12% dos não-migrantes⁵ de Toritama são analfabetos ou possuem menos de um ano de escolaridade, enquanto que entre os migrantes houve um acréscimo de 0,46%, representando 22,58%. Já entre a faixa de 1 a 4 anos de estudos, os naturais não-migrantes representaram pouco mais de 41% e os migrantes quase 50%. Entretanto, pode-se constatar que para ambos os casos houve um afinilamento na medida em que se aumenta o grau de escolaridade. Vale salientar que a diferença só é significativa para as faixas de até oito anos de estudo e, num patamar bem inferior a partir de 12 a 16 anos.

⁵ Não migrante é o residente que nasceu e sempre morou em Toritama, ou seja, são os naturais de Toritama que nunca exerceram fluxo migratório para fora do município.

Tabela 2
Toritama: Distribuição da população segundo status migratório
por número de anos de estudo. 2000.

Anos de estudo	Não migrantes	Migrantes	Total
	%	%	%
sem instrução ou menos de 1 ano de estudo	22,12	22,58	22,30
de 1 a 4 anos de estudo	41,37	49,64	44,51
de 5 a 8 anos de estudo	25,61	20,24	23,57
de 9 a 11 anos de estudo	9,31	6,24	8,15
de 12 a 16 anos de estudo	1,13	0,94	1,06
17 ou mais anos de estudo	0,25	0,17	0,22
não determinado	0,20	0,19	0,20
Total	100,00	100,00	100,00
	10414	6378	16792

Fonte: IBGE Censo Demográfico 2000. Tabulação própria.

Com referência a jornada de trabalho semanal, constatou-se que mais da metade dos migrantes trabalham de 41 a 60 horas semanais, permanecendo numa média adequada de jornada de trabalho, que é de 40 até 60 horas semanais. Já quanto ao rendimento mensal dos migrantes em Toritama, pode-se observar que mais de 50% recebiam entre um a dois salários mínimos e 16,36% recebiam mais de meio salário mínimo. Quanto a quem recebia mais de dez SM, verifica-se que menos de 3% dos migrantes entravam nessa faixa. Vale salientar, também, que a porcentagem dos não-migrantes que recebiam mais de dez SM é ainda menor em comparação com os migrantes (Tabela 3). Estas informações revelam o quanto a renda ainda é baixa no município, apesar do grande dinamismo econômico que vem ocorrendo.

Tabela 3
Toritama: Distribuição da população segundo status migratório
por faixa de renda total em salário-mínimo. 2000.

Faixas de renda em SM	Não migrantes	Migrantes	Total
	%	%	%
Até meio SM	3,57	3,40	3,50
Mais de meio	16,36	16,03	16,23
De 1 a 2 SM	41,37	50,23	44,85
De 2 a 3 SM	16,43	12,09	14,72
De 3 a 5 SM	11,03	11,31	11,14
De 5 a 10 SM	7,56	5,08	6,59
Mais de 10 SM	3,68	1,86	2,96
Total	100,00	100,00	100,00

Fonte: IBGE – 2000. Tabulação própria.

Observou-se a presença de três tipos de fluxos no município de Toritama, que são: os fluxos de longa distância, originados de outros estados e outras regiões do país, mas que representam uma parcela pequena; os fluxos de curta distância – originários de locais bem próximos, como Vertentes, Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe, Taquaritinga do Norte e Surubim. Estes dois tipos encontram-se entre os migrantes de residência fixa em Toritama.

Um terceiro tipo de fluxo diz respeito aos trabalhadores pendulares, os quais realizam um fluxo quase que diário entre os municípios próximos e que são característicos de grandes metrópoles, mas que, no entanto, vêm surgindo com grande frequência e em quantidade expressiva em Toritama. Os trabalhadores pendulares se deslocam diariamente do local de origem, a fim trabalhar durante algumas horas em Toritama, retornando ao município de residência ao final do expediente.

3.1.3 Mobilidade Espacial

Os municípios que compõem o pólo de confecções do Agreste Pernambucano vêm apresentando crescimento populacional superior ao do estado e do país; enquanto o Brasil cresceu a 1,61% ao ano entre 1991 e 2000 e Pernambuco a 1,18% a.a., Caruaru teve um incremento populacional a ritmo de 1,92% a.a., Santa Cruz de Capibaribe cresceu a 4,92% a.a. e Toritama a 4,31% a.a., no mesmo período⁶. A partir desses dados, pode-se supor que estes municípios receberam trabalhadores que residem em outras localidades. Esta hipótese pode ser comprovada ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

O estudo que se segue foi realizado a partir de tabulações especiais da expansão da amostra censitária. Como já foi visto a população em Toritama fornecida pelo censo 2000 (IBGE) era de 21.800 habitantes. Verifica-se na Tabela 4 que mais de 29% da população não é natural de Toritama, número bastante elevado. Os 2,2% da população refere-se a migrantes de retorno, ou seja, migrantes que saíram de Toritama, mas que retornaram por algum motivo (Tabela 4).

⁶CAMPOS, Luís Henrique Romani de (coord.). Relatório de pesquisa “*O Pólo de Confecções de Toritama: análise das relações de trabalho e da informalidade*”. Recife, 2008.

Tabela 4
Toritama: Residentes segundo status migratório. 2000.

Naturalidade	N	%
Não migrantes	14936	68,50
Migrantes retornados	489	2,20
Migrantes	6376	29,20
Total	21800	100,00

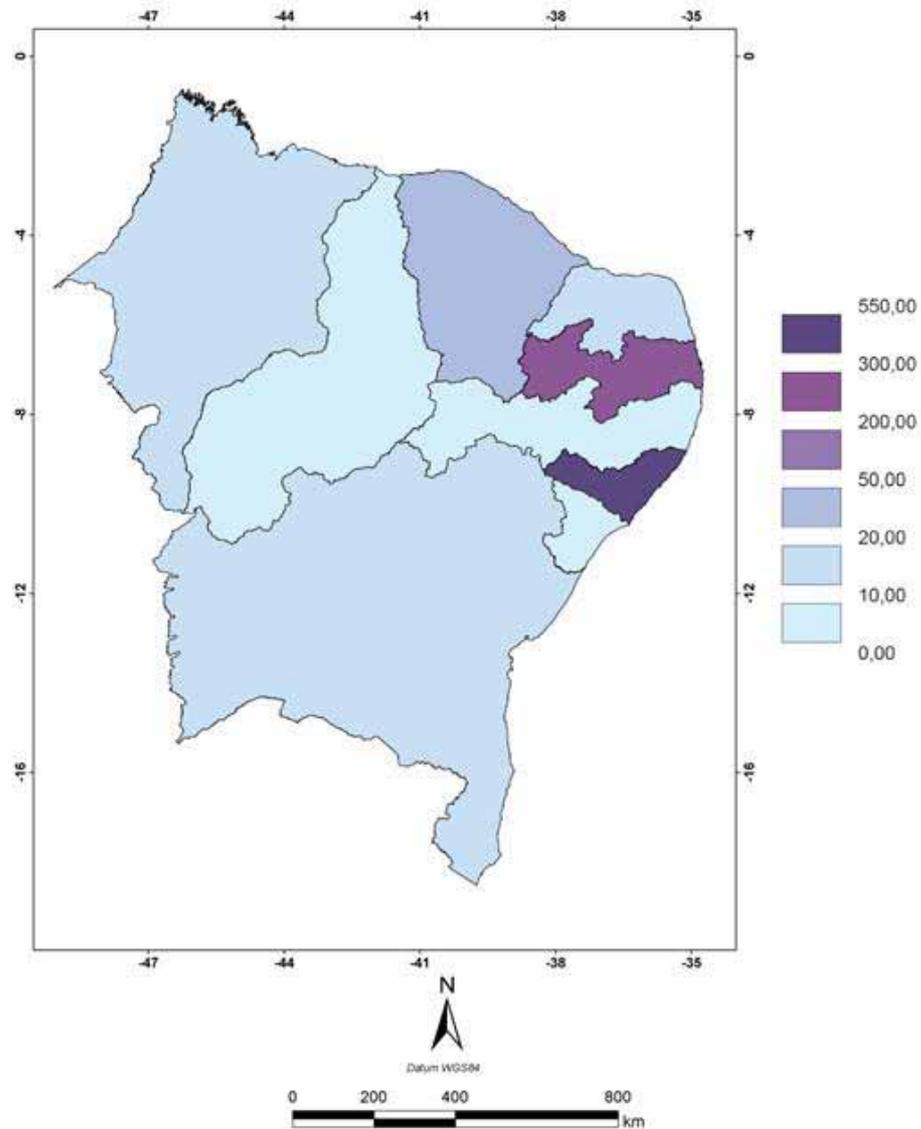
Fonte: IBGE Censo Demográfico 2000. Tabulação própria.

Com relação à população que nasceu em outra UF que não a de Pernambuco, verificou-se que a grande maioria dos migrantes são alagoanos, representando mais de 42%. A segunda posição ficou para a Paraíba, com aproximadamente 23% e a terceira colocação ficou para São Paulo, com mais de 22%. Verifica-se, assim, que mais de 87% dos migrantes de Toritama são dessas três UFs, sendo que destes 87%, mais de 65% são das duas UFs do Nordeste, havendo destaque de fora da região apenas para São Paulo.

Os mapas temáticos estão apresentados sobre a forma de hierarquia de cores, ou seja, os tons mais escuros indicam maior concentração de população, e na medida em que vai clareando o tom, vai diminuindo a concentração de população na região.

O Mapa 2 abaixo apresenta as principais UFs de nascimento - excluindo-se a UF de Pernambuco - dos migrantes residentes em Toritama, segundo os dados do Censo 2000. Observa-se, mais uma vez, que os dois maiores estados fornecedores de migrantes são Alagoas seguido da Paraíba. E a terceira posição ficou para o estado do Ceará, o que indica que os fluxos se dão mais entre localidades vizinhas. Vale destacar, que foram apresentados apenas os estados da região Nordeste, por esta ser a principal fornecedora de migrantes para o município de Toritama, já que as demais regiões quase não se sobressaem, a não ser por parte da UF de São Paulo, que tem contribuído para o aumento de migrantes em Toritama, principalmente com migrantes retornados.

Mapa 2
Migrantes residentes em Toritama segundo Unidade da Federação de Nascimento no Nordeste*. 2000.



Fonte: Censo 2000 do IBGE. Elaboração Valtemira Mendes Vasconcelos e Lucas Cavalcanti. Realizado com Philcarto - <http://perso.club-internet.fr/philgeo>.

*Excluídos os nascidos na Unidade da Federação de Pernambuco.

Ao observar a variável que se refere à Unidade da Federação de residência anterior para a população de Toritama, que pode indicar migrantes com mais de uma UF de residência, verificou-se que Alagoas continuava com a primeira posição, só que agora representando 36%. Quanto a São Paulo, observa-se que esta UF sobe para a segunda posição, representando quase 29%, e a Paraíba desce para a terceira colocação, com 21,9% dos migrantes de

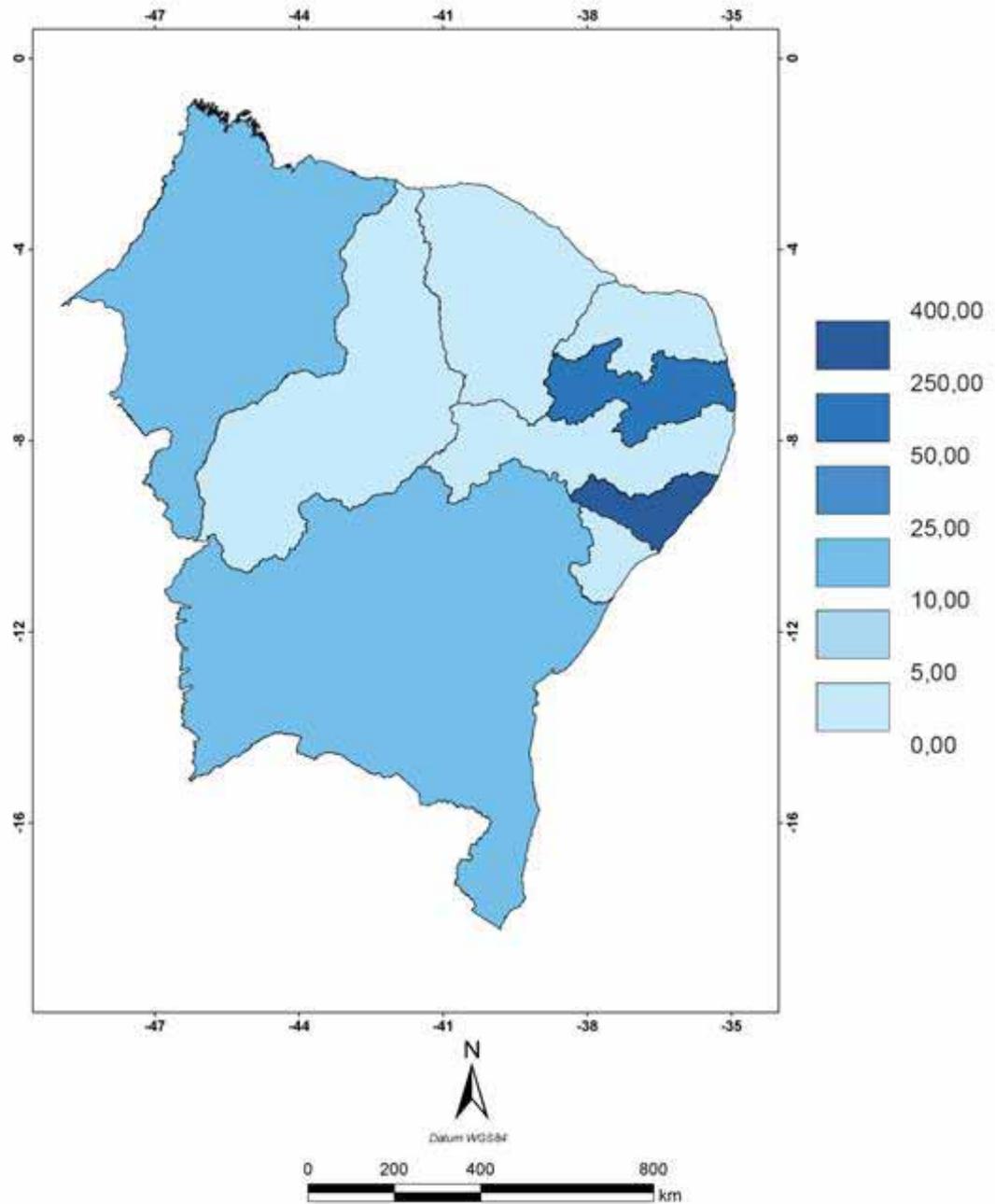
Toritama. O Rio Grande do Norte representa o menor número de migrantes, do mesmo modo que a tabela anterior.

Observa-se a partir de tais dados que os migrantes são, em boa parte, originários do Nordeste. Entretanto, o estado de São Paulo tem contribuído bastante para o aumento do número de migrantes em Toritama, e isso pode dever-se ao fato da existência de muitos retornados e filhos e retornados que enxergam, na indústria de confecções, novas oportunidades de trabalho.

No Mapa 3, referente aos migrantes segundo Unidade da Federação de residência anterior, pode-se observar uma semelhança com o Mapa 2, relativo à UF de nascimento, na região Nordeste, quando constata-se que Alagoas e a Paraíba também são os estados que mais fornecem migrantes para Toritama. Entretanto, diferentemente do Mapa 2, no Mapa 3, o Ceará não fica entre as três UFs que mais enviam migrantes para Toritama.

O Mapa 4, representado por migrantes de data fixa, possibilita registrar casos de indivíduos que residiam a cinco anos atrás da data de referência do Censo em localidade diferente da que residem. Pelo mapa pode-se perceber que, apesar da presença de migrantes de municípios mais distantes, são os migrantes dos municípios vizinhos que predominam. Também por este mapa pode-se notar que Vertentes se apresentou como o município que mais fornecia população para Toritama. Tais dados ajudam a compor o cenário para evidenciar a existência do crescente aumento dos fluxos populacionais para o município nos últimos anos.

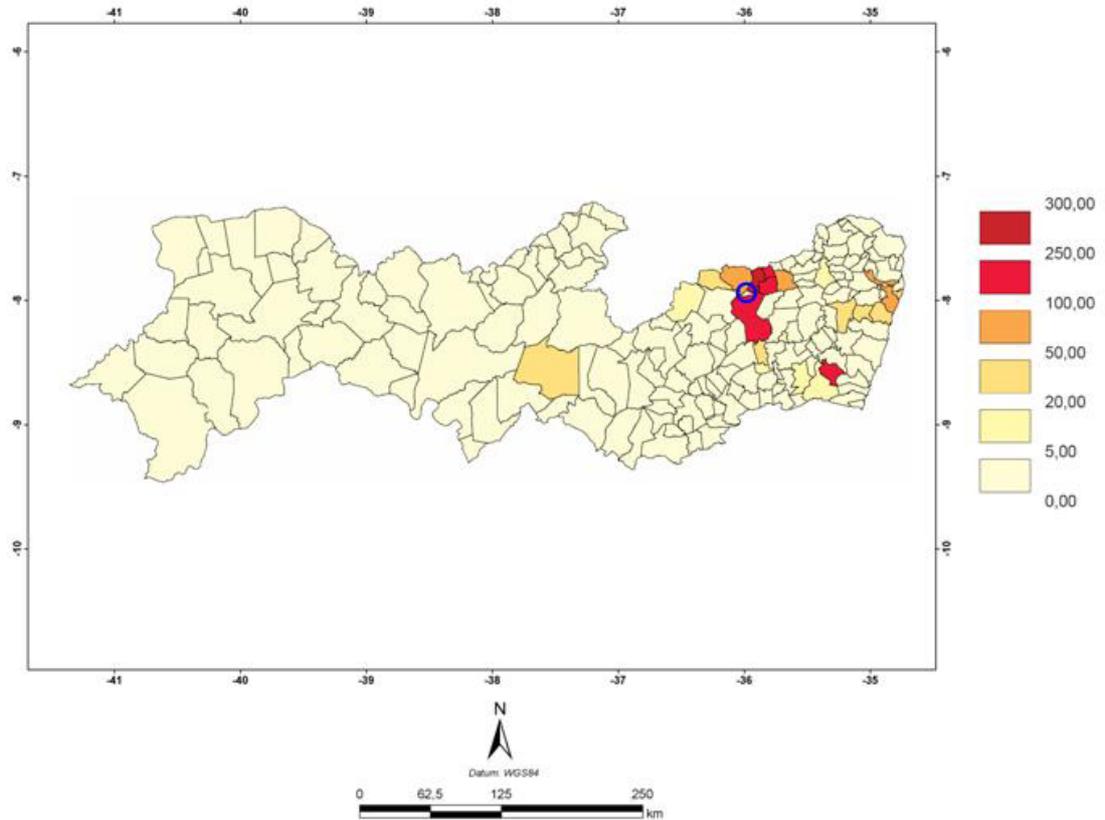
Mapa 3
Migrantes residentes em Toritama segundo Unidade da Federação de residência anterior, 2000.



Fonte: Censo 2000 do IBGE. Elaboração Valtemira Mendes Vasconcelos e Lucas Cavalcanti. Realizado com Philcarto - <http://perso.club-internet.fr/philgeo>.

Mapa 4

Migrantes residentes em Toritama segundo município pernambucano de residência em 1995 (migrantes data fixa). 2000.



Fonte: Censo 2000 do IBGE. Elaboração Valtemira Mendes Vasconcelos e Lucas Cavalcanti. Realizado com Philcarto - <http://perso.club-internet.fr/philgeo>.

Com relação ao contingente de migrantes segundo tempo de residência, o que se pode verificar é que o maior grupo, ou seja, quase 33%, vivia apenas entre 0 a 4 anos no município de Toritama, enquanto que 14,4% tinham vinte ou mais anos de residência. Tal fato, provavelmente, está associado à característica de atratividade que recentemente o município passou a exibir em virtude de seu desenvolvimento econômico. O que pode ser observado, também, foi um afinilamento da porcentagem de pessoas na medida em que ia aumentando o tempo de residência no município, até o período de 15 a 19 anos, voltando a crescer a partir dos vinte anos ou mais, o que pode ser visto na Tabela 5.

Tabela 5
Toritama: Migrantes segundo tempo de moradia
no município. 2000.

Anos	N	%
0 a 4 anos	2261	32,90
5 a 9 anos	1919	28,00
10 a 14 anos	1254	18,30
15 a 19 anos	446	6,50
20 ou mais anos	985	14,40
Total	6864	100,00

Fonte: IBGE Censo Demográfico 2000. Tabulação própria.

Com relação às localidades em que a população de Toritama trabalha e estuda (Tabela 6), nota-se que Caruaru é o destino de mais de 35%. Os outros municípios mais presentes são Recife e Brejo da Madre de Deus, cada um com 14%, aproximadamente. Deve ser ressaltado, também, o número extremamente pequeno de pessoas de Toritama que trabalha ou estuda em outro município.

Tabela 6
Toritama: Residentes segundo município em que trabalha
e/ou estuda. 2000.

Município	N	%
Campina Grande – PB	11	9,90
Pernambuco sem especificação	13	11,20
Brejo da Madre de Deus - PE	16	14,30
Caruaru – PE	40	35,20
Recife – PE	16	14,30
Taquaritinga do Norte – PE	9	8,00
Irece – BA	8	7,10
Total	113	100,00

Fonte: IBGE Censo Demográfico 2000. Tabulação própria.

Na Tabela 7, relacionada à população de outros municípios que migram diariamente para Toritama a fim de trabalhar e/ou estudar, verificou-se a presença de maciça de pessoas de Caruaru e de Vertentes que realizam este fluxo. O primeiro município representa 43,29% dos migrantes e o segundo, Vertentes, 36,33%. Estes dois municípios somam mais de 79% dos migrantes pendulares de Toritama. São Caetano, Santa Maria do Cambucá, Surubim e Santa Cruz do Capibaribe são responsáveis, juntos, por quase 10% dos migrantes. Dos municípios que participam desse fluxo, Lagoa dos Gatos foi o que apresentou o menor percentual, apenas 0,32%.

O que pode ser observado com estes números é a presença de migrantes de municípios que são bem próximos de Toritama, fato que facilita o deslocamento diário dessa população.

E o fator de atração provavelmente está relacionado a oferta de trabalho, por parte de Toritama, assim como a defasagem de vagas ocupacionais por parte dos municípios citados.

Tabela 7
Toritama: Migrantes pendulares que trabalham e/ou estudam em Toritama segundo município de residência. 2000.

Município	N	%
Vertentes	785	43,29
Caruaru	659	36,33
São Caetano	44	2,43
Santa Maria do Cambucá	43	2,35
Surubim	42	2,33
Santa Cruz do Capibaribe	39	2,17
Brejo da Madre de Deus	36	1,99
Bezerros	30	1,65
Lajedo	19	1,04
Frei Miguelinho	18	1,00
Ribeirão	18	1,00
Timbaúba	17	0,96
Barra de Guabiraba	16	0,86
Casinhas	15	0,81
Taquaritinga do Norte	11	0,62
João Alfredo	9	0,49
Riacho das Almas	6	0,35
Lagoa dos Gatos	6	0,32
Total	1813	100,00

Fonte: IBGE Censo Demográfico 2000. Tabulação própria.

Verifica-se, a partir dos dados, que a atração exercida pelo dinamismo econômico local proporcionou uma forte movimentação pendular em direção ao município. Mas, por outro lado, pode-se perceber que poucas pessoas de Toritama se deslocam para outras localidades para trabalhar e/ou estudar, em movimento pendular. Nesse sentido, a hipótese de que Toritama atrai muitos trabalhadores que se deslocam diariamente em função do trabalho em confecção ou comércio de roupas foi confirmada.

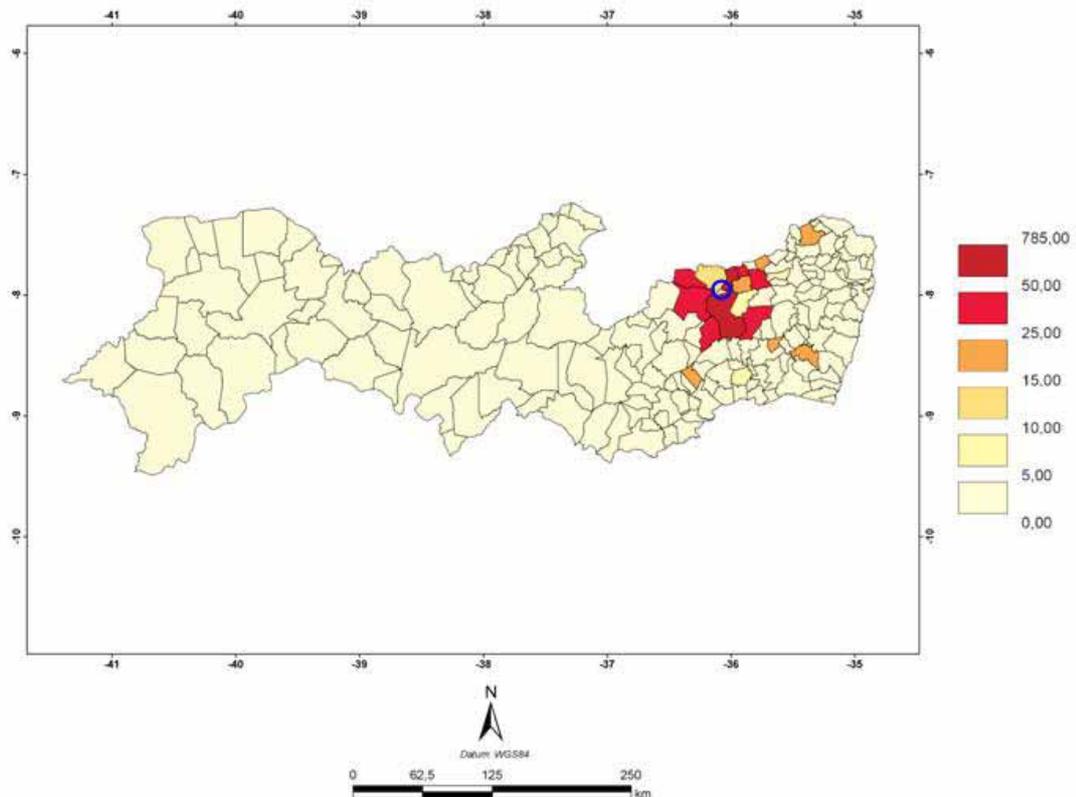
Alguns indicadores presentes na Tabela 5 mostram a existência de 2.261 migrantes recentes, ou seja, com até quatro anos de residência em Toritama, e os indicadores referentes aos migrantes pendulares (Tabela 7), que representam 1.813 pessoas, já indicavam a presença de certa pressão sobre a infraestrutura do local, já que são muitos migrantes recentes entrando em Toritama e são muitas as pessoas circulando diariamente em um município com pouco mais de 21.000 habitantes. Problema este que vem piorando ao observar-se que a população continua crescendo, atualmente chegando a marca de 35.552 habitantes.

No Mapa 5 estão representados os fluxos pendulares para Toritama segundo município de residência. Nele pode ser observado que os migrantes são originários de municípios

bastante próximos. Caruaru e Vertentes indicados pelo vermelho mais escuro são os maiores fornecedores de pessoas para Toritama. Estes dois municípios juntos eram responsáveis, no período do Censo de 2000, pela circulação de um elevado número de trabalhadores em Toritama, chegando a ultrapassar o número de mil indivíduos que se beneficiam da pouca infraestrutura básica que o município tem para oferecer.

Ainda com relação ao Mapa 5, observa-se que os demais municípios em vermelho mais claro, também são grandes responsáveis pelo aumento de pessoas circulando diariamente em Toritama. Tais indicadores, que demonstram o elevado fluxo de trabalhadores pendulares para esse município, fazem com que seja necessária uma ampliação no planejamento urbano da cidade, a fim de comportar a crescente demanda por serviços básicos de infraestrutura.

Mapa 5
Migrantes pendulares em Toritama segundo município de residência permanente. 2000.



Fonte: Censo 2000 do IBGE. Elaboração Valtemira Mendes Vasconcelos e Lucas Cavalcanti. Realizado com Philcarto - <http://perso.club-internet.fr/philgeo>.

3.1.4 Trabalho e Renda

Os municípios de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama formam, no Agreste Pernambucano, um importante pólo de produção de confecções. Este pólo produtivo vem se organizando há mais de 30 anos, mas foi apenas na década de 90 que o mesmo apresentou elevado nível de crescimento, passando a ser um dos mais importantes do Brasil. Segundo dados do relatório de pesquisa *O Pólo de Confecções de Toritama: análise das relações de trabalho e da informalidade*⁷, Toritama desponta como o segundo maior produtor de peças *jeans* do país, confeccionando cerca de 5.000.000 de peças por mês, o que representa 15% da produção nacional.

As tabelas 8 e 9, abaixo, detalham a distribuição dos trabalhadores de Toritama em termos de ocupação e setor de atividade. As ocupações mais exercidas pela população de Toritama estão relacionadas à produção de bens e serviços. A ocupação que obteve maior destaque foi a de operadores de máquinas de costura de roupas, com um percentual de 46,41%, de um total de 10.296 pessoas que entraram no grupo dos empregados. Se somarmos a este número os trabalhadores da preparação da confecção de roupas e os trabalhadores polivalentes das indústrias da confecção de roupas, a proporção de pessoas com ocupação diretamente relacionada à confecção chega a mais de 50%. Vale salientar que cerca de 6% desse grupo é composto por vendedores ambulantes; boa parcela, provavelmente, das feiras da sulanca.

⁷CAMPOS, Luís Henrique Romani de (coord.) Op. Cit., p.2. Recife, 2008.

Tabela 8
Toritama: Residentes segundo ocupação no trabalho principal. 2000.

Ocupações mais exercidas	%
Operadores de máquinas de costura de roupas	46,41
Trabalhadores da preparação da confecção de roupas	3,23
Trabalhadores polivalentes das indústrias da confecção de roupas	2,09
Vendedores e demonstradores em lojas ou mercado	2,73
Vendedores ambulantes	6,22
Outros trabalhadores elementares industriais	2,42
Trabalhadores dos serviços domésticos em geral	3,81
Trabalhadores agrícolas	3,21
Produtores agrícolas	2,25
Outras ocupações	27,63
Total	100,00
	2845

Fonte: IBGE Censo Demográfico 2000. Tabulação própria.

Observa-se, agora com relação às atividades exercidas no ano analisado (Tabela 9), uma maior concentração, de aproximadamente 58%, nas atividades ligadas à confecção de vestuário em Toritama. Na atividade de confecção de artigos do vestuário e acessórios - exceto sob medida, Toritama desponta com a primeira colocação dentre os municípios do estado de Pernambuco, representando mais de 49%. Já com relação à atividade de confecção sob medida de artigos do vestuário e acessórios, a porcentagem da participação de Toritama cai para 9,05%, mas ainda é esta a segunda maior atividade do município. A terceira atividade mais realizada em Toritama é o comércio varejista realizado em postos móveis, instalados em vias públicas ou em mercados, provavelmente devido à feira da sulanca, que é realizada duas vezes por semana.

Das cinco atividades mais exercidas pela população de Toritama, a de cultivo de milho foi a que apresentou o menor percentual, com aproximadamente 3%. A pequena proporção de pessoas ocupadas nessa atividade, em Toritama, pode ser atribuída à quase inexistência de atividades agrícolas no município em função de sua exígua área rural.

Tabela 9

Toritama: Residentes segundo setor de atividade no trabalho principal. 2000.

Setor de atividades	%
Confecção de artigos do vestuário e acessórios - exceto sob medida	49,25
Confecção sob medida de artigos do vestuário e acessórios	9,05
Comércio varejista realizado em postos móveis, instalados em vias públicas ou em mercados	6,37
Serviços domésticos	3,91
Cultivo de milho	3,10
Outras atividades	28,31
Total	100,00
	10296

Fonte: IBGE Censo Demográfico 2000. Tabulação própria.

Quanto à jornada de trabalho semanal, pouco mais de 51% dos trabalhadores de Toritama trabalhavam entre 41 e 60 horas por semana, o que sugere uma jornada de trabalho ainda de acordo com as normas. Nos dados referentes à jornada acima de 60 horas semanais, observou-se um percentual bem menor, mas ainda se verifica a existência de trabalhadores que cumprem bem mais que 60 horas.

A desintegração espacial com a finalidade de aumentar a competitividade foi adotada pelas empresas do pólo de Toritama, como consequência de alterações no processo produtivo e na divisão social do trabalho. Nesse sentido, a nova espacialização industrial do pólo tem por objetivo manter o nível organizacional do setor produtivo, utilizando-se de mão-de-obra pouco qualificada para serviços auxiliares e de montagem das roupas.

Todavia, a nova espacialização social do trabalho gerou um alto índice de desemprego e consequente aumento nos postos ilegais de trabalho, fazendo com que a informalidade crescesse nos municípios de Toritama, Santa Cruz do Capibaribe e Caruaru. Além disso, o pólo de confecções do Agreste pernambucano passa por problemas relacionados à concorrência externa, principalmente de países orientais, como China e Índia, devido aos baixíssimos preços dos artigos importados.

As indústrias de confecções tiveram que utilizar o trabalho informal - com baixo nível de educação da maioria dos trabalhadores e falta de conhecimento tecnológico - através da terceirização da produção, para se manter inseridas no mercado mundial. Como resultado, concentração de renda, desigualdade social, flexibilidade do trabalho e da produção, baixo nível tecnológico, crescimento do trabalho precário e de bolsões de pobreza são características da atual economia do Pólo de Confecções de Toritama.

A partir da análise da renda total individual, constata-se que das 16.794 pessoas que entraram no grupo dos que recebem algum tipo de renda, quase 34% recebiam menos de meio

salário mínimo. Verifica-se também que a partir de mais de dois salários mínimos houve uma tendência de afunilamento, ou seja, na medida em que a renda vai aumentando, a quantidade de pessoas vai diminuindo, quando nota-se que somente 1,74% dessa população recebiam mais de dez salários mínimos.

No município de Toritama o rendimento mensal, em 2000, se apresentava numa média de 388,89 reais, enquanto que em Pernambuco era de 466,99 reais. Observa-se a partir destes dados que a média dos rendimentos dos toritamenses ainda era muito baixa em comparação com a do estado como um todo. Fato que demonstra a existência de disparidades salariais entre os municípios do estado de Pernambuco.

3.1.5 Habitabilidade

De acordo com os dados do IBGE cidades, do censo de 2010, a densidade demográfica no município de Toritama foi de 1.383,21 hab/Km². Existindo 10.206 domicílios particulares⁸ ocupados, dentre estes, 288 eram domicílios particulares ocupados em aglomerados subnormais⁹. No município havia 10.185 domicílios particulares permanentes¹⁰, sendo que 7994 eram abastecidos pela rede geral de água.

Os dados referentes aos aglomerados subnormais demonstram a existência de população, em Toritama, habitando em domicílios dispostos de forma desordenada e desprovidos dos serviços públicos básicos, a exemplo de abastecimento de água e saneamento básico. Apesar do número parecer baixo, deve-se ficar atento que 288 domicílios localizados em aglomerados subnormais em um município com área de apenas 25,704 km² e possuindo 10.206 domicílios particulares ocupados, pode indicar que o quadro não é tão bom quanto parece. A população residente em domicílios particulares ocupados em aglomerados subnormais foi de 1.105 pessoas.

A Tabela 10 nos mostra a forma de abastecimento de água entre os 288 domicílios subnormais apresentados pelo IBGE. Nela nota-se que 170 domicílios possuíam água

⁸ Segundo o IBGE, domicílio particular é a moradia onde o relacionamento entre seus ocupantes é ditado por laços de parentesco, de dependência doméstica ou por normas de convivência.

⁹ De acordo com o IBGE, aglomerado sobnormal é um conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais (barracos, casas...) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e densa.

¹⁰ Segundo o IBGE, domicílio particular permanente é o domicílio que foi construído a fim de servir exclusivamente para habitação e, na data de referência, tinha a finalidade de servir de moradia a uma ou mais pessoas.

provinda da rede geral de abastecimento. Entretanto, existem ainda muitos casos de domicílios em que o serviço de abastecimento não era a partir da rede geral, o que indica a possibilidade de haver muitos casos de falta de água tratada.

Tabela 10

Toritama: Distribuição da população segundo tipo de abastecimento de água em domicílios particulares permanentes em aglomerados subnormais - 2010

Forma de abastecimento	N
Rede geral	170
Poço ou nascente na propriedade	40
Poço ou nascente fora da propriedade	40
Carro-pipa	13
Água da chuva armazenada em cisterna	-
Água da chuva armazenada de outra forma	-
Rios, açudes, lagos ou igarapés	-
Outra	25
Total	288

Fonte: IBGE Censo Demográfico – 2010. Tabulação própria.

Com relação ao tipo de esgotamento sanitário nota-se que somente três domicílios não possuíam banheiro e cinco tinham a fossa séptica como destino dos resíduos. Observa-se assim, que 280 domicílios, dos 288 subnormais destinavam o esgoto na rede geral de esgotamento sanitário.

Tabela 11

Toritama: Distribuição da população segundo tipo de esgotamento sanitário em domicílios particulares permanentes em aglomerados subnormais - 2010

Tipo de esgotamento sanitário	N
Rede geral de esgoto ou pluvial	280
Fossa séptica	5
Fossa rudimentar	-
Vala	-
Rio, lago	-
Outro	-
Não tinham banheiro ou sanitário	3
Total	288

Fonte: IBGE Censo Demográfico – 2010. Tabulação própria.

Os dados do tipo de destino do lixo nos domicílios particulares permanentes em aglomerados subnormais demonstram que o lixo de 280 domicílios era coletado diretamente por serviço de limpeza, quatro jogavam o lixo em terreno baldio ou no logradouro, em apenas

um era queimado, nenhum jogava o lixo em rio ou lago e dois davam outro tipo de destino para o lixo. Os dados indicam que no município de Toritama havia poucos domicílios subnormais que possuíam irregularidades no tipo de destino do lixo, ao observar-se que em quase todos essas residências havia coleta de lixo.

Mais adiante, será realizada uma comparação entre alguns desses dados do IBGE e os resultados da pesquisa qualitativa realizada em campo. Mesmo sabendo que a amostra qualitativa não é representativa do universo, diferente dos dados do IBGE, tentar-se-á fazer a comparação, a fim de demonstrar a existência de alguns problemas relativos não só a habitabilidade, mas também relativos à educação, migração, condições de trabalho e renda que foram detectados na pesquisa de campo e não surgiram entre os dados quantitativos dos censos do IBGE.

3.2 DADOS QUALITATIVOS DA PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo foi uma etapa indispensável para o estudo de caso. Foram realizadas 46 entrevistas, sendo 28 questionários aplicados com os residentes, dentre estes seis foram com naturais de Toritama que nunca migraram, ou seja, os não migrantes, e 22 com migrantes, e 18 aplicados com os pendulares, cobrindo, assim, as questões vinculadas ao tema. O questionário priorizou a identificação do perfil dos migrantes e dos trabalhadores pendulares no município; identificou quais foram os fatores de atração de população para Toritama; identificou as especificidades entre as atividades e ocupações dos migrantes e dos trabalhadores pendulares; assim como averiguou qual o impacto do aumento da população no município, no que diz respeito à infraestrutura física e social.

Os dados primários obtidos na pesquisa de campo sinalizam possíveis tendências que possam estar ocorrendo no município, não podendo, assim, ser comparados com os do IBGE, pois, como afirmado anteriormente, os dados primários não são representativos do universo, além de serem adquiridos intencionalmente. Nesse sentido, os dados qualitativos foram justamente adquiridos com a intenção de trazer informações relevantes, sobre o município de Toritama e sua população, que não são pesquisadas pelo censo do IBGE, cobrindo, assim, as lacunas existentes na pesquisa quantitativa dos censos, sendo mais uma forma de complementar os dados do IBGE. Os dados qualitativos, também são importantes, na medida em que não foi possível a utilização dos microdados do censo 2010, ou seja, a não utilização de todos os dados pesquisados em campo tornaria o presente trabalho defasado no que se

refere à dados atualizados. Por isso a necessidade de se tentar expor os dados de campo com a maior clareza possível, através de tabelas, gráficos e mapas.

3.2.1 Perfil sócio-demográfico da população (naturais não migrantes e migrantes residentes em Toritama)

Antes de descrever o perfil dos naturais que sempre residiram em Toritama (não migrantes) e migrantes residentes em Toritama, faz-se necessário contextualizar o quadro demográfico pelo qual vem passando o município nos últimos 30 anos.

A mesorregião do Agreste Pernambucano, considerada como a de maior intensidade migratória em relação às demais do estado, tem apresentado expressivo crescimento econômico nos setores de exploração agrícola, pecuária e nas atividades do comércio e serviços associados aos centros urbanos dinâmicos. Mas, foi por meio da produção de roupas, bordados, renda, e principalmente através da comercialização destes produtos, com a criação e o incremento de feiras livres – a Feira da Sulanca - que a região começou a ganhar destaque econômico e posteriormente demográfico.

Entretanto, durante muito tempo, não apenas os municípios de Toritama, mas todos os demais do Agreste Pernambucano, especialmente os localizados no Agreste Setentrional, se caracterizavam como municípios expulsos de população em virtude de fatores de ordem natural e econômica.

De acordo com Melo (1976), o fenômeno migratório no Nordeste vinculava-se, anteriormente, ao subdesenvolvimento e à seca, dois relevantes característicos diferenciadores da macrorregião, no que se referia ao contexto espacial brasileiro, na década de 1970. Estes fluxos migratórios, no entanto, eram muito mais resultado do subdesenvolvimento do que das secas calamitosas, já que possuíam predominantemente uma base econômica. Tais fluxos poderiam ser inter-regionais, intra-regionais, interestaduais e intermunicipais, destinando-se aos centros urbanos na proporção mesma dos tamanhos desses centros e, muito frequentemente, através de etapas sucessivas. E segundo a existência ou não de retorno, as migrações podiam ser definitivas ou temporárias, distinguindo-se entre as de tipo constante, que ocorrem em fluxos incessantes por efeito das debilidades e das distorções de natureza estrutural e de ordem sócio-econômica e demográfica. Havia ainda as de tipo sazonal, representadas pelos deslocamentos temporários de agrestinos para a região canavieira (os corumbas); e as de tipo episódica, que se verificam por ocasião das secas calamitosas.

A temática geral das migrações nordestinas foi comumente estudada ao longo de muitos anos a partir do exposto acima por Melo (1976). No entanto, atualmente os estudiosos têm realizado tal análise sobre outro ângulo, na medida em que os fluxos vêm mudando de configuração, no que diz respeito ao seu padrão espacial, ou seja, de destino, e temporal, no que se refere aos deslocamentos pendulares, por exemplo.

Antes, segundo Melo (1976), o Agreste era uma das áreas do Estado de Pernambuco de maior emigração, principalmente onde prevalecia o sistema gado-policultura de exploração de recursos. E essa intensa saída de população devia-se às debilidades econômicas, às modificações sócio-econômicas, como a formação do sistema gado-policultura, a pecuarização, a proletarização, e a minifundização. Tais fatores fizeram com que houvesse mudanças no quadro econômico ao longo do seu processo evolutivo, o que trouxe amplas e profundas implicações sociais.

Essas debilidades econômicas, somadas com o quadro natural de aridez da região, faziam com os pequenos produtores não conseguissem uma renda suficiente para o sustento da família e deixassem suas terras em busca de sobrevivência nos centros urbanos mais próximos, e quando não conseguiam, se dirigiam para regiões mais distantes, sobretudo para o Sudeste brasileiro, deixando suas famílias para trás.

Os fluxos migratórios no Nordeste, no entanto, vêm mudando de configuração e a maior mudança pode ser observada nos atuais destinos escolhidos pelos migrantes nordestinos. Espaços anteriormente considerados como expulsões de população vêm se tornando receptores, a exemplo de municípios localizados tanto no Sertão, quanto no Agreste pernambucano, como Petrolina e Toritama, respectivamente, em virtude de alterações econômicas e mudanças de atividades, assim como no sistema de produção observados nessas duas regiões. Petrolina passa a ser um pólo de produção de frutas irrigadas e Toritama torna-se um pólo de confecção de *jeans*.

Vê-se, assim, que está havendo alterações na configuração territorial de alguns municípios do Nordeste, ou seja, as funções territoriais desses dois municípios vêm mudando de acordo com a atual necessidade econômica deles. Antes com funções exclusivamente agrícolas, e hoje assumindo funções de grandes pólos econômicos, industriais e exportadores.

Os municípios que fazem parte do atual Pólo de Confeções do Agreste - Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama – vêm se destacando pela recente dinâmica econômica local, justamente pelo incremento na produção e comercialização de confeções. Esses fatores se tornaram atrativos, não somente para os migrantes que haviam saído da região e hoje estão retornando, mas, também, para a população de municípios vizinhos, que reage a novas

oportunidades de emprego e investimento. Sem falar da fixação da população local em seu lugar de origem.

De acordo com George (1993), a indústria tende a estimular os mecanismos econômicos que a precedem e transforma-os, mas exercendo, através das próprias atividades e com vistas às próprias necessidades, uma atração de população, que de acordo com a disposição dos locais tende a aumentar as cidades pré-existentes.

A menção a tal contexto foi necessária para que se pudesse ter um melhor entendimento dos dados obtidos a partir dos questionários aplicados em campo. Neste material poderão ser vistos e comparados os perfis dos naturais e migrantes residentes em Toritama, assim como dos trabalhadores pendulares que se deslocam diariamente para trabalhar no município.

Durante a execução da pesquisa, houve uma tendência à abordagem de jovens, adultos e mulheres, pelo fato desse perfil ser o mais representativo entre os migrantes que se deslocam para Toritama, apesar de haver um aumento no número de homens que vão buscar oportunidade de emprego como costureiros na indústria de confecções de Toritama (fato também observado em campo), ainda que tenham sido as mulheres as pioneiras do ciclo de migração para Toritama.

Alguns depoimentos recolhidos entre os entrevistados mostraram que as primeiras iniciativas em se deslocar para o município de Toritama se deram entre as mulheres, que então tinham como objetivo a iniciação do trabalho como costureiras, seguido da ambição de abrirem seu próprio negócio juntamente com o marido e filhos. Na Imagem 2, abaixo pode ser visto uma oficina de costura de propriedade de uma migrante que se deslocou para Toritama e depois de se estabilizar e conseguir abrir seu próprio negócio foi buscar o marido e os filhos para trabalhar na “empresa” familiar montada por ela em Toritama. Segundo depoimento dessa e de outras entrevistadas, muitas mulheres desempregadas no lugar de origem vinham para Toritama sozinhas e, depois de conseguirem emprego buscavam a família, na maioria das vezes desempregada ou com trabalhos cujo salário era insuficiente para o provimento de toda a família.

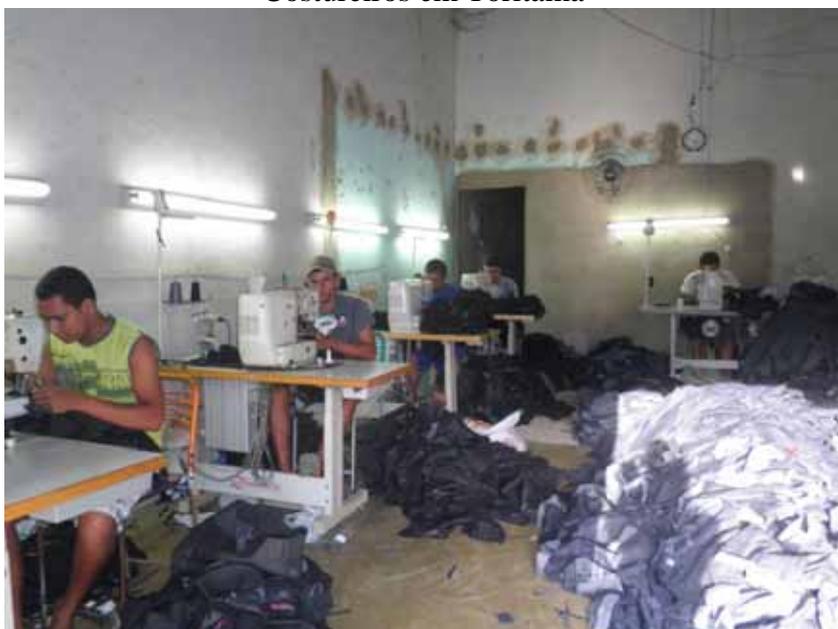
Apesar do grande número de mulheres trabalhando na produção de confecções, observou-se, na pesquisa de campo, um grande número de homens ocupados na produção de confecções e muitos deles empregados como costureiro. Atualmente, como pode ser observado na Imagem 3 são muitos os casos de homens trabalhando na indústria de confecções em diversas ocupações, a exemplo do corte do tecido e da costura da roupa.

Imagem 2
Oficina de costura de propriedade de uma migrante



Fonte: Valtemira Mendes Vasconcelos.

Imagem 3
Costureiros em Toritama



Fonte: Valtemira Mendes Vasconcelos.

Nas imagens 4 e 5 pode ser observado o Parque das Feiras (na margem da BR 104), local onde são vendidas muitas das mercadorias produzidas pelo Pólo de Confecções de Toritama, assim como os veículos de compradores estacionados em frente ao parque em um dia movimentado de feira.

Imagem 4
Parque das feiras



Fonte: Valtemira Mendes Vasconcelos.

Imagem 5
Vista da BR 104 e do estacionamento do Parque das feiras



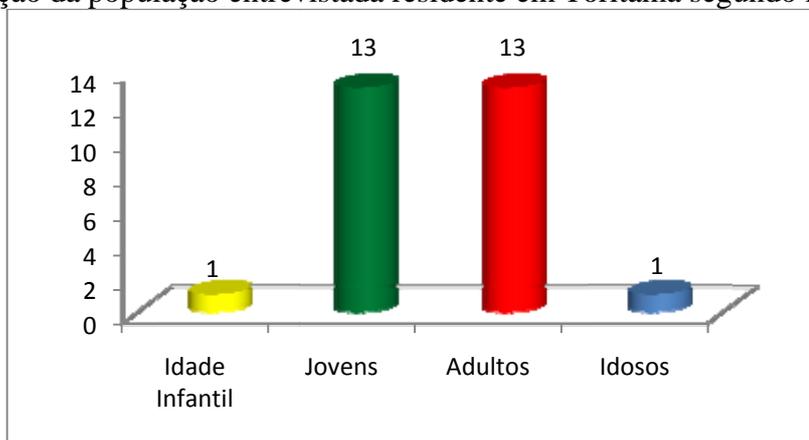
Fonte: Valtemira Mendes Vasconcelos.

Os dados referentes ao sexo e a faixa etária não podem ser tidos como representativos, como já foi visto, na medida em que houve uma tendência a entrevistar mais jovens, adultos e

mulheres. Mesmo assim, estão representados abaixo dois gráficos que mostram a quantidade de mulheres e homens contemplados, assim como as faixas etárias dos entrevistados.

Gráfico 4

Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo faixa etária



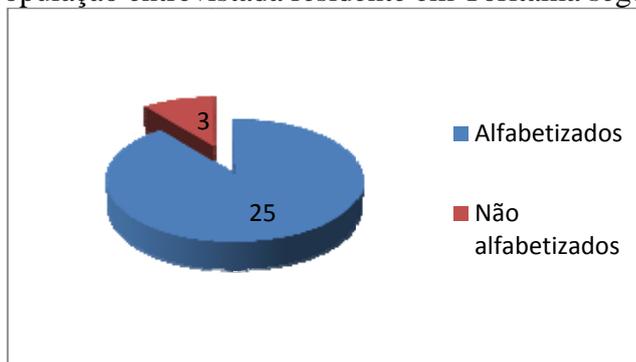
Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Quanto ao estado conjugal, observou-se que metade dos entrevistados era composta por solteiros (total de 14), seguidos de casados, com 10 entrevistados e de viúvos e separados. Dentre os casados foram verificados alguns casos de adolescentes e jovens entre 16 e 26 anos de idade, alguns com filho.

Algumas questões referentes à educação foram levantadas e estão expostas nos gráficos abaixo. É possível notar que dos 28 entrevistados, apenas três responderam que não sabem ler e escrever. Vale destacar ainda que entre os três que responderam não saber ler ou escrever, todos já haviam frequentado a escola, e dois deles chegaram a concluir o primeiro ano do Ensino Fundamental II.

Gráfico 5

Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo alfabetização

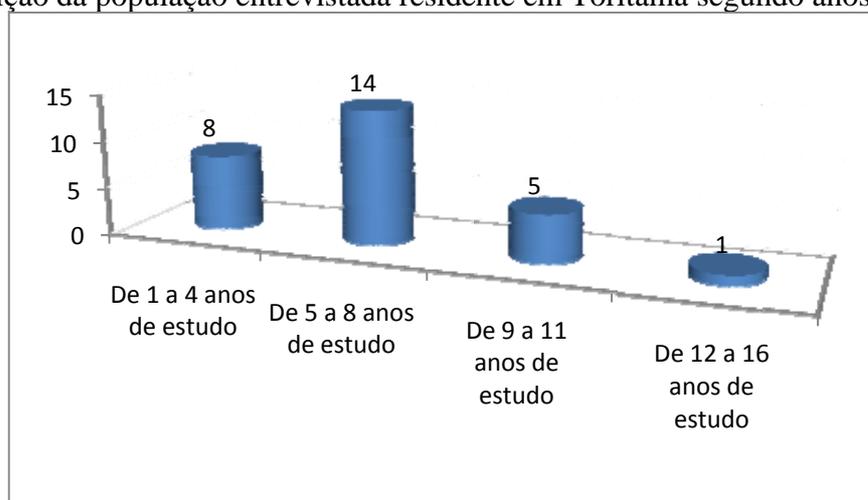


Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

No Gráfico 6 estão representadas as faixas de anos de estudo dos residentes. A faixa onde há maior número de casos é a que vai de 5 a 8 anos de estudo, com um total de 14, ou seja, metade dos entrevistados tinha apenas o Fundamental II. O quadro se agrava quando observamos a quantidade de entrevistados na faixa de 1 a 4 anos de estudo, estes representados por 8 casos. Verifica-se também, que da faixa de 9 a 11 anos à faixa de 12 a 16 anos de estudo há uma queda considerável. Tal fato se deve a necessidade, apontada pelos entrevistados, de trabalhar e prover o sustento da família, mesmo estando eles ainda em idade escolar. Observa-se claramente que muitos desses migrantes, ao saírem de seus lugares de origem para trabalhar em Toritama, deixam os estudos a fim de aumentar a jornada de trabalho e ganhar mais no fim do mês.

Gráfico 6

Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo anos de estudo



Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

O cruzamento das variáveis de sexo por anos de estudo possibilitou identificar qual o sexo possuía maior grau de escolaridade dentre os entrevistados. Para tanto, na análise do cruzamento optou-se pela utilização das porcentagens, apesar de os dados não serem representativos da amostra, as porcentagens, de certa maneira, tornaram mais fácil a visibilidade e o entendimento dos dados na Tabela 12. Teve-se, também, a preocupação de guardar as devidas proporções entre os sexos contemplados nas entrevistas ao fazer a análise dos dados na tabela. Assim, verificou-se no cruzamento dessas variáveis que na faixa de 1 a 4 anos de estudo, 10% era composto por homens e 39% por mulheres. Na faixa que vai de 5 a 8 anos de estudo, 70% eram homens e 39% eram mulheres. Quanto à faixa de 9 a 11 anos de estudo, 10% eram entrevistados do sexo masculino e 22% do sexo feminino. Já entre os entrevistados que tinham de 12 a 16 anos de estudo, 10% era composto pelo sexo masculino e

nenhum caso pelo sexo feminino. Isso indica que, apesar dos poucos casos de entrevistas, nestas encontraram-se mais mulheres que homens possuindo de 1 a 4 anos de estudo e muito mais homens que mulheres na faixa de 5 a 8 anos de estudo. De um modo geral, observou-se a ocorrência de um baixo grau de escolaridade em ambos os sexos.

Tabela 12

Distribuição relativa da população entrevistada residente em Toritama segundo sexo por anos de estudo

Sexo	Grau de escolaridade				Total
	De 1 a 4 anos de estudo	De 5 a 8 anos de estudo	De 9 a 11 anos de estudo	De 12 a 16 anos de estudo	
Masculino	10%	70%	10%	10%	100%
Feminino	39%	39%	22%	0%	100%
Total	29%	50%	18%	3%	100%

Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Vale mencionar que nos dados primários referentes ao grau de escolaridade não houve a necessidade de serem excluídas as pessoas com menos de 10 anos de idade, uma vez que não existiu nenhum entrevistado menor de 12 anos. Sendo assim não havia como a estrutura etária contaminar de forma expressiva os indicadores de educação.

Nos dados primários não houve entrevistados sem instrução ou com menos de um ano de estudo, o que se deve, provavelmente, ao fato de a amostra ser muito pequena. Como se pode ver, a maior quantidade de entrevistados se encontrava na faixa de 5 a 8 anos de estudo. Pode-se dizer que tais dados pode mostrar uma tendência de que o grau de escolaridade dos habitantes de Toritama é bem baixo.

Questionou-se, também, entre os entrevistados se eles ainda estudavam, mas dos 28, apenas quatro responderam que sim. Como se viu anteriormente alguns jovens em idade escolar não frequentavam mais a escola. Dos quatro estudantes, todos responderam que estudavam em Toritama, o que indica que nenhum se desloca diariamente para estudar em outros municípios.

Em depoimento, uma jovem de 16 anos afirmou, ao ser questionada sobre o andamento de seus estudos, que no momento se via obrigada a priorizar o trabalho porque era mãe de

uma criança de apenas um ano de idade, e que portanto precisava ajudar o companheiro na manutenção da família.

Ao serem interrogados sobre o tema de migração, seis entrevistados responderam que nasceram e nunca saíram de Toritama e 22 responderam que eram migrantes. Isso não deve ser considerado como se em Toritama existissem mais migrantes do que residentes, uma vez que a amostra não é representativa, e porque houve ao longo do estudo uma tendência a entrevistar mais migrantes. Os naturais entraram na amostra para que pudesse se obter um perfil destes, e posteriormente tornar possível uma comparação entre o perfil dos naturais e dos migrantes residentes no município.

Observou-se que os migrantes entrevistados se encontravam, em sua maioria, na faixa etária dos adultos, seguida da faixa dos jovens. Os migrantes jovens foram representados por nove entrevistados e os migrantes adultos por doze entrevistados.

Tabela 13

Distribuição relativa da população entrevistada residente em Toritama segundo status migratório por faixa etária

Status migratório	Faixa etária				Total
	Idade Infantil	Jovens	Adultos	Idosos	
Não migrantes	0%	66,70%	16,70%	16,70%	100%
Migrantes	4,50%	40,90%	54,50%	0%	100%
Total	3,60%	46,40%	46,40%	3,60%	100%

Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Nos dados acima pode ser visto que boa parte dos imigrantes em Toritama tinha entre 15 a 29 anos de idade. Os dados ainda demonstraram que as crianças e idosos correspondiam a um percentual pequeno entre os migrantes, o que indica que a atração exercida pelo município se dá com mais força entre jovens e adultos em idade ativa.

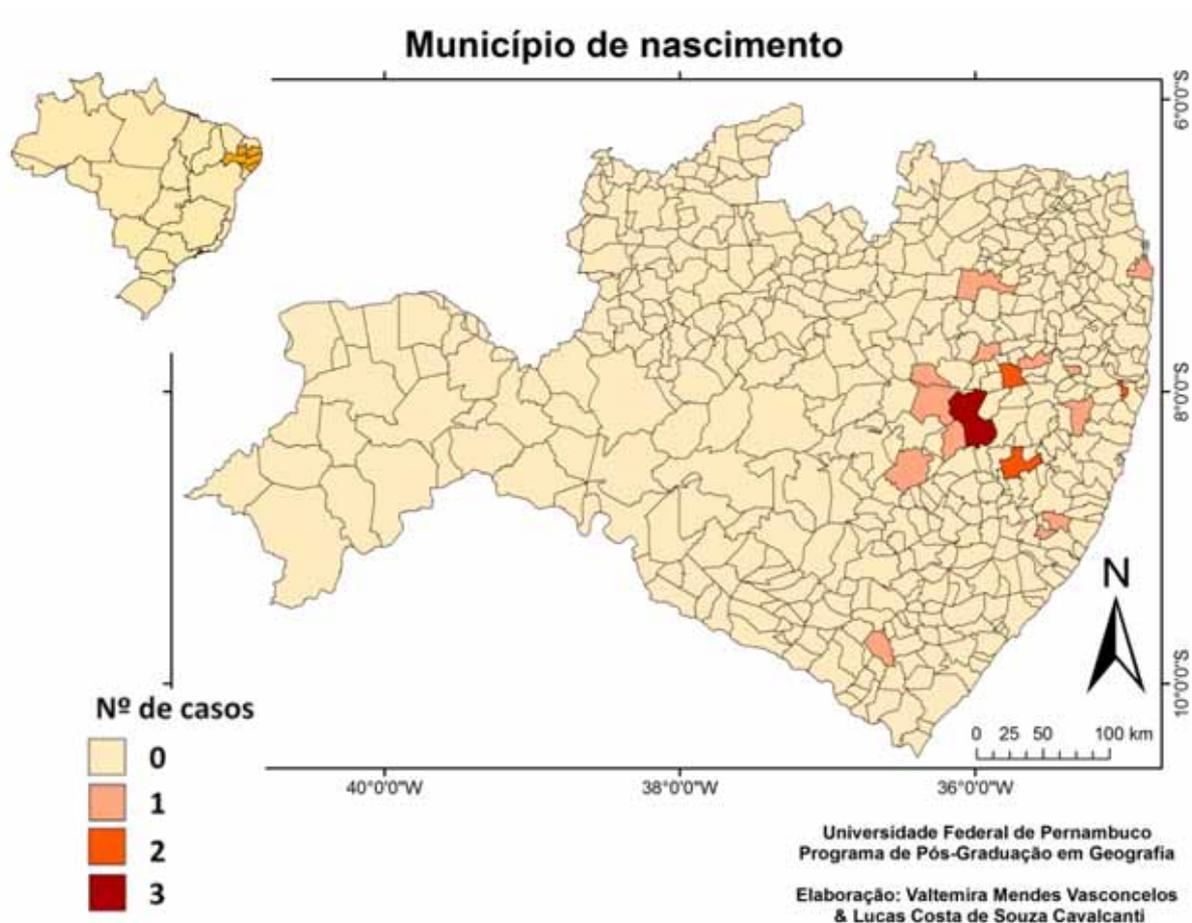
Os dados sobre os migrantes, também indicaram que estes são pouco qualificados e com poucos anos de estudo. Viu-se que a maioria dos migrantes entrevistados possuía, no máximo, oito anos de estudo, poucos tinham concluído o ensino médio e nenhum possuía nível superior.

Observou-se nos dados primários que os migrantes em Toritama eram sua maioria naturais de outros municípios do estado de Pernambuco que não Toritama, ou seja, dos 22 migrantes, 16 são de Pernambuco. Quanto à origem dos migrantes naturais de outras UFs que

não a de Pernambuco. Observou-se, também, que muitos dos migrantes eram naturais de municípios de Alagoas e Paraíba.

No que se refere ainda aos municípios de nascimento dos migrantes pode-se ver, no Mapa 6, que muitos destes municípios são bem próximos de Toritama, a exemplo de Caruaru, Surubim, Santa Cruz do Capibaribe, e outros do Agreste Pernambucano. Há, também, como foi visto, alguns migrantes vindos de outros municípios fora do estado. Mas o que vale ser ressaltado é que quase todos os municípios de origem desses migrantes são de pequena população e oferecem poucas oportunidades de emprego para suas populações.

Mapa 6

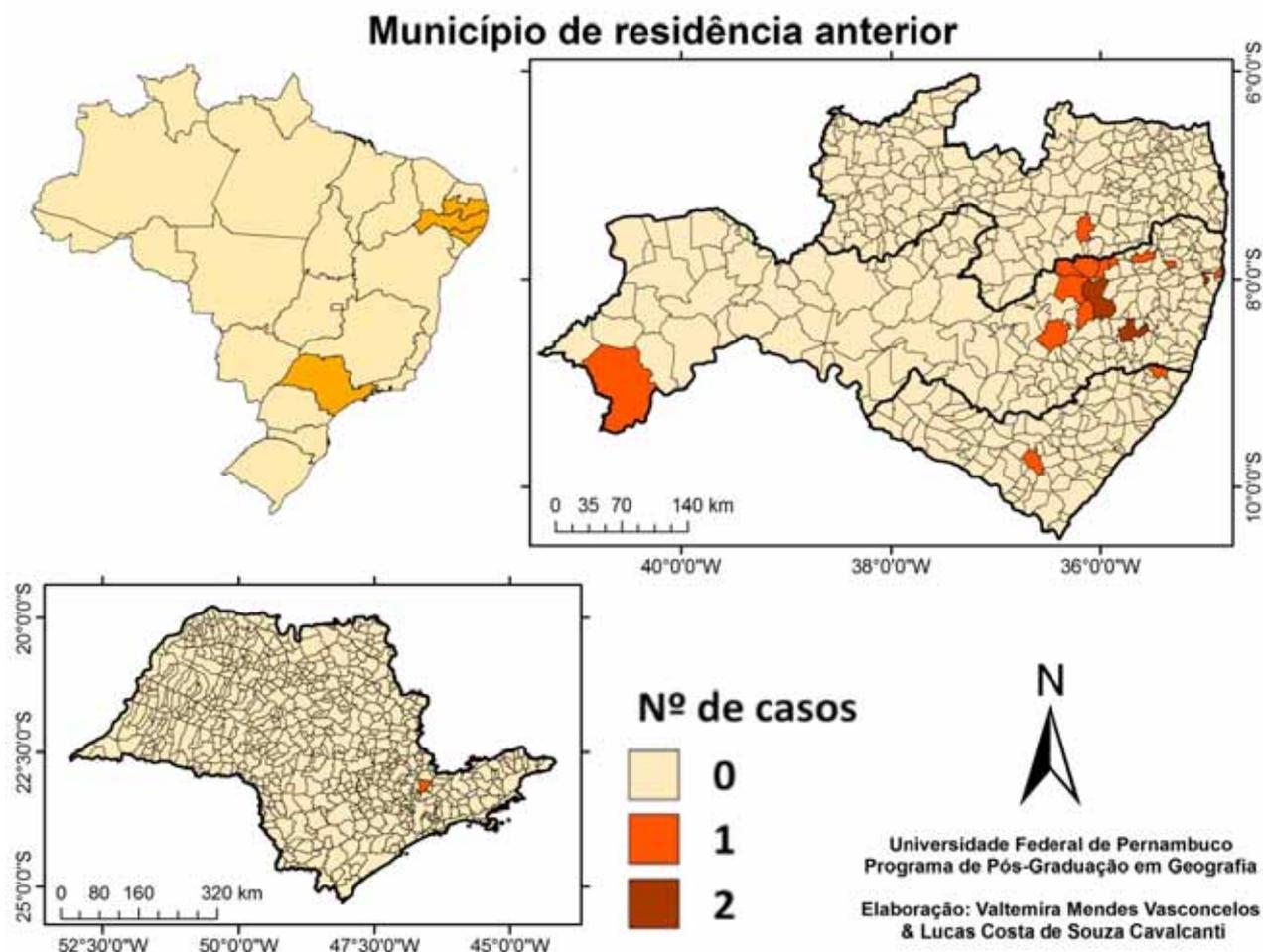


Fonte: Valtemira Mendes Vasconcelos e Lucas Cavalcanti.

Outro dado importante verificado foi a UF e município de residência anterior. Este dado serve para observar se houve outros municípios de residência anterior por parte dos migrantes que não o município de nascimento, ou seja, para identificar etapas intermediárias de migração entre o lugar de nascimento e de residência atual.

No Mapa 7 se observa a presença de 17 entrevistados que residiam em municípios de Pernambuco antes de migrarem para Toritama, dois que residiam em municípios de Alagoas e dois em municípios da Paraíba. Entretanto, vale salientar que a maioria desses municípios de residência anterior também foram os municípios de nascimento dos entrevistados. Mas há casos de migrantes que nasceram em um município, se deslocaram para outro e agora residem em Toritama. Dentre estes estão casos de migrantes de retorno para a região do Pólo de Confecções do Agreste, depois de terem migrado para outras áreas, inclusive para São Paulo, e que retornaram para a área do pólo, escolhendo Toritama como residência. Em alguns casos de migração de última etapa verificou-se a ocorrência de pessoas que saíram do seu lugar de origem para municípios bem próximos de Toritama, como Taquaritinga do Norte, Vertentes e Santa Cruz do Capibaribe, e agora estão morando em Toritama. Nota-se a partir daí que outros municípios do Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano já foram escolhidos como moradia para alguns dos migrantes que atualmente residem em Toritama. Isso indica que há algum tempo a atração de população se dava para as cidades do Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano, mas hoje Toritama vem se tornando o principal destino dos migrantes que buscam trabalho na indústria de confecções da região. Tal fato pode se dever à grande repercussão que a indústria do *jeans* vem apresentando, ao oferecer mais oportunidades de trabalho e lucro que as demais produção de roupas.

Mapa 7



Fonte: Valtemira Mendes Vasconcelos e Lucas Cavalcanti.

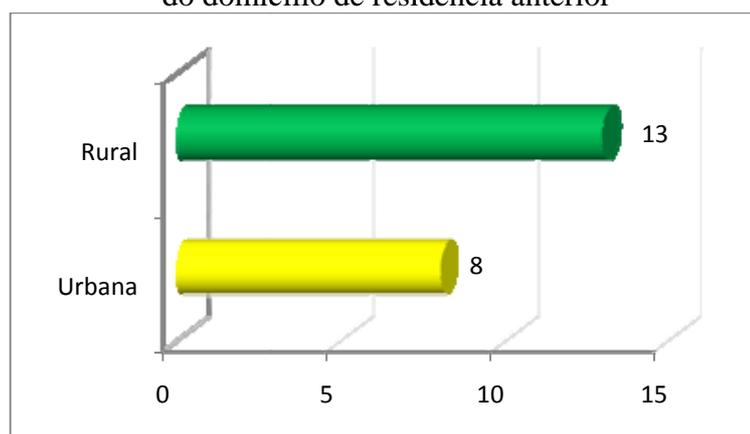
Outra importante questão levantada refere-se à área de residência anterior dos migrantes, sobre a qual se busca saber se se trata de área urbana ou rural. Esta questão foi abordada no questionário quando se interrogou em qual bairro ou área do município anterior o entrevistado residia antes de ir para Toritama. Pode-se observar no Gráfico 7 que dos 21 migrantes que responderam, 13 moravam em áreas rurais e 8 em áreas urbanas. Desses 13, todos responderam que moravam em sítios localizados em distritos dos municípios de residência anterior. Conclui-se a partir dos dados que a migração de caráter rural urbano ainda está bastante presente entre os migrantes que se dirigem para a cidade de Toritama.

Alguns migrantes mais antigos em Toritama afirmaram que se deslocaram para o município quando eram jovens e foram acompanhar os pais que não conseguiam o sustento da família enquanto agricultores. Isso pode indicar uma tendência de que no início dos fluxos para Toritama existiam muitos migrantes que eram agricultores em outros municípios e estavam se dirigindo para Toritama a fim de trabalhar na indústria de confecções. Observa-se

ainda uma considerável atração de migrantes antes residentes em sítios se deslocando para a cidade de Toritama. Apesar de alguns serem jovens e não terem trabalhado diretamente na agricultura, são filhos de agricultores e moravam em distritos rurais nos locais de origem.

Gráfico 7

Distribuição dos migrantes entrevistados residentes em Toritama segundo área de localização do domicílio de residência anterior



Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Um entrevistado de 20 anos de idade afirmou que era agricultor no município de Bonito, no Agreste de Pernambuco, e resolveu migrar para Toritama, a convite do cunhado que já morava no município, a fim de obter melhoria de vida, já que não conseguia um bom trabalho em Bonito com o pouco estudo que tinha.

Pode-se observar a partir do exposto, que os municípios que fazem parte do Pólo de Confecções do Agreste têm atraído pessoas tanto de áreas urbanas como de áreas rurais. E muitas das famílias rurais de Pernambuco vêm abandonando seus sítios para servirem de mão-de-obra para a indústria de roupas de Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe, na busca por trabalho mais rentáveis.

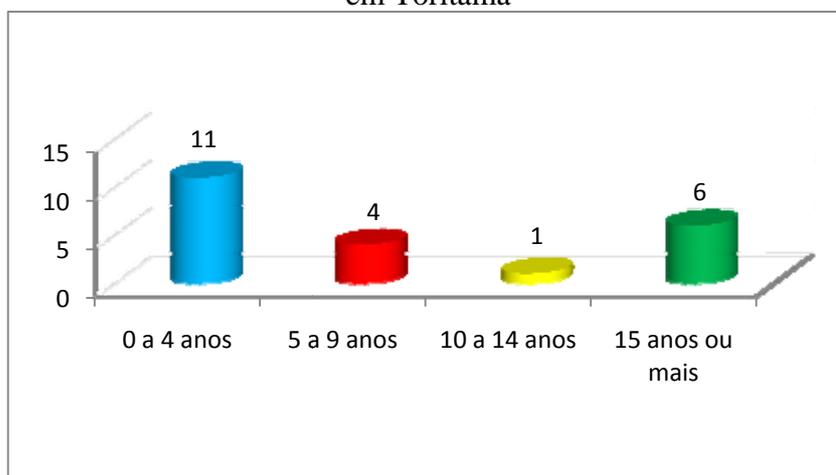
Na pesquisa, optou-se por entrevistar qualquer migrante independente do tempo de moradia em Toritama, isso porque se quis mostrar que a importância de Toritama como um pólo de atração de população não se limita apenas aos últimos 10 anos. Toritama há muito tempo deixou de ser um município expulsor para entrar na dinâmica migratória como um município de atração de milhares de pessoas, e isso vem ocorrendo há mais de 30 anos.

No Gráfico 8, abaixo, observa-se a distribuição dos migrantes entrevistados de acordo com o tempo de residência em Toritama. Nele pode-se ver que 11 dos 22 migrantes tinham entre 0 a 4 anos de moradia em Toritama, ou seja, a metade estava há pouco tempo no município. Vale destacar que na faixa compreendida pelo período de 15 anos ou mais, dentre

os quais alguns com mais de 25 anos de residência, e que migraram para trabalhar em Toritama ou para acompanhar a família que também migrou em busca de trabalho.

Gráfico 8

Distribuição dos migrantes entrevistados residentes em Toritama segundo tempo de residência em Toritama



Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

A fim de se melhor entender qual o grau de escolaridade entre os migrantes antigos e os recentes, optou por se fazer um cruzamento entre o grau de escolaridade dos migrantes e o tempo de residência destes em Toritama, uma vez que tal cruzamento pode demonstrar se os atuais migrantes são mais bem qualificados que os antigos.

Ao realizar o cruzamento dos dados referentes ao grau de escolaridade com o tempo de moradia em Toritama observou-se, na Tabela 14, dentre os casos válidos, que dos migrantes com 0 a 4 anos de moradia no município, sete deles se encontravam na faixa compreendida entre os 5 a 8 anos de estudo, podendo existir entre estes casos pessoas que não tenham completado o ensino fundamental II. Ainda com referência aos imigrantes com 0 a 4 anos de residência em Toritama, nota-se que três entrevistados se apresentam na faixa que corresponde aos 9 a 11 anos de estudo, enquanto não há nenhum caso de migrantes de 0 a 4 anos de moradia no município que possuam de 1 a 16 anos de estudo. Entre os migrantes de 5 a 9 anos de moradia, vê-se que dois possuem de 1 a 4 anos de estudo, um se encontra na faixa de 5 a 8 anos de estudo e um tem de 9 a 11 anos de estudo. Entre os migrantes com 15 anos ou mais se verifica que dois possuem de 1 a 4 anos de estudo, e quatro de 5 a 8 anos de estudo. Diante do exposto, conclui-se que dos 26 migrantes entrevistados, 17 se encontravam nas duas faixas com menos anos de estudo. Isso para os migrantes de 0 a 9 anos de residência e para aqueles de 15 a mais anos de residência. Apesar da amostra não ser representativa do

universo, os dados apresentados podem demonstrar um pouco do perfil dos migrantes que buscam trabalho no pólo de confecções de Toritama. Estes são pouco qualificados e possuem poucos anos de estudo.

Tabela 14

Distribuição dos migrantes entrevistados residentes em Toritama segundo anos de estudo por tempo de moradia em Toritama

Anos de estudo	Tempo de moradia				Não migrantes	Total
	Migrantes					
	0 a 4 anos	5 a 9 anos	10 a 14 anos	15 anos ou mais		
De 1 a 4 anos de estudo	1	2	0	2	3	8
De 5 a 8 anos de estudo	7	1	0	4	2	14
De 9 a 11 anos de estudo	3	1	1	0	0	5
De 12 a 16 anos de estudo	0	0	0	0	1	1
Total	11	4	1	6	6	28

Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Com relação ao objetivo que move a migração, nota-se que o que motivou a saída do local de origem para 12 dos 22 migrantes em Toritama foi a busca por trabalho, como pode ser visto no Gráfico 9. O segundo motivo apresentado pelos entrevistados para justificar o movimento foi a necessidade de acompanhar a família junto ao processo de deslocamento. Mas, como foi explicitado antes, entre os entrevistados que responderam que saíram do local de origem para acompanhar a família, todos enfatizaram que a família emigrou para trabalhar em Toritama, o que indica que, seja diretamente ou indiretamente, a grande maioria se deslocou por falta de trabalho para eles ou para os familiares.

Gráfico 9

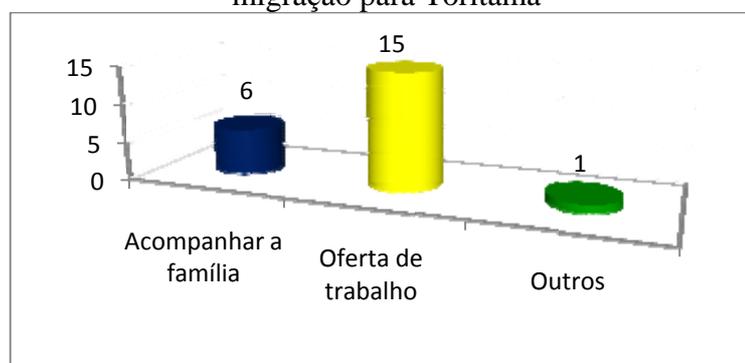
Distribuição dos migrantes entrevistados residentes em Toritama segundo motivação de saída do local de origem



Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Gráfico 10

Distribuição dos migrantes entrevistados residentes em Toritama segundo motivação de migração para Toritama



Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

O fato dos migrantes saírem dos municípios de origem em busca de trabalho demonstra que a oferta de postos de trabalho é escassa nesses locais e, somado a isto, está o fato de Toritama ter se tornado um pólo de atração de mão-de-obra barata para servir à indústria do *jeans*.

No Gráfico 10 observa-se que o motivo principal da migração para Toritama é a oferta de trabalho que o município tem disponibilizado para a sua população e também para os migrantes. Alguns entrevistados afirmaram que atualmente Toritama é um dos lugares que mais oferece oportunidade de trabalho. Em depoimento, uma entrevistada de 18 anos relatou que morava em Surubim e se deslocava diariamente para Toritama para trabalhar como vendedora em uma loja, mas resolveu morar no município, na casa de uma colega de trabalho, devido a dificuldades relacionadas às condições do deslocamento, a exemplo da péssima condição da estrada e da perda de tempo no trajeto diário.

Alguns estudos têm indicado que o principal motivo de saída do local de origem pelos migrantes é a necessidade de acompanhar a família em seu processo de deslocamento. Segundo Oliveira, entre as principais motivações declaradas para a migração, de acordo com um levantamento realizado pela PNAD 2001 no Brasil, está a necessidade de acompanhar a família. Mas segundo o autor, o que poderia ser encarado, à primeira vista, como uma evidência a contrariar as premissas tão importantes como a dos modelos, abordagens e teorias interpretativas do fenômeno migratório como resultado dos desequilíbrios regionais dos fatores de produção e em especial, do trabalho, deve ser observada com cautela. De fato, acompanhar a família é o motivo mais mencionado na pesquisa da PNAD 2001, por quase metade dos migrantes respondentes, seguido de motivações relacionadas ao Trabalho. Entretanto, de acordo com Oliveira, a não primazia do Trabalho como motivação principal

para migração na PNAD deveu-se ao fato de que o quesito acerca dos motivos de migração foi aplicado para todos os indivíduos que fizeram um deslocamento nos últimos quatro anos, independente da idade do migrante. Nesse sentido, segundo Oliveira, é natural que para cada chefe de família que declarasse migrar em busca de trabalho, houvesse cônjuge e filhos que afirmassem que o deslocamento decorria da necessidade de acompanhar a família (Oliveira e Jannuzzi, 2004).

Nesse contexto, viu-se que o principal motivo de saída do local de origem declarado pelos migrantes, no país, é ainda o relacionado à busca de trabalho, o que não se mostrou diferente entre os migrantes residentes em Toritama. Diante do episódio provocado pelo não detalhamento da questão no caso do levantamento realizado pelo PNAD 2001, teve-se o cuidado de perguntar, também, aos migrantes, em Toritama, que responderam “acompanhar a família” como motivo de saída do lugar de origem e imigração para Toritama, o porquê de suas famílias terem saído do local e origem e se deslocado para Toritama.

Em todo caso, conforme Sônia Maria de Lira (2011), atualmente, o desenvolvimento do aglomerado produtivo de confecções do Agreste Pernambucano vem se transformando em oportunidade de ampliação de emprego e renda para as populações dos territórios envolvidos - incluindo-se nestes o município de Toritama – além de fixar esse contingente populacional em seus lugares de origem, evitando, conseqüentemente, o acirramento do processo migratório para os centros urbanos de médio e grande porte da região e do país (LIRA, 2011). Diante disso, o município de Toritama vem se tornando expressivo no contexto da dinâmica demográfica devido aos intensos fluxos migratórios dirigidos para lá e, conseqüentemente, ao rápido crescimento de sua população.

3.2.2 Rede social na migração

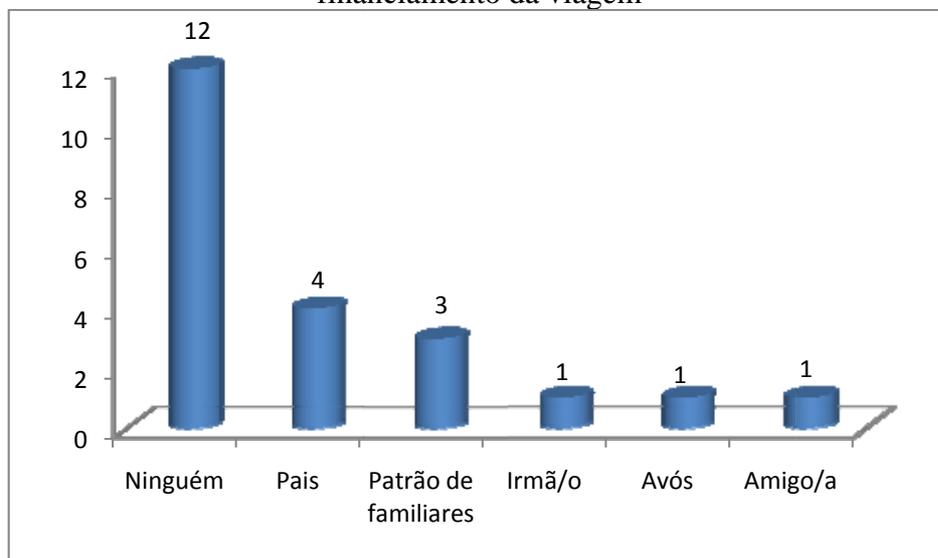
Para as pessoas que desejam migrar pode haver condicionantes que facilitem a tomada de decisão nesse sentido. Dentre estes condicionantes estão as redes sociais na migração que muitas vezes existem e são facilitadores no ato migratório, a exemplo de familiares ou amigos que possam ajudar com o financiamento da viagem, com oferta ou informação de hospedagem e de trabalho.

Entre os migrantes entrevistados em Toritama, todos tiveram pelo menos uma ajuda de alguém nos dias de adaptação no local de destino. Nos gráficos abaixo são vistos os três meios de ajuda mais encontrados entre os migrantes entrevistados e quem forneceu a ajuda necessária para os migrantes.

No Gráfico 11 verifica-se que 12 dos entrevistados não tiveram ajuda com o custo do deslocamento, quatro tiveram ajuda dos pais e três obtiveram ajuda no financiamento da viagem por parte do patrão de algum familiar. Este último dado nos mostra que pode existir uma rede que não a familiar ou de amizade para os migrantes. A existência de patrões de familiares financiando os custos da viagem pode indicar que estes migrantes provavelmente foram trabalhar para o patrão financiador ou para alguém do seu conhecimento.

Gráfico 11

Distribuição dos migrantes entrevistados residentes em Toritama segundo ajuda com financiamento da viagem

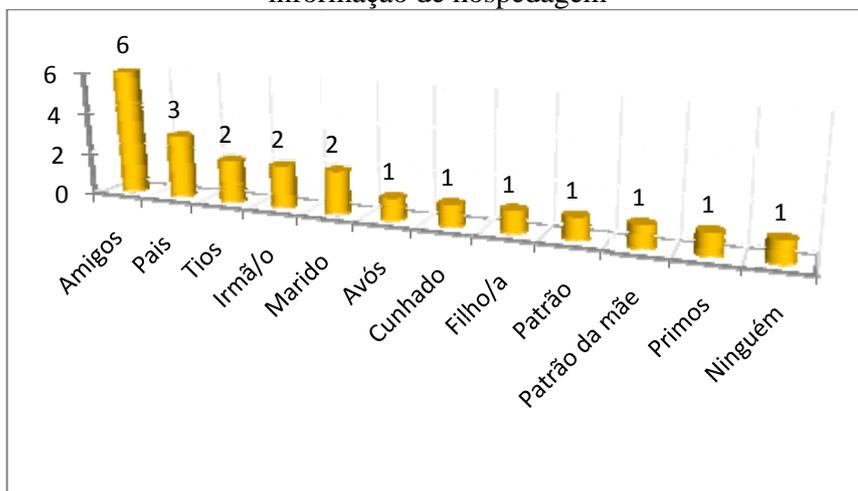


Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

No Gráfico 12 observa-se que os amigos são os que mais ajudam com oferta ou informações de hospedagem para os recém-chegados a Toritama, seguidos dos pais. Estes últimos forneceram o dinheiro para o aluguel da residência dos filhos que migraram ou já se encontravam como residentes em Toritama e buscam trazer os filhos para morar com eles. Vale salientar que a figura do patrão também está presente na ajuda com oferta ou informação de hospedagem. Em um dos casos levantados na presente pesquisa, o patrão forneceu um quarto do hotel do qual é dono para o migrante que iria trabalhar para ele.

Gráfico 12

Distribuição dos migrantes entrevistados residentes em Toritama segundo ajuda com oferta ou informação de hospedagem

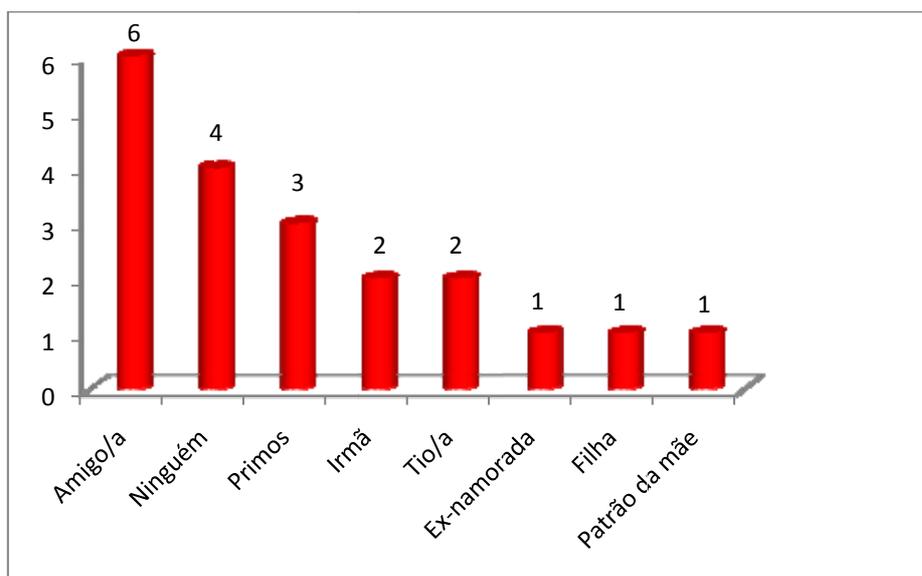


Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Com relação à ajuda com informação ou oferta de emprego, vê-se no gráfico abaixo que os amigos foram os que mais ajudaram. Mas houve alguns casos em que os migrantes não obtiveram ajuda alguma com informação ou oferta de trabalho. Os primos e tios foram os parentes mais citados. Pode-se observar também a presença do patrão de um dos parentes como o ofertante de emprego.

Gráfico 13

Distribuição dos migrantes entrevistados residentes em Toritama segundo ajuda com informação ou oferta de emprego



Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Em alguns depoimentos, além da rede familiar e de amizade, observou-se a presença do patrão do migrante ou patrão de um dos familiares como o financiador das despesas do deslocamento e ofertante de hospedagem e emprego. Isso indica que alguns empregadores possuem uma rede de contato para trazer migrantes a fim de servirem como *mão-de-obra barata* para suas indústrias ou empresas. Um caso que pode ser mencionado como exemplo para ilustrar tal realidade é o de uma migrante de Campina Grande que se deslocou para Toritama com toda família a fim de montar um restaurante para servir aos trabalhadores, sacoleiros e demais pessoas que frequentam o Parque das Feiras. Em depoimento, a migrante afirmou que trouxe 16 funcionários de Campina Grande, entre estes garçons e cozinheiros, para trabalharem em seu restaurante.

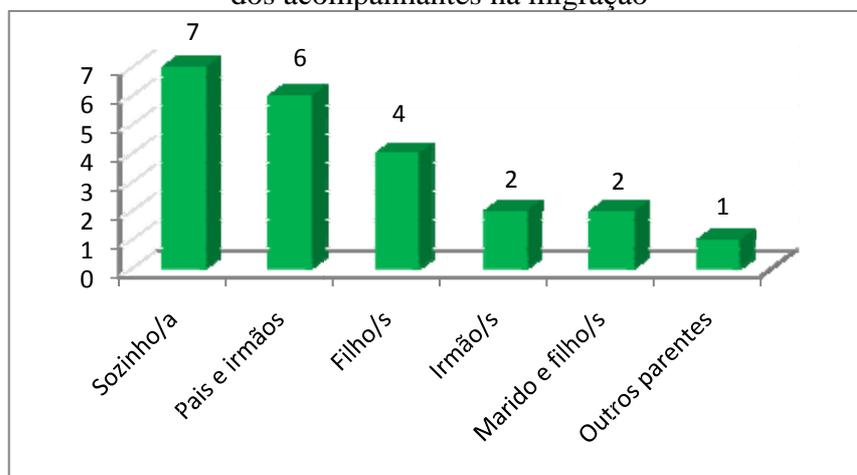
Entretanto, a rede mais observada é ainda a familiar, na qual se percebe os migrantes antigos, ou já adaptados, ajudando os parentes recém-chegados ao município. Nesse sentido, o que pode ser verificado nos dados e depoimentos coletados é a presença forte de uma rede social de migração em Toritama, em que muitos obtêm alguma ajuda de parentes, amigos e mesmo da figura do patrão, até que sua adaptação ao novo município de residência seja completada.

Ao questionar com quem os migrantes se deslocaram, constatou-se que muitos se dirigiram sozinhos para Toritama, correspondendo a sete casos, entre os 22 entrevistados, o que pode ser visto no Gráfico 14. Mas os pais e irmãos, ou seja, a família vem como a segunda resposta mais frequente, com um número de seis casos, seguido dos filhos, que foi a terceira resposta mais dada pelos migrantes entrevistados em Toritama.

Entretanto vale destacar que muitos desses migrantes que se deslocaram sozinhos tendem a se adaptar primeiro e depois buscar seus parentes e amigos para trabalharem na indústria de confecções, ou nos serviços – setor que vem se tornando crescente em Toritama, a exemplo dos hotéis, pousadas, restaurantes e lanchonetes.

Gráfico 14

Distribuição dos migrantes entrevistados residentes em Toritama segundo grau de parentesco dos acompanhantes na migração



Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

3.2.3 Trabalho e renda entre os residentes

Apesar da maioria das indústrias do Pólo de Confeccões do Agreste Pernambucano se caracterizar pela existência de processos produtivos flexíveis, utilizando mão-de-obra barata e com baixa qualificação profissional, ainda apresentam semelhanças com o sistema fordista de linha de montagem de alta produtividade. No entanto, diferentemente do fordismo, que dava aos trabalhadores renda e tempo de lazer suficientes para que consumissem os produtos em massa, atualmente, o que se observa nas facções e fábricas dos municípios que fazem parte do pólo é apenas a utilização do tempo para a produção em massa, não restando tempo algum para qualquer outro tipo de atividade que não o trabalho.

Este fato se deve ao modo pelo qual a remuneração é feita nessas atividades de confecção. Os trabalhadores da confecção de *jeans* de Toritama recebem por produção, ou seja, por quantidade de peças produzidas, na maioria das vezes recebendo semanalmente. Isso quer dizer que quanto menos o operário trabalhar menos irá ganhar no fim da semana.

Para Sonia Maria de Lira (2011), a produção de confecções, no aglomerado de confecções do Agreste pernambucano, funciona sob a lógica do capital, e por isso emprega a força de trabalho feminina e infantil pra ampliar o processo da *mais-valia* (LIRA, 2011).

Ford também usou quase que exclusivamente a mão-de-obra imigrante no seu sistema de produção, mas os imigrantes aprenderam e os trabalhadores americanos eram hostis. A rotatividade da força de trabalho de Ford também era alta (HARVEY, 2006). Estes fatores que também se assemelham aos da área em estudo.

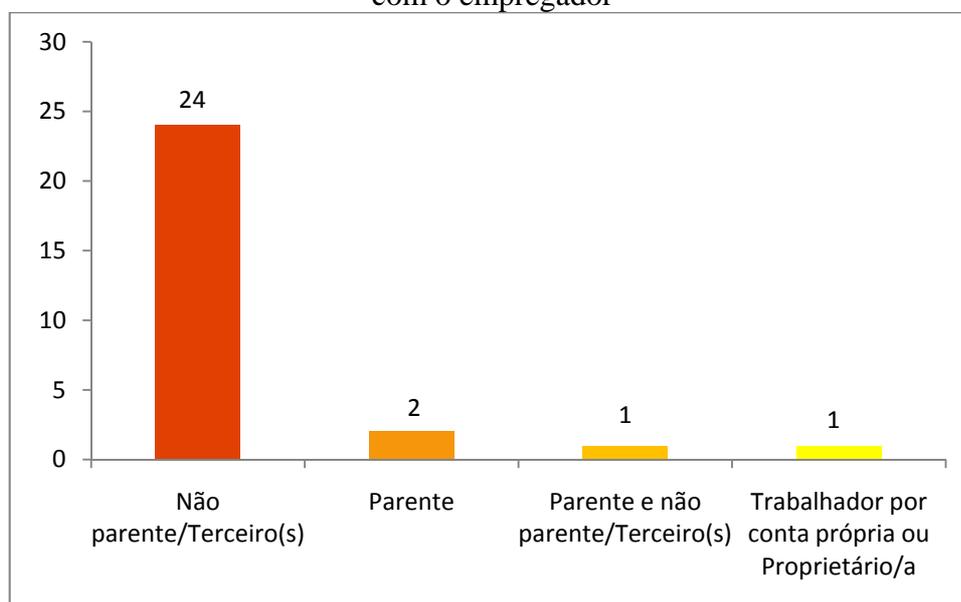
Pelo que se pode ver, a economia desse município parece se assemelhar bastante ao modelo de Ford. Isso não significa que o sistema de produção de *jeans* seja totalmente rígido, mas o sistema de trabalho se aproxima bastante. Toritama também vem passando por um processo de acumulação flexível, aquela mesma acumulação que surgiu com o fim do período fordista na década de 60.

Com relação às questões referentes ao trabalho, observou-se entre os dados coletados, que todos os entrevistados, os 28, exerciam suas funções em Toritama, não existindo nenhum outro município de trabalho entre eles.

A grande maioria dos entrevistados, 24 pessoas, responderam que trabalhavam para terceiros e, como muitos deles trabalhavam na produção de confecções de outras pessoas, isso indica que poucos eram donos do seu próprio negócio. Entretanto, vale destacar a existência de proprietários de confecções que também exercem a função de costureiros em seus negócios, além da função principal de dono.

Gráfico 15

Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo grau de parentesco com o empregador



Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Apesar dos dados não registrarem muitos casos de entrevistados que trabalhavam para parentes, sabe-se que existe muito trabalho familiar em Toritama. A empresa familiar é uma das mais presentes na indústria de confecções de Toritama, mas a subcontratação de trabalhadores pelas oficinas, facções e fábricas também é um dos meios mais utilizados para a produção de roupas.

Um fato que chamou atenção foi o de um garoto de 12 anos que havia migrado com sua família para trabalhar em Toritama e estava exercendo a função de costureiro em uma oficina de confecções, trabalhando cerca de nove horas por dia para ganhar 240 reais por mês. O entrevistado respondeu que sabia ler e escrever, chegando a concluir o primeiro ano do Ensino Fundamental II, mas não frequentava mais a escola.

Apesar de esse ser um caso isolado na amostra, que também não foi representativa, pôde-se observar, em campo, a existência de muitas crianças trabalhando na produção de confecções. Algumas, desde muito cedo, com seis ou sete anos, como se verificou, iniciam seus trabalhos no “aprontamento”, realizando o acabamento final do *jeans* a partir do corte das sobras de linhas nas roupas.

De acordo com Lira (2011), apesar de os dados do Atlas do Desenvolvimento indicarem uma queda no número de crianças e jovens trabalhando entre os anos de 1991 e 2000, nos municípios que fazem parte do Pólo de Confecções do Agreste, o percentual de crianças em idade escolar, trabalhando nas confecções era alto. E isso se deve a forma como funciona o trabalho no aglomerado de micro e pequenas indústrias do Agreste pernambucano. Nos municípios do pólo o trabalho funciona sob a lógica do capital, e isso faz com que se utilize a força de trabalho feminina e infantil, a fim de ampliar o processo de *mais-valia*.

Segundo Kassouf (2005), o trabalho infantil pode gerar benefícios imediatos na forma de renda ao indivíduo, mas também lhe gera custos futuros, por dificultar o seu acesso à educação. Nesse sentido, a baixa escolaridade e o mau desempenho escolar, causados pelo trabalho infantil, levam esses indivíduos a se tornarem trabalhadores mal qualificados, diminuindo suas chances na aquisição de bons empregos. Sendo assim, o trabalho infantil leva os indivíduos a se manterem dentro de um ciclo repetitivo de pobreza já experimentado pelos pais.

Dando continuidade aos dados da pesquisa, verifica-se na Tabela 15 que 26 dos 28 entrevistados responderam que trabalhavam para parentes ou terceiros. Analisando-se mais detalhadamente, observa-se que 33% dos não migrantes entrevistados trabalham para parentes, o que é bastante comum, como foi afirmado antes. Diferentemente dos migrantes, principalmente os recém chegados, que muitas vezes não possuem relação de parentesco com pessoas naturais de Toritama, acabando por trabalharem no sistema de subcontratação. Entre os que trabalham para terceiros, 67% são não migrantes ou naturais e 90% são migrantes. Conclui-se, a partir do exposto e das observações feitas em campo, que é bastante comum os migrantes trabalharem para terceiros, passando por facções que muitas vezes pagam pela produção que é feita em casa e com os próprios equipamentos dos trabalhadores, até que

possam adquirir seu próprio negócio. Entretanto, isso ocorre apenas depois que eles trabalham tempo suficiente para adquirir uma máquina de costura, para assim iniciar o processo de trabalho por conta própria.

Tabela 15

Distribuição relativa da população entrevistada residente em Toritama segundo Status migratório por relação de parentesco com o empregador

Status migratório	Para quem trabalha				Total
	Parente	Não parente/terceiro(s)	Parente e terceiro/s	Trabalhador(a) por conta própria ou proprietário(a)	
Não migrantes	33%	67%	0%	0%	100%
Migrantes	0%	90%	5%	5%	100%
Total	7%	85%	4%	4%	100%

Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

No Gráfico 16 pode-se verificar o local de trabalho mencionado pelos entrevistados. Nele observa-se que oito entrevistados trabalhavam em oficina ou fabrico. Estes locais são pequenas fábricas e em sua maioria informal. Em casa ou na garagem de casa foi a segunda resposta mais apresentada pelos entrevistados, com ocorrência de sete casos. O comércio e o setor dos serviços também estão presentes, o primeiro representado pelas lojas, com quatro entrevistados, e o segundo representado pelos hotéis, com três casos.

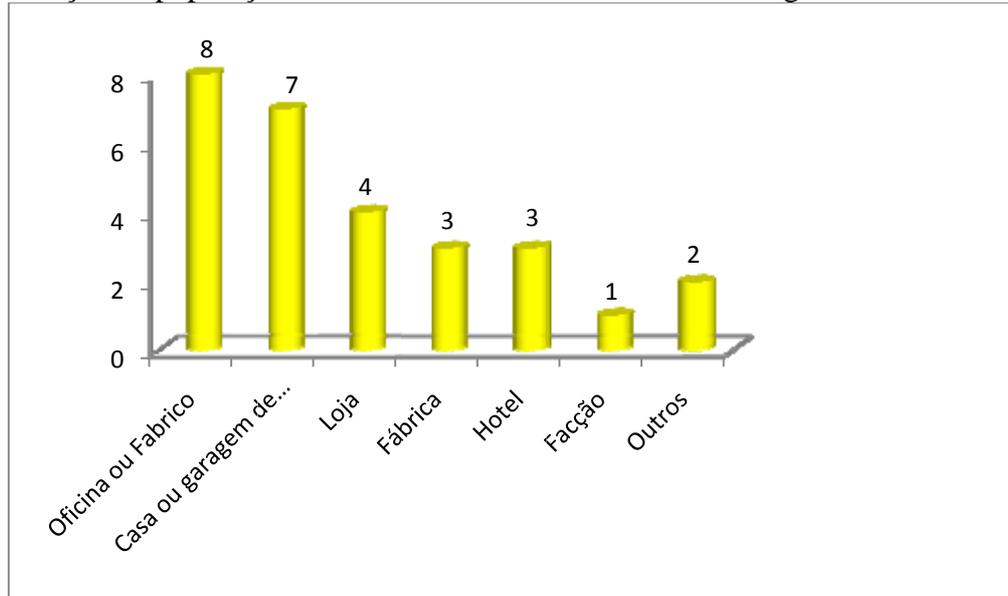
As facções também são bastante presentes na indústria de confecções. Vale destacar a diferença existente entre as facções, as fábricas, os fabricos e as oficinas. Sônia Maria de Lira, em um estudo sobre o Pólo de Confecções do Agreste, diferencia essas unidades de produção. Segundo a autora, as facções são unidades que subcontratam pessoal para produzir, estas não necessariamente precisam de local fixo para que haja a produção. Os faccionistas podem ou não ter um local fixo onde os “contratados” trabalham, podendo contratar costureiras que trabalham em suas próprias casas. Além disso, os faccionistas fazem a opção de atuar em diferentes etapas do processo produtivo, desde o corte até o acabamento final do produto. Os fabricos são pequenas unidades que optam na maioria das vezes por apenas um processo produtivo. Já as fábricas são grandes unidades que geralmente possuem mão-de-obra formal. Quanto às oficinas, estas podem ser unidades de beneficiamento de parte da produção, a exemplo da realização de bordados e tingimento (LIRA, 2011).

O que foi observado é que a diferenciação destas unidades na produção de confecções em Toritama é confusa. As fábricas em épocas de grande demanda podem contratar as

facções, estas que subcontratam mão-de-obra de costureiras que trabalham por encomenda em suas casas. O que indica que a subcontratação é o sistema mais utilizado na indústria de confecções de Toritama, processo que dificulta a formalização da maioria dos trabalhadores da produção de roupas.

Gráfico 16

Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo local de trabalho



Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

A Tabela 16, referente ao cruzamento do status migratório com o local onde o trabalho é exercido revelou que a oficina ou os fabricos são os locais onde é mais exercido o trabalho, representando 17% dos não migrantes e 31% dos migrantes entrevistados. A fábrica é o lugar de trabalho de 33% dos não migrantes que responderam ao questionário, e é o local de trabalho de 5% dos migrantes em análise. Em casa ou na garagem de casa trabalham 33% dos não migrantes e 23% dos migrantes. Um local que teve destaque foi a loja, é nela onde trabalham 18% dos migrantes entrevistados. Outro lugar que obteve certo destaque foi aquele voltado para o setor de serviços em Toritama, representado pelo ramo hoteleiro na região, ao observar que 14% dos migrantes responderam que trabalha em um hotel. Pôde-se verificar, no trabalho de campo, que o setor dos serviços tem se apresentado como atrativo para os migrantes, além dos setores voltados para a indústria de confecções. Observou-se que muitos migrantes também conseguem trabalho em restaurantes, pousadas e como motorista, o que pode ser verificado nos dados das ocupações. A oficina ou fabrico, por serem unidades menores do que as fábricas, e por na maioria das vezes não serem formalizados, contratam muita mão-de-obra migrante que necessita logo de um trabalho para seu sustento.

Tabela 16
Distribuição relativa da população entrevistada residente em Toritama segundo status migratório por local de trabalho

Status migratório	Local de trabalho							Total
	Oficina ou Fabrico	Facção	Fábrica	Casa ou garagem de casa	Loja	Hotel	Outros	
Não migrantes	17%	17%	33%	33%	0%	0%	0%	100%
Migrantes	31%	0%	5%	23%	18%	14%	9%	100%
Total	28%	4%	11%	25%	14%	11%	7%	100%

Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Optou-se por acrescentar a questão referente ao não recebimento de qualquer remuneração relativa ao trabalho exercido, com a intenção de tentar captar algum entrevistado não remunerado, o que é comum em Toritama, não só em empresas familiares da produção de confecções como em lojas que vendem as confecções, fato que agrava as condições de trabalho no município. Entre os entrevistados, todos possuíam remuneração no trabalho principal. E dentre as ocupações mais exercidas no trabalho principal estavam as relacionadas à produção de confecções, como os operadores de máquinas de costura e os responsáveis pelo chamado “aprontamento” das peças produzidas (acabamento final do produto). Esta última ocupação mencionada é exercida geralmente por pessoas que ainda não têm habilidade na etapa da costura, por pessoas que não conseguiram trabalho em fábricas, oficinas, fabricos ou facções, ou que não possuem máquina de costura própria para trabalhar por encomenda, mas que necessitam trabalhar. Como o único instrumento que é necessário para atuar nessa ocupação é a tesoura, muitas pessoas iniciam seu trabalho na confecção exercendo essa função. Provavelmente, devido a isso, observou-se a presença de jovens, adolescentes e crianças nessa ocupação, geralmente trabalhando em uma empresa familiar.

Como pode ser verificado no Gráfico 17 os operadores de máquinas de costura e outros trabalhadores da produção de confecções, somam onze dos 28 entrevistados. Os vendedores e demonstradores em lojas de confecções representaram a terceira ocupação mais comum entre os entrevistados.

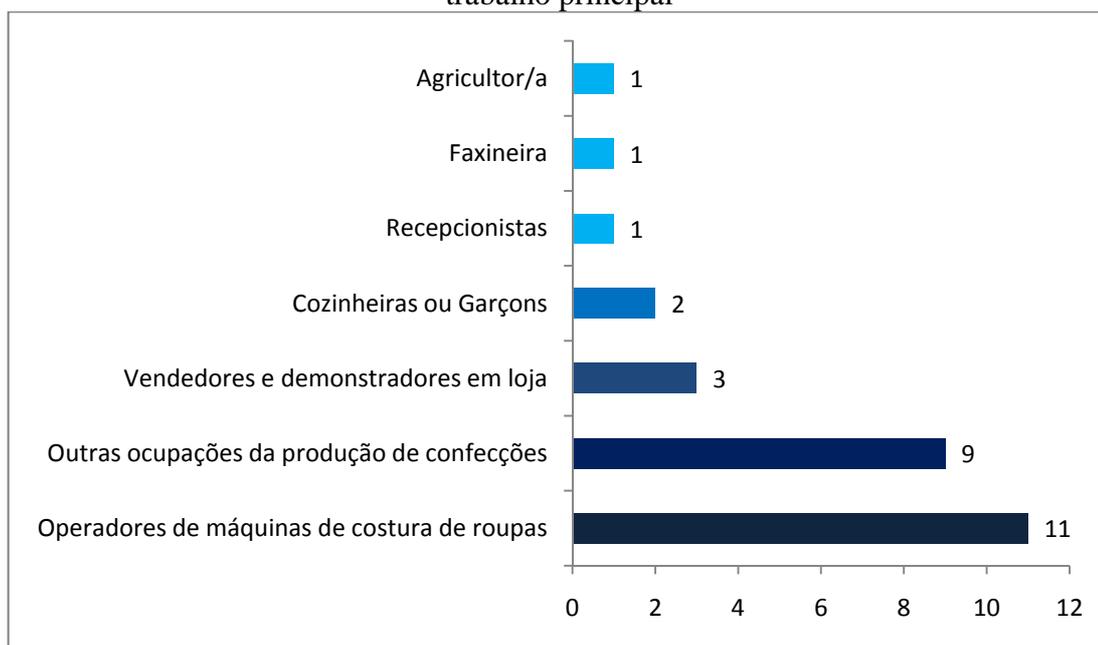
No entanto, vale destacar a presença de ocupações ligadas ao setor dos serviços, como os recepcionistas, garçons, cozinheiros e faxineiros. Setor este que vem crescendo bastante em Toritama, mas atrelado à necessidade que a indústria e o comércio de roupas vêm impondo,

uma vez que há um grande fluxo de pessoas que se deslocam para o município diariamente a fim de trabalhar ou comprar confecções, e que por sua vez necessitam desses serviços.

Verifica-se, na Tabela 8, que as ocupações com maior número de casos são as voltadas para a produção de confecções, em particular os operadores de máquinas de costura.

Gráfico 17

Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo ocupação exercida no trabalho principal



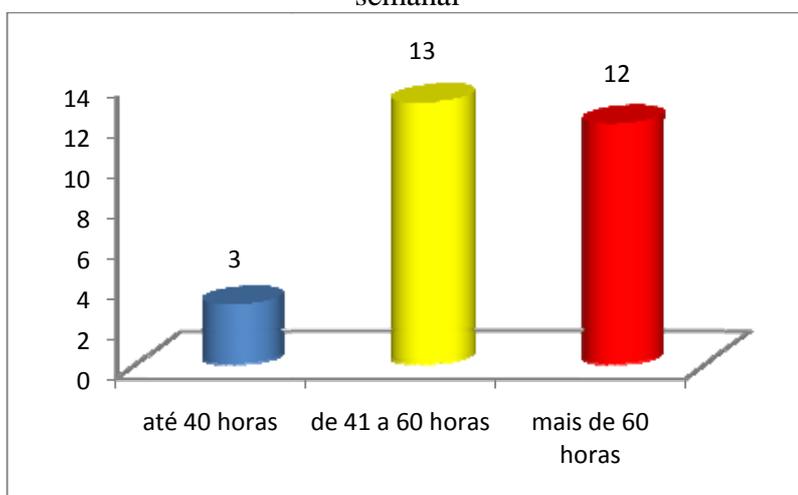
Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Ao serem questionados, 24 dos 28 entrevistados responderam que não possuíam outro trabalho remunerado além do trabalho principal. E dentre os quatro que responderam que possuíam outros trabalhos remunerados, todos tinham apenas mais um trabalho, sendo as ocupações ligadas a produção de confecções ou a venda dessa produção, as outras ocupações exercidas pelos que possuem mais de um trabalho.

No que se refere à jornada de trabalho semanal, viu-se que a maior parte dos entrevistados possuía longas jornadas de trabalho e muitos deles trabalhavam bem acima da média estabelecida. Observa-se que apenas três dos 28 entrevistados trabalhavam até 40 horas semanais, enquanto que 13 tinham uma jornada que variava entre 40 a 60 horas semanais, e 12 trabalhavam mais de 60 horas por semana.

Gráfico 18

Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo jornada de trabalho semanal



Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Na Tabela 17, referente ao cruzamento do status migratório com a jornada de trabalho semanal, indicou que na faixa de até 40 horas de trabalho semanais se encontravam 33% dos não migrantes entrevistados e 4% dos migrantes entrevistados. Entre 41 a 60 horas de trabalho, 50% eram de não migrantes e 46% de migrantes. Pôde-se verificar ainda que, metade dos migrantes entrevistados, ou seja, 50% trabalhavam mais de 60 horas semanais. O que indica que a jornada de trabalho entre os migrantes que participaram da pesquisa é maior que a dos não migrantes (naturais que sempre residiram em Toritama). Isso se deve ao fato dos migrantes, principalmente os recém chegados terem que, muitas vezes, trabalhar dobrado, a fim de aumentar a renda mensal e compensar os custos do deslocamento, além de terem que cobrir os custos de moradia, a exemplo do aluguel.

Tabela 17

Distribuição relativa da população entrevistada residente em Toritama segundo status migratório por jornada de trabalho semanal

Status migratório	Jornada de trabalho semanal			Total
	Até 40 horas	De 41 a 60 horas	Mais de 60 horas	
Não migrantes	33%	50%	17%	100%
Migrantes	4%	46%	50%	100%
Total	11%	46%	43%	100%

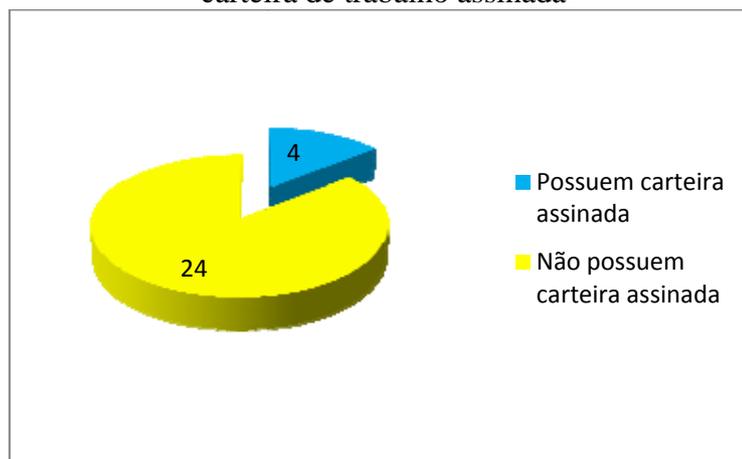
Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Observou-se nos dados primários da Tabela 17 uma maior concentração de migrantes trabalhando acima das 60 horas semanais. Alguns depoimentos mostraram que esses trabalhadores chegavam a cumprir 12 ou mais horas por dia, ao longo de toda a semana, com relatos de até 14 horas diárias de trabalho. Eles afirmaram que tamanha jornada se deve ao baixo preço pago por peça produzida, então ocorre a necessidade de aumentar o número de horas trabalhadas para que possa haver uma compensação no valor final a ser recebido pelo trabalhador. Algumas etapas da confecção da roupa, como a costura de bolsos nas peças e a colocação de botões, pagam ao trabalhador de 5 a 8 centavos apenas. Assim eles têm que aumentar a jornada de trabalho, a fim de produzir para conseguir aumentar um pouco a renda mensal. Isso ocorre com a grande maioria dos trabalhadores de confecções, mas principalmente com os não formalizados que não possuem um salário base fixo.

Como já foi exposto, a informalidade é a realidade da grande maioria dos trabalhadores de Toritama. E apesar dos dados da pesquisa de campo não serem representativos, eles são capazes de demonstrar a problemática da informalidade no pólo de Toritama. Verificando o Gráfico 19 nota-se que dos 28 entrevistados apenas quatro possuíam carteira assinada. No que diz respeito aos entrevistados que contribuem ou já contribuíram com a Previdência Social, observa-se no Gráfico 20 um total de sete pessoas. Mas deve-se ressaltar que desses sete, três não contribuem mais.

Gráfico 19

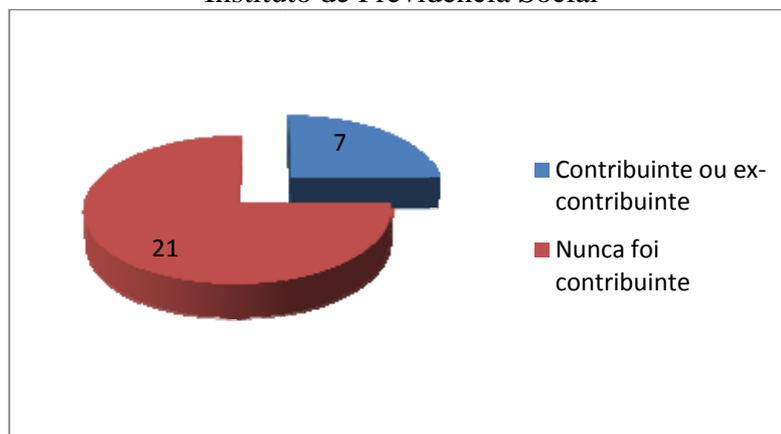
Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo trabalhador com carteira de trabalho assinada



Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Gráfico 20

Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo contribuição com o Instituto de Previdência Social



Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Somados a estes problemas estão às péssimas condições da estrutura física dos fabricos e oficinas, ao não disponibilizarem do mínimo conforto e segurança para o exercício dos trabalhos. Pode-se observar na Imagem 6 que nestes empreendimentos, principalmente os informais, os trabalhadores exercem suas funções e ambientes pequenos, mal iluminados, com pouca ventilação e sem assentos adequados, além de não trabalharem com equipamentos de segura básica, como máscaras para proteção do pó que solta dos tecidos e protetores de ouvidos que minimizam o barulho das máquinas. Vale salientar que a imagem abaixo se refere a um fabrico formalizado. Na Imagem 7 está a produção diária de *jeans* de um fabrico formal, encomendada pela rede das Lojas Marisa. Pode ser observado que as peças de roupas são empilhadas na calçada do fabrico.

Imagem 6
Fabrico de confecções em Toritama



Fonte: Valtemira Mendes Vasconcelos.

Imagem 7
Produção de *jeans* de um fabrico



Fonte: Valtemira Mendes Vasconcelos.

De maneira geral observa-se que questões relativas ao trabalho, em Toritama, ainda estão bem próximas daquelas observadas no período fordista e no processo de industrialização de meados do século passado, uma vez que se observa que a produção de confecções em

Toritama se dá a partir do trabalho parcelar, fragmentado, com produção flexível e em ritmo fortemente acelerado, tentando-se reduzir ao máximo o tempo da produção.

De acordo com Lira (2011), a flexibilidade adapta-se muito bem a produção de confecção, já que depende de um processo de montagem de peças que, não necessariamente, precisa ocorrer totalmente no mesmo local, podendo ser fragmentada por vários espaços da produção. Nesse sentido, a flexibilidade favorece uma divisão social e territorial do trabalho que vai se manifestar de formas diferenciadas, a partir do contexto histórico de cada realidade. No caso do aglomerado do Agreste, as etapas do processo produtivo vão acontecer de maneira fragmentada pelos territórios, atingindo espaços diferentes em áreas urbanas e rurais.

Mas, além da flexibilidade adotada pela indústria de confecção, em Toritama é muito comum as indústrias adotarem formas de subcontratação, de trabalho domiciliar como meio de diminuir os gastos com os funcionários fixos, uma vez que com a subcontratação a empresa não se compromete com salários fixos, nem com os direitos trabalhistas dos empregados.

Somados a estes fatores, no município existe ainda o processo de trabalho familiar, em que é utilizado o trabalho dos indivíduos que compõem a família, dentre estes, a mulher, os jovens e as crianças.

Segundo Lira (2011), a subcontratação no aglomerado produtivo de confecções do Agreste pernambucano é utilizada desde o início da formação territorial desse aglomerado. As costureiras independentes eram chamadas para contribuir na confecção de roupas, principalmente nos períodos de aumento de demanda. Ainda conforme Lira:

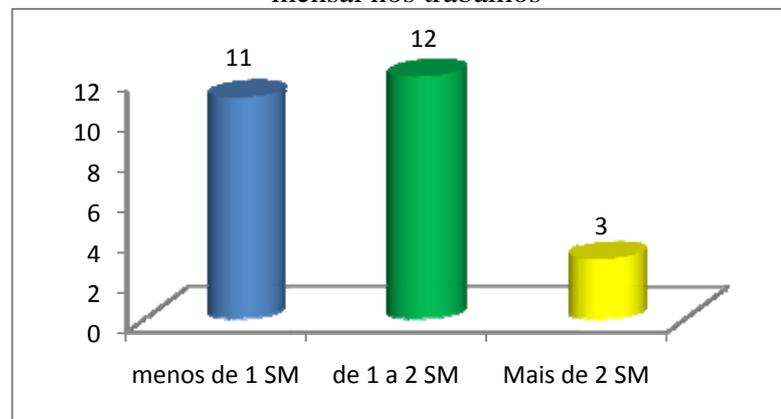
(...) por causa da concorrência, os produtores de confecções buscam diminuir os preços das mercadorias, com mudanças no processo de trabalho. Ou seja, a divisão do trabalho ocorre através da fragmentação territorial da produção. A subcontratação de produtores autônomos e o uso constante da força de trabalho (familiar e domiciliar) têm contribuído para uma diminuição do preço do trabalho, principalmente através da utilização das mulheres e dos jovens (LIRA, 2011, 86).

Em todo caso, o fato é que apesar da indústria de confecções de Toritama disponibilizar, nos últimos anos, um elevado número de postos de trabalho – em sua maioria informais e bastante precários – está havendo um aumento considerável na quantidade de migrantes se dirigindo para o município, com a intenção de servir de mão-de-obra barata para a indústria e demais serviços vinculados a ela, a exemplo de postos de trabalho em restaurantes, hotéis, pousadas, comércio varejista etc.

Nos dados de rendimento total por mês nos trabalhos, foi visto que 11 respondentes afirmaram que ganhavam menos de um salário mínimo e 12 recebiam de 1 a 2 salários mínimos. Ou seja, a renda entre os trabalhadores entrevistados é muito pequena e isso se torna mais problemático quando se observa que, apesar da jornada de trabalho ser longa, a fim de aumentar o rendimento no final do mês, uma vez que boa parte dos trabalhadores é remunerada por produção, a renda mensal, para muitos, não chega a compensar as horas trabalhadas, como afirmaram alguns entrevistados.

Gráfico 21

Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo rendimento total mensal nos trabalhos



Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Na Tabela 18, ao cruzar as variáveis de sexo por rendimento total nos trabalhos, e guardando-se as devidas proporções entre homens e mulheres entrevistados, observou-se que 22% dos homens e 53% das mulheres entrevistadas recebiam menos de um salário. Quanto à faixa de renda que vai de 1 a 2 salários mínimos, nota-se que 67% são homens e 35% são mulheres. Já entre a faixa de maior renda, referente a mais de dois salários mínimos, verifica-se um percentual semelhante entre homens e mulheres. Tal análise pode demonstrar que, entre os entrevistados, as mulheres apresentam uma renda inferior a dos homens. Fato que não foge a regra nas análises quantitativas de órgãos que realizam pesquisas com amostras representativas. Tal cenário pode ser explicado pelo fato de a maioria das mulheres residentes em Toritama apresentarem a chamada jornada tripla de trabalho, ou seja, além da produção de confecções, ela se encontra incumbida da tarefa de cuidar da casa e dos filhos, o que acaba por comprometer as horas a serem dedicadas à sua produção.

Tabela 18

Distribuição relativa da população entrevistada residente em Toritama segundo sexo por rendimento total mensal nos trabalhos

Sexo	Renda			Total
	Menos de 1 SM	De 1 a 2 SM	Mais de 2 SM	
Masculino	22%	67%	11%	100%
Feminino	53%	35%	12%	100%
Total	42%	46%	12%	100%

Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Na Tabela 19, abaixo, referente ao cruzamento do grau de escolaridade por renda total verifica-se que dos entrevistados que recebiam menos de um salário mínimo, 50% tinham de 1 a 4 anos de estudo, 54% se encontravam na faixa de 5 a 8 anos de estudo e nenhum na faixa de 9 a 11 anos de estudo. Os entrevistados que recebiam de 1 a 2 salários mínimos, 38% tinham de 1 a 4 anos de estudo, 38% se encontravam na faixa de 5 a 8 anos de estudo e 80% era parte da faixa de 9 a 11 anos de estudo. Nestas duas primeiras categorias de renda se encontravam a maioria dos entrevistados e, dentre eles, 19 tinham apenas de 1 a 8 anos de estudo. Observa-se a partir daí que quanto mais baixo o grau de escolaridade dos entrevistados menor é a renda mensal deles. Verificou-se na pesquisa de campo uma tendência à busca por melhores postos de trabalho entre os entrevistados que possuíam melhor qualificação. Estes tendem a procurar trabalho em hotéis, pousadas e lojas que pagam melhores salários e que, na maioria dos casos, pagam todos os direitos trabalhistas.

Tabela 19

Distribuição relativa da população entrevistada residente em Toritama segundo anos de estudo por rendimento total mensal nos trabalhos

Anos de estudo	Renda			Total
	Menos de 1 SM	De 1 a 2 SM	Mais de 2 SM	
De 1 a 4 anos de estudo	50%	38%	12%	100%
De 5 a 8 anos de estudo	54%	38%	8%	100%
De 9 a 11 anos de estudo	0%	80%	20%	100%
Total	42%	46%	12%	100%

Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Outro cruzamento realizado foi o da variável do status migratório por renda total nos trabalhos. Na Tabela 20 observa-se que na faixa de renda que compreende menos de um salário mínimo, se encontram 40% dos não migrantes de Toritama e 43% dos migrantes entrevistados. Apesar da desproporcionalidade entre não migrantes e migrantes entrevistados, 22 migrantes e apenas seis não migrantes, verifica-se que proporcionalmente ao número de casos para cada status, pode ser visto que o número de migrantes recebendo menos de um salário mínimo é maior que o de não migrantes ou naturais. Do mesmo modo pode-se observar na faixa de renda que vai de 1 a 2 salários mínimos, quando nota-se que 40% dos não migrantes e 48% dos migrantes se encontram nessa faixa. Entre os que recebem mais de dois salários mínimos, 20% são naturais e 9% são migrantes. Conclui-se a partir dos dados que ambos os status possuem renda baixa, mas que essa situação se agrava para os migrantes entrevistados.

Tabela 20
Distribuição relativa da população entrevistada residente em Toritama segundo status migratório por rendimento total mensal nos trabalhos

Status migratório	Renda			Total
	Menos de 1 SM	De 1 a 2 SM	Mais de 2 SM	
Não migrantes	40%	40%	20%	100%
Migrantes	43%	48%	9%	100%
Total	42%	46%	12%	100%

Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

De acordo com o censo 2000, mais da metade dos migrantes em Toritama recebiam de 1 a 2 salários mínimos, o que mostra certa semelhança com os dados primários acima. Ao observar-se na Tabela 20 que quase metade dos migrantes entrevistados também recebia de 1 a 2 salários mínimos, o que indica uma tendência de baixo rendimento entre os migrantes no município.

Um dado que merece destaque diz respeito a outros tipos de renda diferentes da renda obtida pelos meios já citados até o momento, ou seja, a remuneração pelo trabalho. Ao serem perguntados sobre o recebimento de alguma outra fonte de renda oriunda de um programa assistencial, por exemplo, apenas seis entrevistados afirmaram receber esse tipo de auxílio,

dentre os quais cinco falaram receber o Bolsa Família (valor que não ultrapassava 182 reais), e um afirmou receber pensão.

No que diz respeito aos postos de trabalho ocupados anteriormente pelos entrevistados, das 28 pessoas que responderam, 22 afirmaram já ter exercido algum trabalho anteriormente. As seis ocorrências de primeiro emprego eram entre jovens e adolescentes. Do mesmo modo que as ocupações no trabalho principal, as ocupações anteriores dos entrevistados eram em sua maioria voltadas à produção e comercialização de confecções. Vale acrescentar que há casos de ex-agricultores, ex-cobreadores de ônibus e ex-domésticas trabalhando no setor dos serviços, em ocupações voltadas para a rede hoteleira, como garçons e cozinheiras.

3.2.4. Habitabilidade e infraestrutura

O município de Toritama, um dos que apresentam menor área dentre todos os municípios do estado de Pernambuco, vem passando por muitos dos problemas relacionados à habitabilidade, à falta de infraestrutura física e assistência social não só para a população natural, mas principalmente para os migrantes que têm se dirigido para o município.

Desde o surgimento da indústria do *jeans*, Toritama vem atraindo população de diversos locais do país. A chegada desses migrantes tem feito a população do município crescer rapidamente, havendo um inchaço considerável na cidade. No entanto, a infraestrutura física e social do município não vem acompanhando o mesmo ritmo de seu crescimento populacional.

Lira (2011) afirma que a questão habitacional, em Toritama tem se mostrado com sérios problemas, pelo fato de a área apresentar um terreno muito pedregoso e de difícil acesso, as residências são construídas em locais inadequados. Devido a isso, muitas famílias passam a não ter o atendimento necessário em termos de saneamento, instalação de água ou recolhimento de lixo (LIRA, 2011). Além disso, pode-se observar em Toritama um grande número de pessoas vivendo em péssimas condições, morando em habitações com um único cômodo, sem água encanada e esgotamento sanitário. São várias as famílias que dividem uma mesma habitação, sem contar que nelas ainda existe a produção de confecções.

Houve relato de casos em que o domicílio possuía apenas um cômodo, ou seja, era composto por um vão único, e neste residiam três ou mais pessoas. Em um desses casos de muitas pessoas residindo em domicílios pequenos foi observada a situação habitacional de uma migrante, ex-agricultora, que residia com mais nove pessoas em um domicílio de apenas dois cômodos. Houve casos de entrevistados que se apresentaram com uma péssima situação domiciliar. E dentre estes estão muitos migrantes.

Dentre os bairros que apresentaram pior situação de habitabilidade estão os bairros Novo Alvorecer e Fazenda Velha, onde quase não havia esgotamento sanitário adequado nos domicílios, sendo usada vala, fossa rudimentar, ou canos clandestinos que despejavam os resíduos em vias públicas ou no rio Capibaribe, um dos principais rios do estado de Pernambuco. Alguns moradores afirmaram que o abastecimento de água era feito a partir de um cano clandestino que vinha da barragem que abastece o município, indicando que a água não era tratada. E alguns entrevistados afirmaram que residiam com suas famílias em domicílios com um único cômodo. Vale salientar que muitas dessas famílias, residentes em bairros como esses, são de migrantes.

Os dados demonstraram que, dos 22 migrantes entrevistados, apenas quatro residiam no centro do município e os 18 restantes moravam em bairros da periferia de Toritama. Desses últimos, nove eram residentes do bairro Fazenda Velha e três do Novo Alvorecer, bairros onde foram observados os casos mais graves de habitabilidade. Isso indica que a questão da habitabilidade em Toritama é ruim para os migrantes, não muito para os naturais do município. A Imagem 8 abaixo é referente ao bairro Novo Alvorecer, onde pode ser visto esgoto oriundo de residências e lançado diretamente na rua. Já na Imagem 9 pode ser observado o lixo espalhado nas ruas do bairro Fazenda Velha.

Imagem 8
Bairro Novo Alvorecer



Fonte: Valtemira Mendes Vasconcelos.

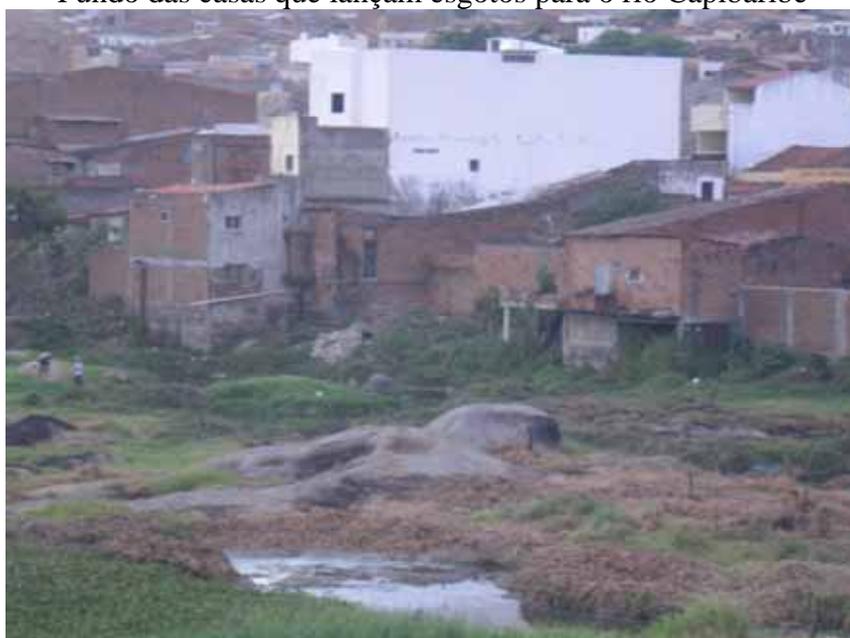
Imagem 9
Bairro Fazenda Velha



Fonte: Valtemira Mendes Vasconcelos.

A Imagem 10 mostra os fundos de habitações onde existem canos que levam os esgotos domésticos para o rio Capibaribe. Na Imagem 11 pode ser visto o esgoto oriundo de lavanderias de *jeans* sendo lançados diretamente nas margens do mesmo rio. O que demonstra a problemática ambiental no município.

Imagem 10
Fundo das casas que lançam esgotos para o rio Capibaribe



Fonte: Valtemira Mendes Vasconcelos.

Imagem 11

Esgoto de lavanderia lançado no rio Capibaribe

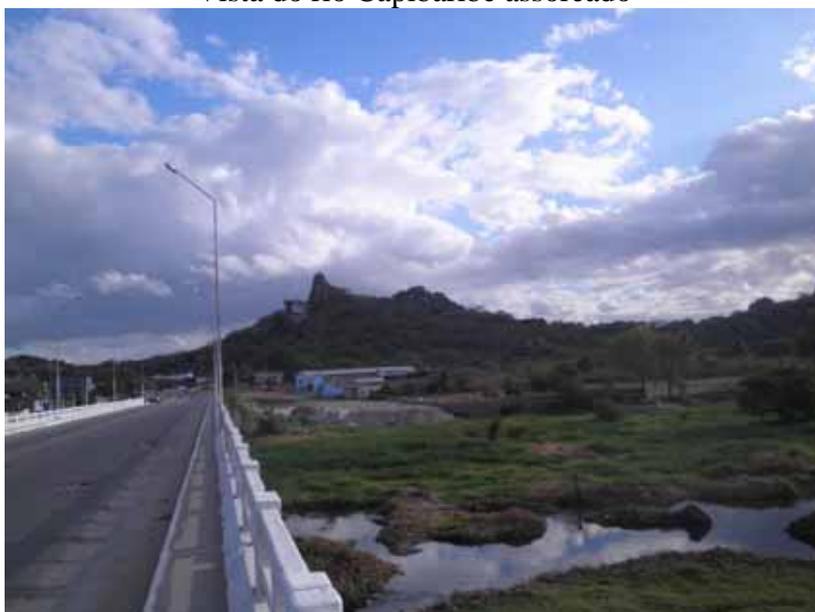


Fonte: Valtemira Mendes Vasconcelos.

As imagens 12 e 13 correspondem à situação de assoreamento e poluição do rio Capibaribe, tanto por esgoto doméstico, quanto por dejetos das lavanderias, estes que são um dos principais causadores da poluição do rio, uma vez que contêm tinta, alvejantes entre outros materiais químicos poluentes. Somado a estes problemas está a grande quantidade de lixo que é jogado nas margens do rio.

Imagem 12

Vista do rio Capibaribe assoreado



Fonte: Valtemira Mendes Vasconcelos.

Imagem 13
Rio Capibaribe poluído



Fonte: Valtemira Mendes Vasconcelos.

As tabelas e gráficos abaixo facilitaram o entendimento da situação habitacional em que vivem os migrantes entrevistados em Toritama e possibilitam uma visualização mais real da precariedade de habitação, infraestrutura física e social em que se encontram esses migrantes.

A Tabela 21 mostra que entre os não migrantes entrevistados, nenhum residia em domicílios que possuíssem apenas um cômodo ou “vão” único. Diferente dos migrantes, onde se pode ver que cinco dos entrevistados moravam em um “vão”, e dentre estes migrantes muitos residiam com toda a família neste único cômodo. Do mesmo modo observa-se entre os entrevistados que residiam em domicílios com dois cômodos, ao verificar-se que nenhum natural, e seis migrantes moravam em residências com apenas dois cômodos. Ou seja, metade dos migrantes entrevistados morava em domicílios de até dois cômodos.

Tabela 21
Distribuição relativa da população entrevistada residente em Toritama segundo status migratório por quantidade de cômodos no domicílio

Status migratório	Quantidade de cômodos no domicílio						Total
	1 Cômodo ou Vão	2 Cômodos	3 Cômodos	4 Cômodos	5 Cômodos	6 Cômodos	
Não migrantes	0%	0%	33%	33%	17%	17%	100%
Migrantes	23%	27%	27%	18%	0%	5%	100%
Total	18%	21%	29%	21%	4%	7%	100%

Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Ao fazer o cruzamento do status migratório com a variável relativa aos cômodos que serviam de dormitório, observa-se na Tabela 22 que todos os não migrantes entrevistados moravam em domicílios onde todos os moradores dormiam em quartos. O que não corresponde à realidade dos migrantes entrevistados, ao verificar-se que três desses responderam que havia residentes, em seus domicílios, que dormiam na sala. Um dado que merece destaque é o da quantidade de migrantes que dormiam em um “vão”, havendo casos dos migrantes terem que dividir o mesmo “vão”, com outros familiares, para dormir. Vale destacar que foram contabilizados como cômodos os quartos e salas, não entrando como cômodo a cozinha nem o banheiro. Mas no caso de domicílios com apenas um “vão” pôde-se observar que este servia de cozinha, quarto e sala.

Tabela 22
Distribuição relativa da população residente em Toritama segundo status migratório por cômodos que servem como dormitório

Status migratório	Cômodos			Total
	Quarto	Quarto e Sala	Vão	
Não migrantes	100%	0%	0%	100%
Migrantes	68%	14%	18%	100%
Total	75%	11%	14%	100%

Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

A situação habitacional se agravou para os migrantes quando foi observada a quantidade de moradores, entre os migrantes, residindo em um único domicílio. Dois desses entrevistados

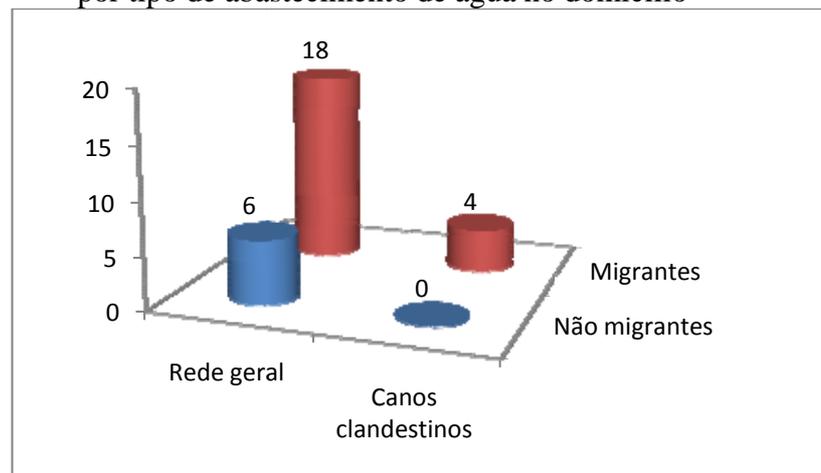
afirmaram que havia 10 pessoas morando em seus domicílios, dois responderam que tinha cinco pessoas morando na mesma residência e quatro afirmaram que residiam quatro pessoas no seu domicílio. Entre os não migrantes também ocorre situação semelhante, de muitos moradores em um mesmo domicílio. Mas entre os migrantes a problema se agravou.

Em depoimento, uma migrante afirmou que morava na casa de uma amiga com mais quatro pessoas e que dos cinco moradores do domicílio, três dormiam na sala. Um outro migrante relatou que morava em um domicílio de apenas dois cômodos que eram divididos entre 10 residentes.

No que diz respeito ao tipo de abastecimento de água entre os naturais e migrantes residentes em Toritama, pode-se verificar no Gráfico 22 a existência de migrantes não favorecidos pelo sistema geral de abastecimento de água, o que não ocorreu entre os não migrantes entrevistados. Tal fato pode ser explicado devido a grande concentração de migrantes residindo em áreas periféricas desabastecidas pelo sistema geral de água da Companhia Pernambucana de Saneamento (COMPESA). Notou-se que houve casos de migrantes que não possuíam abastecimento de água ligado à rede geral de abastecimento, o que foi diferente entre os não migrantes, uma vez que todos os naturais entrevistados possuíam abastecimento de água da COMPESA.

Gráfico 22

Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo status migratório por tipo de abastecimento de água no domicílio



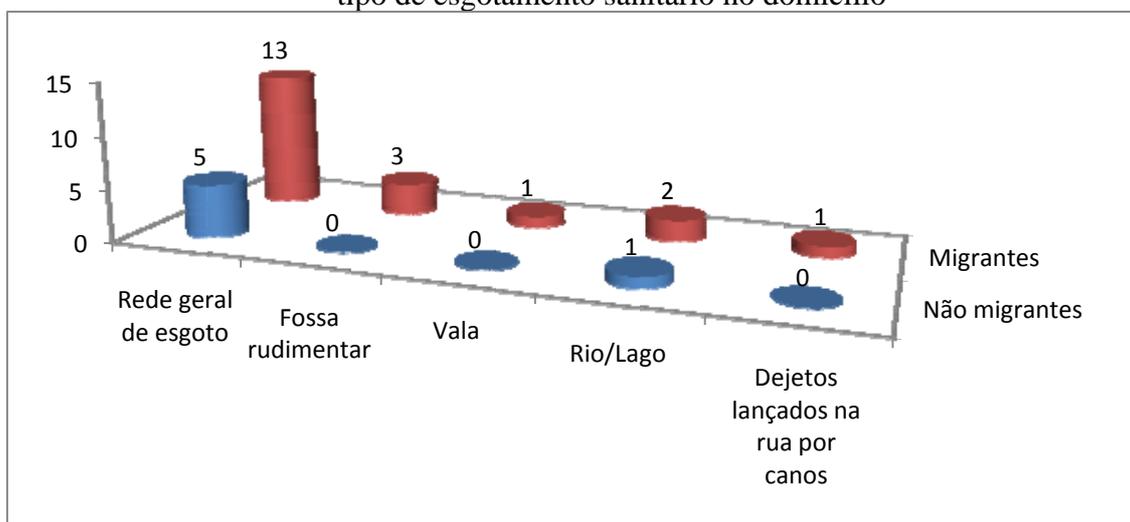
Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Quanto ao tipo de esgotamento sanitário no Gráfico 23 notou-se a presença de sete migrantes residentes em domicílios que não possuíam rede geral de esgoto. E dentre estes casos observou-se a presença de fossa rudimentar, vala e lançamento dos dejetos no rio e nas

vias públicas, a partir de canos improvisados. Dos seis não migrantes, cinco possuíam rede geral de esgoto em suas residências, o que pode ser verificado no gráfico abaixo.

Gráfico 23

Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo status migratório por tipo de esgotamento sanitário no domicílio

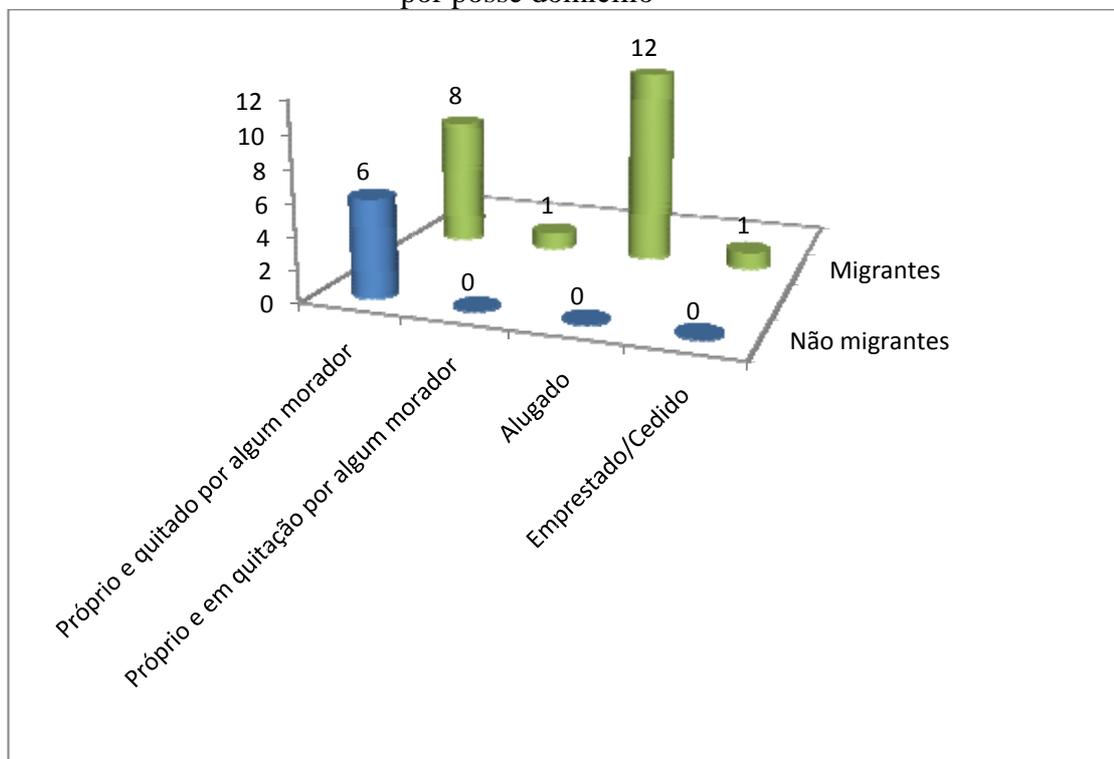


Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Dois questões que não estão relacionadas à habitabilidade, mas que ajudam na descrição das condições de vida dos migrantes entrevistados são aquelas referentes à posse do imóvel onde mora, e a que diz respeito à relação de parentesco do entrevistado com o chefe ou atual responsável pelo domicílio onde mora.

A primeira questão pode ser verificada nos dados expostos no Gráfico 24, no qual se observa uma elevada presença dos migrantes entrevistados e representados por 12 pessoas, residindo em domicílios alugados, diferentemente dos não migrantes, com nenhum caso. Houve também a presença de migrantes residindo em domicílios próprios quitados ou de propriedade de algum membro do domicílio, correspondendo a oito casos, mas estes eram em sua maioria, migrantes antigos e já adaptados ao novo local. Como se pode ver, todos os não migrantes eram proprietários com domicílio quitado ou possuíam alguma relação com o responsável pelo domicílio.

Gráfico 24
Distribuição da população entrevistada residente em Toritama segundo status migratório por posse domicílio



Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

A segunda variável em questão que diz respeito à relação de parentesco com o chefe ou responsável pelo domicílio. Nele observou-se que metade dos migrantes entrevistados era chefe ou responsável pelo domicílio, seis eram cônjuges do responsável. Ou seja, dos 22 migrantes entrevistados, 17 eram os chefes ou cônjuges dos chefes do domicílio. Mas vale destacar a presença de migrantes residindo em casa de irmãos já casados, e migrantes morando em domicílios de amigos, este, migrantes mais antigos. Estes últimos dados indicam mais uma vez a existência de uma rede familiar de amizade entre os migrantes antigos e os novos.

Diante dos dados expostos, nota-se que os problemas habitacionais e sociais em Toritama atingem muito mais os migrantes entrevistados, principalmente os recém chegados, do que os naturais do município. Nesse sentido, a região mostra sinais de que necessita de um amparo estrutural para suportar o incremento de sua população – seja por meio de investimentos em infraestrutura física e social, por parte do poder público local, seja por meio de investimentos em políticas públicas e de migração por parte dos órgãos estaduais e federais.

Um problema que vale ser destacado é o do uso dos equipamentos públicos, a exemplo de hospitais e escolas, pelos trabalhadores pendulares em Toritama. Estes, ao se deslocarem diariamente para Toritama podem muitas vezes necessitar desses serviços oferecidos para os habitantes do município. E isto, pode de certa forma causar alguns problemas como a superdemanda por vagas em hospitais e escolas, já cheias devido ao aumento no número de habitantes do município.

3.2.5 Perfil dos Pendulares

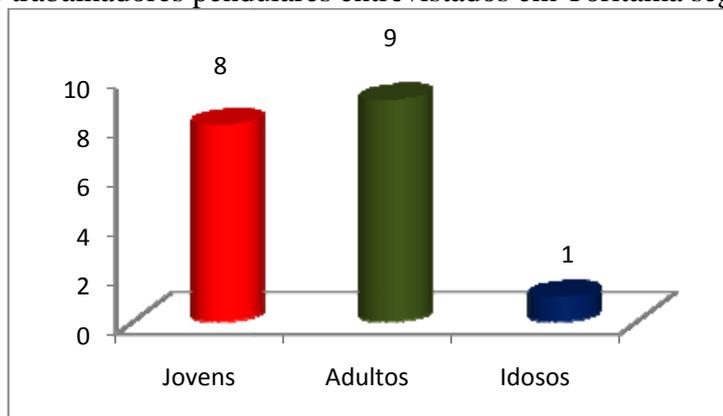
Nessa pesquisa optou-se por analisar tanto o perfil dos migrantes em Toritama, quanto os dos trabalhadores pendulares que se deslocam com regularidade para o município. Isso porque a presença de pendulares em Toritama demonstra a importância econômica que o município vem ganhando. Além disso, a entrada de grandes quantidades de migrantes e de trabalhadores pendulares pode interferir na dinâmica natural da cidade, uma vez que esse cenário tem o potencial de levar a um aumento na demanda por serviços e equipamentos básicos de infraestrutura, saúde e educação no município.

Segundo Lira (2011), pessoas podem se deslocar de outros municípios para irem trabalhar nos municípios de Toritama e Santa Cruz do Capibaribe, muitos fixando residência e outros preferindo passar a semana trabalhando e retornar aos seus lugares de origem nos fins de semana. Mas há alguns que se deslocam diariamente entre os territórios do aglomerado produtivo, construindo assim, inter-relações que vão além dos limites dos municípios onde residem ou trabalham.

Dentre os questionários aplicados em campo está o referente aos deslocamentos diários ou frequentes realizados pelos pendulares que se dirigem ao município de Toritama a fim de trabalhar ou comprar confecções para revender. Foram realizados 18 questionários entre os pendulares, onde foram contemplados nove mulheres e nove homens. Entre estes não houve uma amostra intencional. Entretanto, a faixa de idade entre os entrevistados foi adquirida a partir da intencionalidade em entrevistar mais jovens e adultos, uma vez que os indivíduos nessas faixas etárias são os que mais frequentemente se deslocam diariamente. Nesse sentido, pode ser visto no Gráfico 25 uma maior presença de adultos e jovens entre os entrevistados.

Gráfico 25

Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo faixa etária

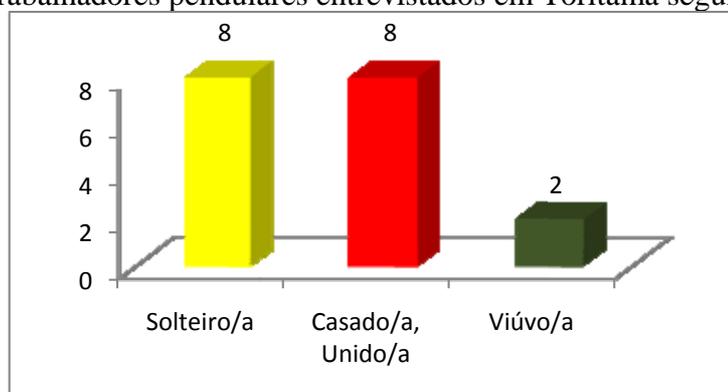


Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Com relação ao estado conjugal, verifica-se no Gráfico 26 a mesma quantidade de entrevistados solteiros e casados, ambos representados por oito casos. Quanto aos viúvos, houve a presença de apenas dois pendulares. Comparando-se os dados dos migrantes com os pendulares, observou-se uma maior presença de solteiros entre os migrantes.

Gráfico 26

Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo estado conjugal

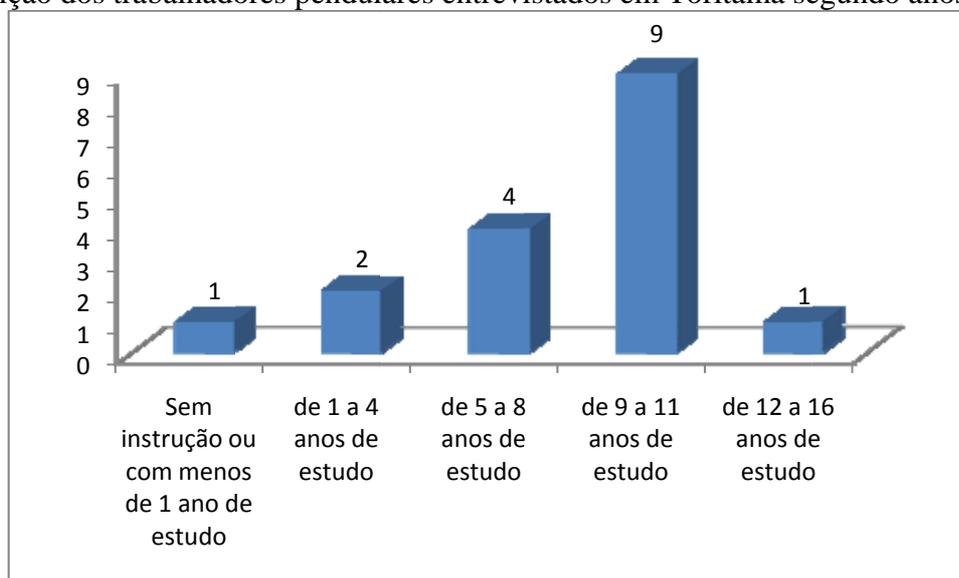


Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

No que diz respeito aos dados de educação, verificou-se que apenas um, dos 18 entrevistados não sabia ler e escrever. Pôde ser constatado que o grau de instrução foi maior entre os pendulares do que entre os residentes em Toritama, ao observar a presença de metade dos pendulares na faixa que vai de 9 a 11 anos de estudo. O que se vê no Gráfico 27 é o aumento no número de casos na medida em que vai aumentando o grau de escolaridade, com exceção do ensino superior. Dentre os 18 casos de pendulares, três afirmaram que ainda estudavam e todos esses frequentavam a escola nos municípios de residência.

Gráfico 27

Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo anos de estudo



Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Na Tabela 23, abaixo foi realizado o cruzamento entre o sexo e a grau de escolaridade. Entre os trabalhadores pendulares, como foi exposto acima, entrevistou-se nove homens e nove mulheres, mas obteve-se um caso de mulher que não soube ou não quis responder quantos anos de estudo possuía, devido a isto ela não foi contabilizada na tabela, ou seja, só estão representados os casos válidos. Na primeira faixa do grau de instrução, um entrevistado do sexo masculino não tinha instrução ou tinham menos de um ano de estudo, enquanto nenhuma mulher se encontrava nesta faixa. A situação tende a se repetir na segunda faixa, onde dois homens possuíam de 1 a 4 anos de estudo e nenhuma mulher se inseria neste caso. Na faixa de 5 a 8 anos de estudo, existiam 4 homens e nenhuma mulher. Verifica-se que a maioria das mulheres entrevistadas, em um número de sete, se encaixava na faixa que vai de 9 a 11 anos de estudo, ou seja, possuíam pelo menos o ensino médio completo ou parte dele, diferente dos homens que foram representados por dois entrevistados. Já quanto à faixa de maior grau de instrução, nota-se a ocorrência de uma mulher e nenhum homem. Os dados da tabela indicam que entre os entrevistados, as mulheres possuíam mais anos de estudo que os homens. O que pode ser observado nas pesquisas representativas no país é justamente que as mulheres tendem a possuir maior grau de escolaridade que os homens. E entre as mulheres pendulares, que se deslocam para trabalhar ou comprar confecções para revender, a escolaridade é maior que a mulheres residentes em Toritama, uma vez que estas últimas

começam a trabalhar mais cedo e têm uma jornada de trabalho geralmente maior que as trabalhadoras pendulares.

Tabela 23

Distribuição relativa dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo sexo por anos de estudo

Sexo	Anos de estudo					Total
	Sem instrução ou com menos de 1 ano de estudo	De 1 a 4 anos de estudo	De 5 a 8 anos de estudo	De 9 a 11 anos de estudo	De 12 a 16 anos de estudo	
Masculino	11%	22%	45%	22%	0%	100%
Feminino	0%	0%	0%	88%	12%	100%
Total	6%	12%	23%	53%	6%	100%

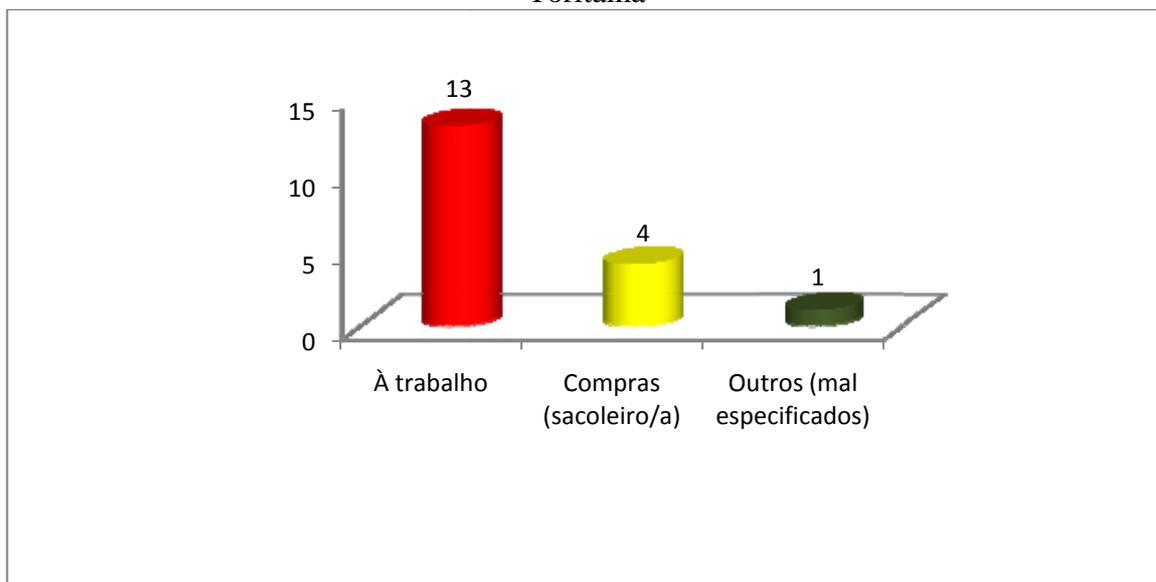
Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Um dos quesitos mais importantes no questionário aplicado entre os pendulares é o que se refere ao motivo da estadia em Toritama. E dentre as respostas dadas pelos entrevistados, a mais frequente foi com relação ao trabalho ser exercido no município de Toritama. Observa-se no Gráfico 28 que 13 dos 18 pendulares estavam no município por motivo de trabalho e quatro responderam que eram sacoleiros e se dirigiam à cidade a fim de comprar mercadoria para revender nos seus lugares de origem. Isso se deve ao fato de o município de Toritama estar, atualmente, se apresentado como um pólo de confecções que tem oferecido postos de trabalho para a população residente, entre ela os naturais e os migrantes, e para a população de municípios vizinhos que não necessariamente precisam morar em Toritama para adquirir algum trabalho. Seja ele na produção ou comércio de confecções, seja no setor dos serviços, também em crescimento no município em estudo. E, apesar de Toritama não ser uma cidade grande ou média, ela vem apresentado tipos de deslocamentos diários, a exemplo dos pendulares.

Pierre George (1993) afirma que nas cidades grandes e médias há o aparecimento da diferenciação entre os locais de trabalho e de habitação, em que cada episódio de atividade ou repouso, ou ainda de procura dos produtos de uso de consumo está separado do precedente e do seguinte por um tempo de percurso. Nesse sentido, para o autor, a repetição diária desses deslocamentos entre os diferentes locais de repartição do tempo vivido fez surgir o nome de migrações diárias, ou a partir do termo alemão *Pendelwanderungen*, “migrações pendulares”.

Gráfico 28

Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados segundo motivo da estadia em Toritama



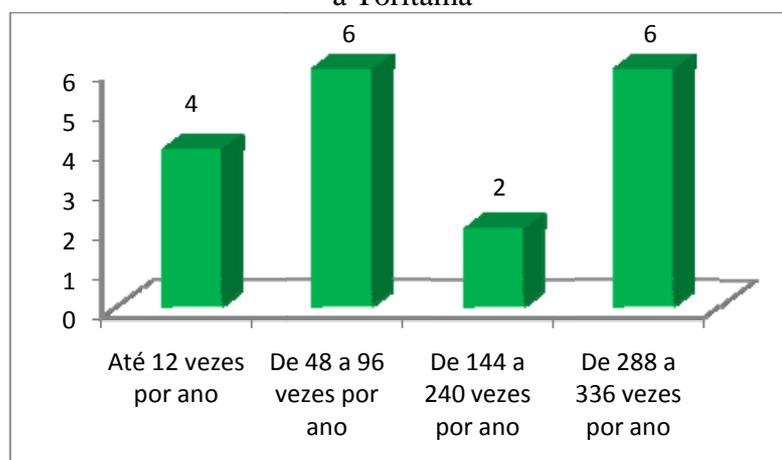
Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

A frequência do deslocamento dos pendulares para Toritama foi dada por ano, uma vez que existiam entrevistados que se dirigiam poucas vezes ao ano. A importância da contabilização desses pendulares está no fato de que alguns se deslocam à trabalho, mesmo que poucas vezes por ano. Dentre estes casos estão os motoristas de ônibus e vans de aluguel, que levam sacoleiros para o município. Os sacoleiros também entraram na contabilização pelo fato de o pólo de Toritama ser uma fonte de renda para eles.

Sendo assim, pode-se observar no Gráfico 29 que muitos dos entrevistados se deslocavam quase que diariamente. Os que realizavam o fluxo de 144 a 336 vezes eram os vendedores de confecções em lojas ou trabalhadores dos serviços, alguns motoristas de Toyota e recepcionistas de hotéis. Os que se deslocavam entre 48 e 96 vezes por ano estavam os feirantes que se dirigiam ao município nos dois dias da feira de confecções de Toritama. Os pendulares com menos frequência ao município são os sacoleiros que não necessitam ir diariamente ao pólo.

Gráfico 29

Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados segundo frequência do deslocamento à Toritama



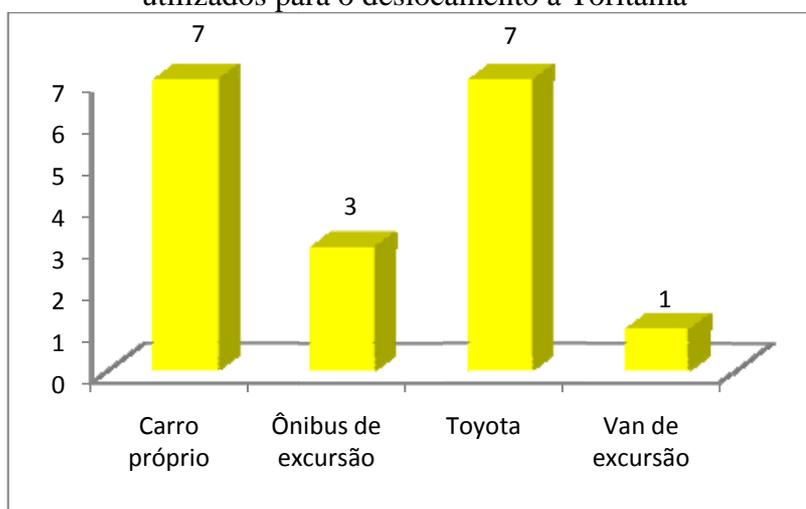
Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Um dado importante foi o relacionado ao meio de transporte mais utilizado entre os pendulares. Entre os entrevistados observou-se a utilização de carro próprio e de Toyota, representados por sete respondentes cada um. Este último meio de transporte, de acordo com relatos de entrevistados, é um dos transportes mais usados não só pelos trabalhadores pendulares, mas pelos sacoleiros e residentes em Toritama. Em depoimento, uma feirante afirmou que a Toyota era o melhor meio de transporte, uma vez que sempre necessitou carregar muitas mercadorias para vender na feira de Toritama e nenhum outro tipo de transporte leva muitas bagagens.

Pode-se ver no Gráfico 30 que existe a presença de ônibus e vans de excursão. Estes são os transportes comumente utilizados por sacoleiros que residem em municípios mais distantes de Toritama. Na pesquisa de campo notou-se a presença de muitos ônibus de outros estados, a exemplo da Bahia, Rio Grande do Norte, Minas Gerais, dentre outros.

Gráfico 30

Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados segundo meios de transporte utilizados para o deslocamento à Toritama

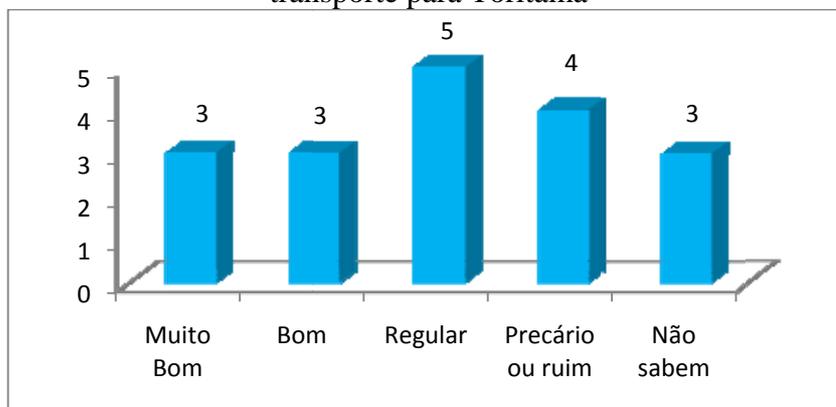


Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Vale destacar, como pode ser visto no Gráfico 31, que existem opiniões diversas, entre os pendulares, sobre o sistema de transporte para Toritama. Dos 18 entrevistados, cinco afirmaram que o sistema de transporte era regular e quatro responderam que considerava o sistema precário ou ruim. Mas destacou-se o fato de seis entrevistados considerarem os meios de transporte bom ou muito bom. Isto porque, dentre os entrevistados, houve casos, como exposto anteriormente, de sacoleiros e feirantes que necessitam desse das Toyotas como meios de transporte. E é justamente entre as Toyotas que as opiniões divergem. Dentre as opiniões que consideraram os transportes precários e ruins está um grupo de entrevistados que achavam as Toyotas perigosas e reclamaram da falta de ônibus suficientes nos dias de feira. As três pessoas que não souberam responder eram pendulares que utilizavam o carro próprio para o deslocamento. Também houve entre os entrevistados quem reclamasse do estado da estrada e dos longos engarrafamentos nos dias movimentados de feira. Na Imagem 14 abaixo pode ser visto uma Toyota carregada de bagagens dos trabalhadores pendulares, entre eles os feirantes.

Gráfico 31

Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados segundo opinião sobre o sistema de transporte para Toritama



Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Imagem 14

Toyota carregada de mercadorias



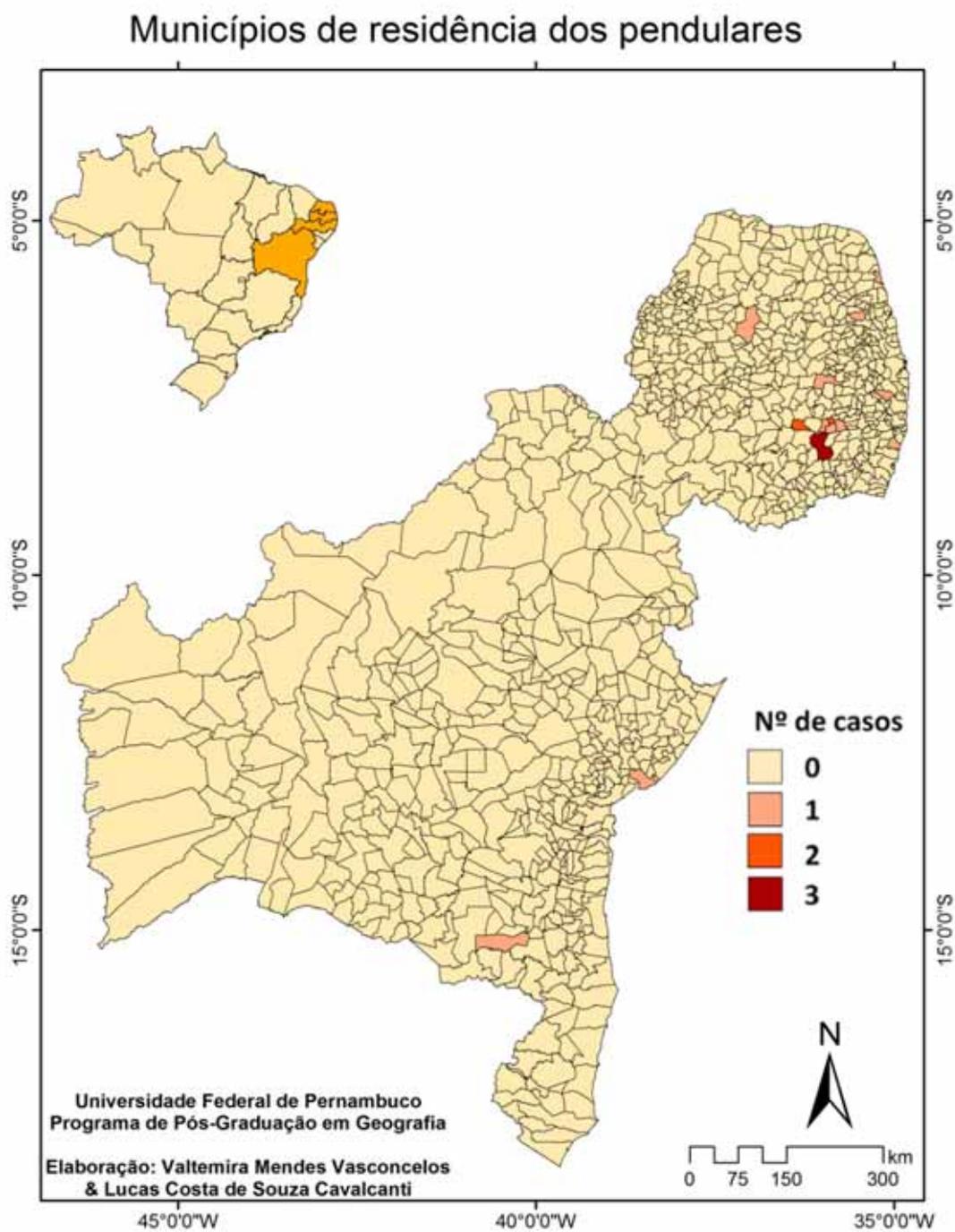
Fonte: Valtemira Mendes Vasconcelos.

O Mapa 8 indica as Unidades da Federação e os municípios de residência dos pendulares entrevistados que se deslocam para o município de Toritama. Nele pode-se ver que estão representadas as UFs de Pernambuco, como o maior número de casos, 13 entrevistados, seguida do Rio Grande do Norte, com três casos, e a Paraíba e a Bahia, ambas com apenas um caso.

Entre os municípios das UFs citadas estão os localizados nas proximidades de Toritama, representados por muitos dos casos, a exemplo de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe, Surubim e Vertentes. Outros municípios de Pernambuco foram citados como residência dos

pendulares. Mas vale acrescentar a existência de entrevistados residentes em capitais estaduais, como Salvador e Natal, além de outros municípios distantes de Toritama, a exemplo de Jaboatão dos Guararapes, na Região Metropolitana de Recife.

Mapa 8

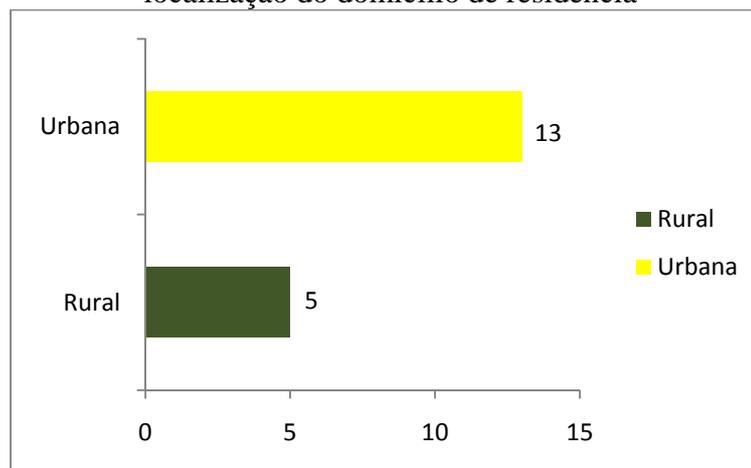


Fonte: Valtemira Mendes Vasconcelos e Lucas Cavalcanti.

Quanto à área de residência dos pendulares observa-se, no Gráfico 32, que houve uma significativa diferença entre os dados dos migrantes. A maioria dos pendulares entrevistados residia em áreas urbanas, diferentemente dos migrantes entrevistados em Toritama. Nestes observou-se uma maior presença de entrevistados anteriormente residentes de áreas rurais.

Gráfico 32

Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo área de localização do domicílio de residência



Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

3.2.6 Trabalho e renda entre os Pendulares

Nos dados referentes a quem trabalhava, entre os pendulares, viu-se que todos os entrevistados possuíam trabalho. Sendo que mais da metade, ou seja, 10 entrevistados, responderam que exerciam suas funções no município de Toritama. Dentre estes estão os trabalhadores que se deslocavam diariamente para Toritama. E os demais trabalhavam em seus municípios de residência, a maioria exercendo função de vendedores de roupas compradas no pólo de Toritama, a exemplo dos sacoleiros. Estes últimos podem ser vistos na Imagem 15 que diz respeito as sacoleiras, na rodoviária de Caruaru, com as mercadorias compradas em Toritama. Mais abaixo está a Imagem 16 onde se observa as mercadorias de sacoleiros que retornavam de Toritama e aguardavam ônibus na rodoviária de Caruaru para voltar para seus municípios de origem.

Imagem 15
Sacoleiras retornando de Toritama



Fonte: Valtemira Mendes Vasconcelos.

Imagem 16
Mercadorias de sacoleiros



Fonte: Valtemira Mendes Vasconcelos.

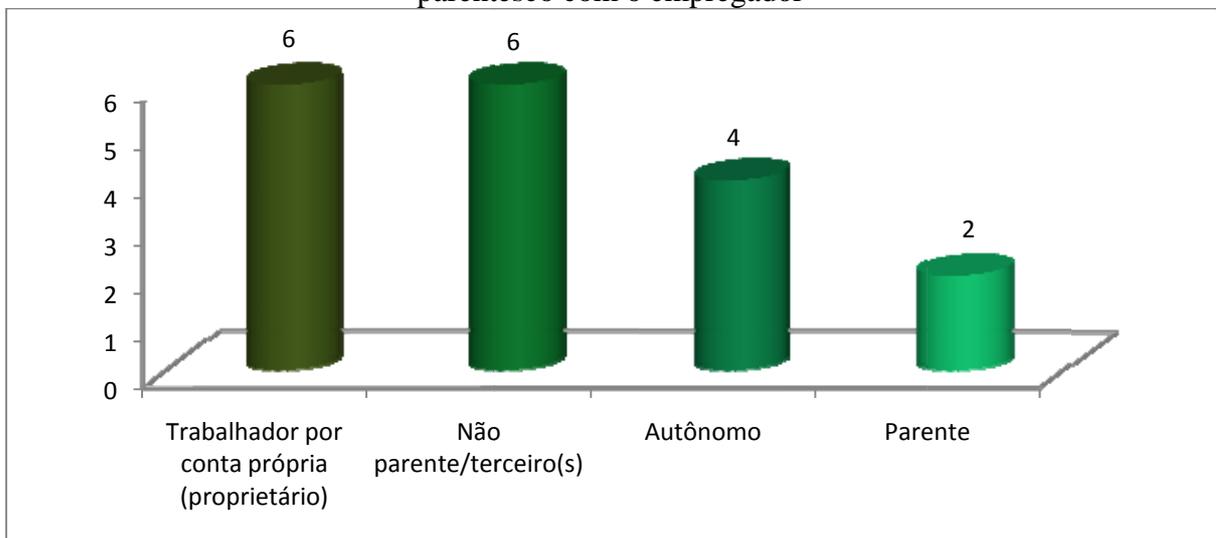
Ao serem perguntados sobre a existência de outro município de trabalho, viu-se que dois entrevistados responderam que trabalhavam em outros municípios além de Toritama. Entres estes estão os feirantes que trabalham também nas feiras de Caruaru e Santa Cruz do Capibaribe, além da feira de Toritama.

Observou-se uma diferença entre os trabalhadores pendulares e os residentes em Toritama. No Gráfico 33 observa-se entre os pendulares entrevistados uma maior presença de trabalhadores por conta própria, ou proprietários dos seus negócios, do que entre os residentes entrevistados. Isso se deve ao fato de ser mais fácil ter uma loja de confecções própria do que uma fábrica ou fabrico de confecções. Além de entre os pendulares existir certa diferença entre as ocupações nos trabalhos. Os residentes normalmente trabalham na produção de confecções e os pendulares no comércio dessa produção.

Mas vale salientar que entre os pendulares, também existiu uma significativa quantidade de entrevistados trabalhando para terceiros. Estes foram representados pelos vendedores de confecções contratados por terceiros e os recepcionistas. Entre os autônomos estavam os feirantes e os trabalhadores que exerciam suas funções para parentes foram representados pelos trabalhadores da produção de confecção, em menor quantidade entre os pendulares do que entre os residentes.

Gráfico 33

Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo grau de parentesco com o empregador



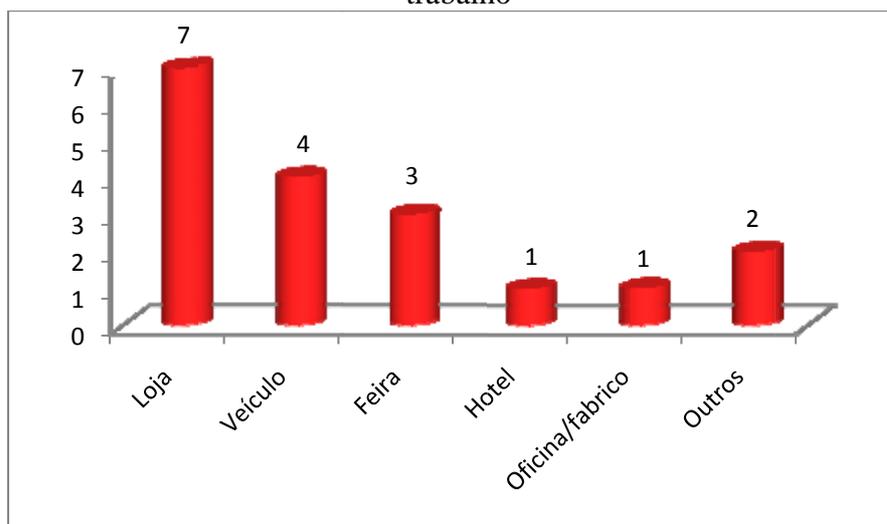
Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Com relação ao local onde é exercido o trabalho dos pendulares, nota-se no Gráfico 34 que a loja foi o local mais respondido entre os entrevistados, seguido dos veículos. Apesar dos dados não serem representativos, esse fato indica a existência de um número significativo de motoristas trabalhando em Toritama, uma vez que uma amostra de 18 entrevistados, quatro eram motoristas.

Como se pode ver, tais dados diferem de certa forma dos dados apresentados entre os residentes em Toritama. Como apresentado anteriormente, os residentes exerciam suas funções mais em locais onde havia a produção de confecções.

Gráfico 34

Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo local de trabalho

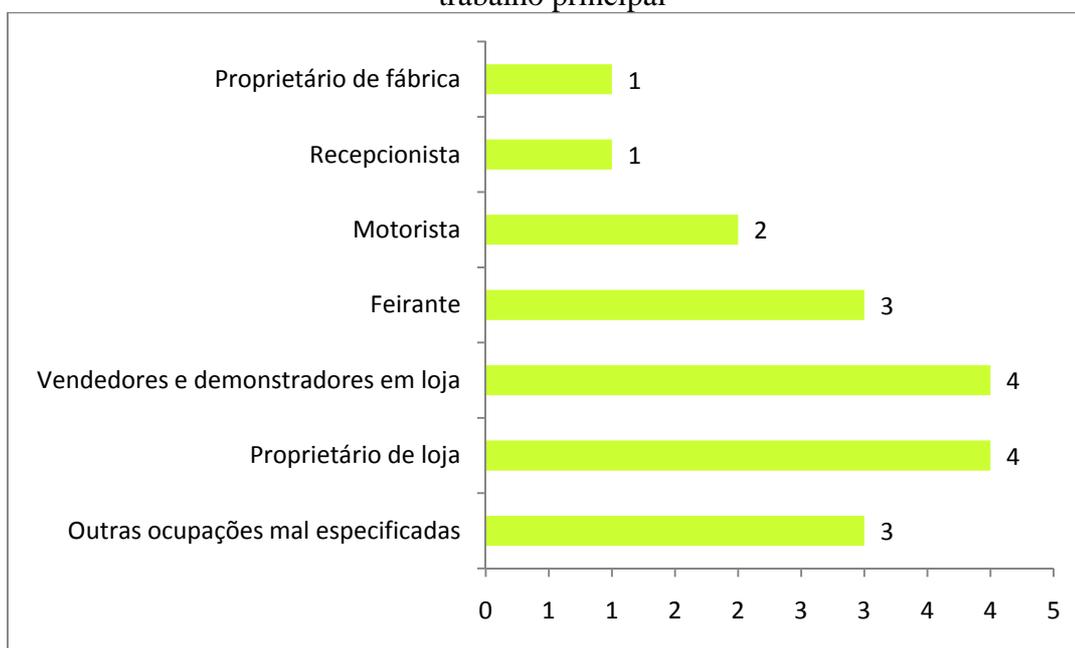


Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

As ocupações mais exercidas pelos pendulares foram os vendedores e demonstradores em loja e os proprietários de loja, ambos com quatro casos como pode ser observado no Gráfico 35. Os feirantes corresponderam a três casos, trabalhando no comércio ambulante realizado em postos móveis. Mas o que vale destacar é a pequena quantidade de pendulares exercendo ocupações voltadas para a produção de confecções. Estes tendem a exercer suas atividades em ocupações ligadas ao comércio de artigos do vestuário e serviços, uma vez que a possível perda de tempo no deslocamento comprometeria a quantidade da produção de roupas, já que na indústria de confecções se recebe por quantidade de peças produzidas. Sendo assim, seria mais lucrativo para os pendulares se tornarem migrantes indo morar em Toritama, a fim de não perder tempo no deslocamento.

Gráfico 35

Distribuição dos pendulares entrevistados em Toritama segundo ocupação exercida no trabalho principal



Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Do mesmo modo que nos questionário dos residentes, nos dos pendulares também optou-se por acrescentar a questão referente a quem possuía remuneração no trabalho principal a fim de tentar captar algum entrevistado que não possuísse remuneração, o que é comum em Toritama, não só em empresas familiares da produção de confecções como em lojas que vendem as confecções. Entretanto, de todos os entrevistados apenas um não possuía remuneração no trabalho principal, isto porque exercia sua ocupação de gerente em uma loja de parente.

Entre os pendulares existiram seis casos de entrevistados que possuíam outro trabalho remunerado que não o principal. O que também ocorreu entre os residentes, mas nestes a quantidade foi bem menor, proporcionalmente a quantidade total de entrevistados. Isso se deve ao fato de os pendulares possuírem trabalhos que exigem menor jornada de trabalho, possibilitando assim, a existência de mais de um emprego. Entre os pendulares que possuíam outros trabalhos remunerados, observou-se a presença de apenas um entrevistado com mais de dois trabalhos remunerados.

As outras ocupações exercidas pelos pendulares, com exceção das referentes ao trabalho principal, foram as de motorista, vendedores, feirantes e proprietários de loja de roupas. Observou-se a partir de depoimentos que os feirantes também possuíam lojas em suas cidades

de origem, além dos postos móveis das feiras. Entre os motoristas pode-se verificar casos de empregados e autônomos ao mesmo tempo.

Em depoimento um entrevistado relatou que exercia a função de motorista como sendo o seu trabalho principal (ou seja, àquele em que recebia mais), e de autônomo em uma pequena loja no município onde morava.

Em outro depoimento uma entrevistada afirmou que seu trabalho principal era na ocupação de feirante, pois lhe proporcionava um maior lucro que a do outro trabalho que exercia como proprietária e vendedora de roupas em uma loja.

Em mais uma entrevista, um pendular disse que era proprietário de uma fábrica de confecções em Santa Cruz do Capibaribe, onde revendia para 14 lojas, mas também era ambulante nos dias das feiras de Toritama e Santa Cruz do Capibaribe. A Imagem 17 diz respeito à feira de Toritama realizada sempre nas segundas e nas terças-feiras, local de trabalho de muitos dos pendulares que se dirigem ao município. Na Imagem 18 pode ser vista a nova etapa da feira de Toritama “A rua do *jeans*”.

Imagem 17
Feira de Toritama



Fonte: Valtemira Mendes Vasconcelos.

Imagem 18
Nova etapa da Feira de Toritama



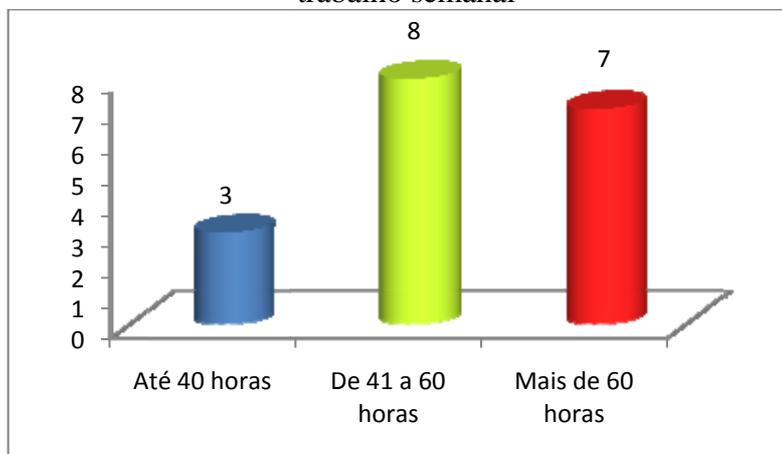
Fonte: Valtemira Mendes Vasconcelos.

Pode ser observado no Gráfico 36 que a jornada de trabalho dos pendulares se assemelhou à dos residentes, quando verifica-se que em ambos os casos houve um maior número de entrevistados na faixa de 41 a 60 horas de trabalho por semana. As outras duas faixas, a de até 40 horas trabalhadas e a de com mais de 60 horas de trabalho entre os pendulares, também se assemelharam aos dados dos residentes. Ou seja, entre os pendulares, oito entrevistados responderam que trabalhavam de 41 a 60 horas por semana, mas vale salientar que muitos casos se encontraram na faixa de maior jornada de trabalho. Indicando que entre os pendulares também há uma elevada jornada de trabalho.

Apesar de haver uma tendência de maior jornada de trabalho entre os trabalhadores da produção de confecções, do que entre os pendulares, que em sua maioria trabalham no comércio e serviços, há casos entre estes de possuírem mais de um trabalho. O que possivelmente aumentaria a jornada semanal.

Gráfico 36

Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo jornada de trabalho semanal

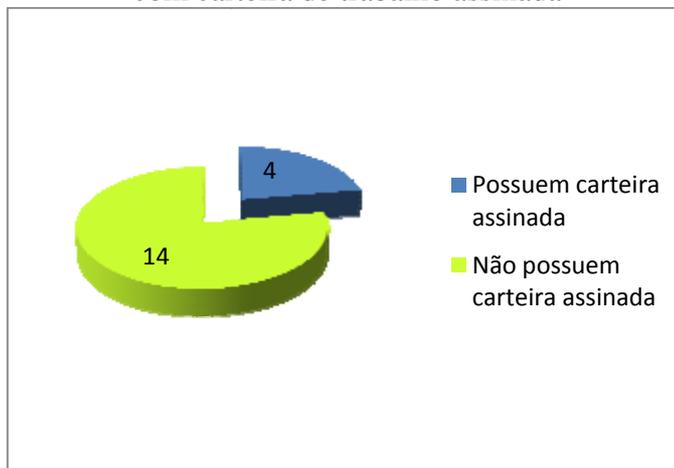


Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Apesar de entre os pendulares existirem casos de trabalhadores com carteira assinada e que contribuem ou já contribuíram com a Previdência Social, pode-se observar, nos gráficos 37 e 38, que o número de pendulares entrevistados que não tinham estes direitos foi elevado – o que também foi observado entre os residentes, havendo uma diferença no que diz respeito à contribuição com a Previdência Social. Ao observar que entre os pendulares houve um maior número de entrevistados que responderam que já haviam contribuíram com a previdência social, o que ocorreu de forma diferente entre os residentes entrevistados em Toritama.

Gráfico 37

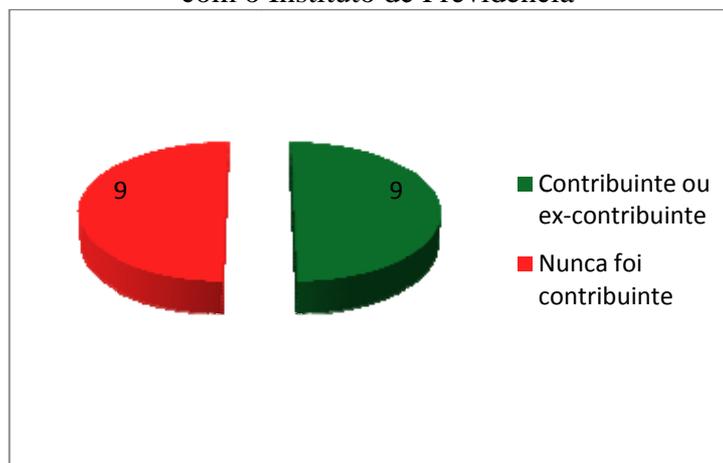
Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo trabalhador com carteira de trabalho assinada



Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Gráfico 38

Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo contribuição com o Instituto de Previdência



Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Os dados de renda para os pendulares entrevistados foram apresentados em um gráfico do rendimento total mensal nos trabalhos, assim como em duas tabelas, nas quais foram realizados cruzamentos entre a variável renda e a de sexo e escolaridade, como forma de melhor ilustrar e facilitar a visualização da situação de rentabilidade pela qual vem passando os trabalhadores pendulares em Toritama, com relação ao rendimento total nos trabalhos.

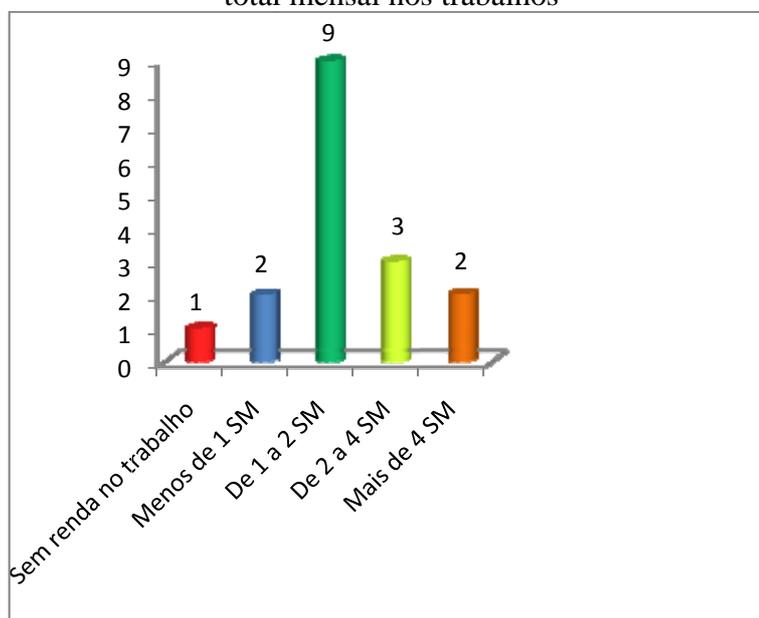
No Gráfico 39 pode ser visto que a metade dos pendulares entrevistados recebia de 1 a 2 salários mínimos. Isso porque dentre estes havia um número significativo de vendedores em loja, e estes recebiam dos empregadores um salário mínimo, o que é comum entre os trabalhadores dessa ocupação.

Entretanto, vale destacar que diferentemente do que ocorreu entre os residentes, nos pendulares houve entrevistados que não possuíam rendimento. Na faixa de renda de menos de um salário mínimo existiram apenas dois entrevistados pendulares, bem inferior ao que foi observado entre os residentes, quando se viu que 11 residentes se encontraram nessa faixa. Vale destacar que entre os pendulares foram entrevistados trabalhadores que recebiam mais de quatro salários mínimos, o que não ocorreu entre os residentes entrevistados, apesar de se saber da existência de alguns residentes, proprietários de grandes fábricas, que recebem bem mais de quatro salários mínimos, uma vez que entre os questionários aplicados não foram encontrados tais casos. Entre os pendulares, observou-se que os feirantes eram os que possuíam maior rendimento mensal, uma vez que eles, geralmente, trabalham nas feiras dos três municípios do Pólo de Confecções do Agreste, além de alguns também serem proprietários de lojas. Houve casos de feirantes que afirmaram que possuíam lucro de 4 a 5

mil reais por mês nos trabalhos. Nesse sentido, o que pôde ser observado foi a presença de um rendimento maior entre os pendulares do que entre os residentes entrevistados na amostra. Isso pode comprovar que a situação da informalidade muitas vezes é opção entre os trabalhadores não só da produção, mas também do comércio de roupas, na medida em que não conseguiriam manter seus pequenos negócios pagando encargos fiscais que não são adequados com seus lucros.

Gráfico 39

Distribuição dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo rendimento total mensal nos trabalhos



Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Ao cruzar os dados de sexo por renda observa-se, na Tabela 24, uma quantidade menor de homens entrevistados. Isso se deve ao fato de um dos homens não responder qual seu rendimento mensal. Neste caso trabalhou-se apenas com os casos válidos.

O cruzamento entre sexo e renda para os trabalhadores pendulares indicou que na faixa de sem rendimento não possuía nenhum caso entre os homens entrevistados e um caso entre as mulheres. Entretanto, deve-se considerar que neste caso, a mulher que não possuía rendimento era aposentada e trabalhava como gerente de loja para sua filha. Neste caso foi uma opção da mulher em não cobrar pelo trabalho exercido. Na faixa de renda dos entrevistados que recebiam menos de um salário mínimo, 12% era composto por homens e 11% por mulheres, mas vale salientar que em ambos os casos a porcentagem equivale a um caso para cada. Observa-se também, que tanto os homens quanto as mulheres se concentram mais na faixa de renda que vai de 1 a 2 salários mínimos. Mas, pode-se ver que entre as

mulheres entrevistadas a renda é menor que a dos homens, ao observar que das nove mulheres entrevistadas, sete recebiam até dois salários mínimos; e na faixa de renda que vai de 2 a 4 salários mínimos existem mais homens que mulheres. Apesar dos dados não serem representativos, a tabela nos descreve o que as demais pesquisas quantitativas e representativas indicam, ou seja, as mulheres recebem menos que os homens e isso não é diferente em Toritama.

Tabela 24

Distribuição relativa dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo sexo por rendimento total mensal nos trabalhos

Sexo	Renda					Total
	Sem renda no trabalho	Menos de 1 SM	De 1 a 2 SM	De 2 a 4 SM	Mais de 4 SM	
Masculino	0%	12%	51%	25%	12%	100%
Feminino	11%	11%	56%	11%	11%	100%
Total	6%	12%	53%	17%	12%	100%

Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

A tabela abaixo nos mostra uma maior concentração de casos na faixa de renda de 1 a 2 salários mínimos e estes possuíam de 9 a 11 anos de estudo. A distribuição para as demais faixas, tanto de renda quanto de escolaridade estão mais ou menos proporcionais. O que indica que a maioria dos trabalhadores pendulares entrevistados possuía um maior grau de instrução que os residentes e recebiam pelo menos um salário mínimo. Apesar de poucos casos houve entrevistados que recebiam mais de quatro salários mínimos, o que não foi verificado entre os residentes. Os dados mostram que entre os entrevistados, àqueles que possuíam de 9 a 11 anos de estudo tendem a receber mais que àqueles que possuíam o apenas o fundamental I ou o fundamental. Na pesquisa de campo, observou-se que a maioria dos pendulares já tinha concluído ou passado pelo ensino médio.

Tabela 25

Distribuição relativa dos trabalhadores pendulares entrevistados em Toritama segundo anos de estudo por rendimento total mensal nos trabalhos

Anos de estudo	Rendimento total por mês nos trabalhos				Total
	Menos de 1 SM	De 1 a 2 SM	De 2 a 4 SM	Mais de 4 SM	
Sem instrução ou com menos de 1 ano de estudo	0%	100%	0%	0%	100%
De 1 a 4 anos de estudo	0%	50%	50%	0%	100%
De 5 a 8 anos de estudo	25%	25%	25%	25%	100%
De 9 a 11 anos de estudo	13%	63%	13%	13%	100%
De 12 a 16 anos de estudo	0%	100%	0%	0%	100%
Total	13%	56%	19%	13%	100%

Fonte: Pesquisa qualitativa realizada em campo. 2011.

Ao serem interrogados a respeito da existência de algum outro tipo de renda que não nos trabalhos, a exemplo de aposentadoria, bolsa família, entre outras rendas, verificou-se que apenas dois pendulares recebiam outro tipo de renda, e ambos recebiam aposentadoria.

Com relação aos trabalhos e ocupações anteriores, observou-se que dos 18 entrevistados, 14 já tinham trabalhado anteriormente e apenas quatro nunca tinham trabalhado. Entre estes houve casos de jovens que estavam no primeiro emprego, mas também de mulheres que só depois de adultas foram trabalhar.

Dentre as ocupações anteriormente exercidas pelos pendulares se encontraram a de vendedor, de agricultor, representada por três casos, algumas voltadas para a produção de confecções, e em menor número, taxista, professor, entre outras. Tais dados indicam que o município de Toritama vem atraindo trabalhadores pendulares que, não necessariamente exerciam ocupação na produção ou venda de confecções. Do mesmo modo ocorre com os migrantes residentes em Toritama, quando verifica-se a existência de pessoas que nunca haviam trabalhado na produção e venda de confecções.

A partir dos dados expostos pode-se observar que o perfil do trabalhador pendular se apresentou em algumas situações, mais favorável do que as dos migrantes residentes em Toritama, quando nota-se que entre estes há certa dificuldade no processo de adequação e

inserção no lugar de origem. Somados a este fato estão os possíveis custos com a moradia que levam o migrante a trabalhar mais para ganhar mais e assim, compensar seu deslocamento definitivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho, procurou-se identificar as características sócio-econômicas e demográficas do município de Toritama, dando ênfase aos aspectos de migração, pendularidade, trabalho e habitabilidade. Para tanto, primeiramente buscou-se definir as categorias de espaço, habitat geográfico, território, migração, pendularidade, trabalho, redes sociais na migração e habitabilidade, uma vez que estas são de grande relevância para o entendimento do quadro econômico e demográfico ao qual vem passando o município de Toritama.

O município de Toritama tem se apresentado, nos últimos anos, com outra função territorial que a da época do sistema rural de gado-algodão-policultura que ruiu em fins de 1960 e 1970. Atualmente, a função territorial do município está atrelada à indústria de confecções de roupas que tem mudado consideravelmente sua dinâmica migratória. A indústria de confecções fez com que Toritama deixasse de ser um território expulsor de população e se tornasse um município de atração de um grande contingente de migrantes advindos de várias localidades do país. Habitat geográfico este, que anteriormente era tipicamente rural e hoje se tornou um grande pólo produtor e exportador de roupas, podendo ser considerado uma das três principais áreas dinâmicas do estado de Pernambuco, juntamente com o pólo fruticultor de Petrolina e o pólo de Suape no litoral sul do estado.

Como já foi visto, o entendimento do espaço geográfico e do território de uma cidade, pode proporcionar um apanhado histórico das suas funções desempenhadas ao longo do tempo. O espaço pode ser o campo de ações de um grupo ligado ao processo de reprodução da força de trabalho através do consumo, tornando-se assim, um local de relações sociais de produção (CORRÊA, 2007). Ou melhor, um território de relações sociais de “poder” entre indivíduos e entre estes e o meio em que vivem.

Foi justamente, a mudança da função rural de Toritama para uma função industrial que fez com que o município se tornasse um dos mais importantes pólos de atração de migrantes. Como afirma Singer (1980), as migrações internas são sempre historicamente condicionadas, sendo assim, se faz necessário encontrar os limites da configuração histórica que dão sentido ao fluxo migratório.

Nesse sentido, os usos que a economia moderna faz do espaço tem seus efeitos sobre a distribuição da população e conseqüentemente sobre as tendências da mobilidade espacial da

população, a exemplo do efeito atrativo e repulsivo (GEORGE, 1993). E esses efeitos são vistos não apenas no grande número de migrantes que tem entrado no município de Toritama para trabalhar na indústria de confecções, mas também na quantidade de trabalhadores pendulares, de municípios vizinhos, que vêem o atual pólo de Toritama como uma oportunidade de trabalho e ganhos financeiros. Os migrantes atraídos pelo trabalho nas fábricas, fabricos ou facções e os pendulares atraídos pelo trabalho no comércio e serviços.

As redes sociais de migração tem contribuído, de certa maneira, para a decisão de muitos trabalhadores migrarem e constituírem residência em Toritama. São muitos os migrantes que possuem laços familiares e de amizade no município, o que facilita os custos com deslocamento, hospedagens e principalmente com a indicação de trabalho. Essas redes de informações e ajuda torna mais fácil a adaptação do migrante ao novo local, como demonstrou os argumentos de Fusco e Vasconcelos (2010).

Em todo caso, o que vale ser ressaltado é que o pólo de Toritama tem conseguido oferecer ocupação para sua população, e encerrou o processo emigratório característico da época do declínio do sistema gado-algodão-policultura. Atualmente o município está conseguindo reter seus habitantes, além de atrair mão-de-obra migrante e pendular.

Um dado que merece ser ressaltado é que dentre os migrantes e pendulares, muitos são de áreas rurais, localizadas em municípios que oferecem pouca oportunidade de trabalho não só para a população rural, como também para a população urbana. Tal fato pôde ser constatado a partir dos depoimentos dos entrevistados.

Entretanto, os postos de trabalho oferecidos pela indústria de confecções de Toritama são na grande maioria informais e dispõem de péssimas condições de trabalho, principalmente na produção de confecções. Os trabalhadores são mal remunerados, possuem jornada de trabalho elevada e somado a isso exercem suas funções em ambientes pequenos, mal iluminados, muitas vezes sem ventilação e sem assentos adequados para realizarem suas tarefas.

Nesse sentido, o mercado de trabalho em Toritama não apresenta problemas de geração de emprego, as dificuldades estão ligadas à qualidade do emprego, em particular no que se refere à falta de proteção social para o trabalhador como demonstrou Gomes, Campos, Vasconcelos e Moura (2010).

Os dados do censo de 2000 e os dados preliminares do censo 2010, assim como da amostra qualitativa, trazem subsídios complementares para a caracterização dos fenômenos de atração de migrantes e pendulares, como também de aspectos econômicos do município. Tais dados revelaram a existência de grande atração de população de outros municípios e estados

para trabalharem na indústria e no comércio de confecções, o que tem provocado problemas de infraestrutura física e social no município.

Demonstraram, também, a presença de relações de trabalho ainda bastante precárias, assim como de índices de qualidade de vida baixos. Entretanto, não se pode deixar de concordar que, apesar desses indicadores, há um acelerado processo de crescimento econômico que se traduz para a oferta de trabalho, para a população local e para migrantes, mesmo que esta seja na maioria dos casos informais.

O fato é que Toritama vem despontando como um dos municípios do interior do Agreste que mais tem crescido nos últimos anos, mesmo que este crescimento não seja traduzido em desenvolvimento local sustentável, por inúmeros fatores relacionados ao não pagamento de tributos e a informalidade, levando ao abandono, tanto de investimentos econômicos e quanto de infraestrutura básica, por parte do poder político local.

Com os dados primários e secundários levantados e analisados, acreditou-se ter conseguido realizar uma primeira comparação entre eles, possibilitando a comprovação da hipótese de que os migrantes constituem, sim, proporção importante da força de trabalho de Toritama. E as causas para a saída dessa população do local de origem é sem dúvida a escassez de postos de trabalho nos municípios de origem, assim como a demanda oferecida pela indústria de confecções de Toritama. E devido à entrada de grandes levas de migrantes para o município, se fazem necessários investimentos na infraestrutura física da área, tanto quanto na infraestrutura social da população.

REFERÊNCIAS

- AMIN, Ash. Política Regional em uma Economia Global. In: DINIZ, Clélio Campolina (org.). **Políticas de Desenvolvimento Regional: desafios e perspectivas à luz das experiências da União Européia e do Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.
- ANDRADE, Manuel C. de. **A Pecuária no Agreste Pernambucano**. Recife: Catedra de Geografia Econômica, 1961.
- ANDRADE, Manuel C. de. **Geografia Econômica do Nordeste: o espaço e a economia nordestina**. São Paulo: Atlas, 1970.
- ANDRADE, Manuel C. de. **Cidade e Campo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1974.
- ANDRADE, Manuel C. de, FRANCO, Gisélia. **Dinâmica das Microrregiões de Intensa Atividade Migratória**. Recife: SUDENE, 1980.
- ANTUNES, Ricardo, SILVA, Maria A. M. **O Averso do Trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004. p. 7-12.
- ARAÚJO, Tânia Bacelar de. Nordeste/Nordestes: que Nordeste?. In: _____. **Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro: heranças e urgências**. Rio de Janeiro: Revan, 2000. parte II, p.170-194. cap.3
- _____. Desafios de uma Política Nacional de Desenvolvimento Regional Contemporânea. In: DINIZ, Clélio Campolina (org.). **Políticas de Desenvolvimento Regional: desafios e perspectivas à luz das experiências da União Européia e do Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.
- AYOADE, J. O. O Clima e o Homem. In: _____. **Introdução à Climatologia para os Trópicos**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 286-317. cap. 13.
- BARROS, Nilson Cortez Crocia de. Especiação na Antropogeografia de Frederico Ratzel. **Revista de Geografia**, Recife, v. 24. 2007. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/revistageografia/index.php/revista/article/view/107/62>>. Acesso em: Novembro de 2011.
- BAUER, Martin W. & AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio alternativo para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W. & Gaskell, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- BECKER, Olga M. S. Mobilidade Espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. In: CASTRO, Iná E. de, GOMES, Paulo Cesar da C., CORRÊA, Roberto L. **Explorações Geográficas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 319-367. cap. 9.

BRANDÃO, Carlos Antonio. Teoria, Estratégias e Políticas Regionais e Urbanas Recentes: anotações para uma agenda do desenvolvimento territorializado. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 107, p.57-76, jul./dez. 2004.

CAMPOS, Luis Henrique Romani de (Org.). O Pólo de Confeccões de Toritama: análise das relações de trabalho e da informalidade. **Relatório técnico**. Recife: FUNDAJ, 2008.

CAPEL, Horacio. El Positivismo y La Geografia. In. _____. **Filosofía y Ciencia en La Geografía Contemporánea**. Barcelona: Barcanova, 1981, p. 267-311. cap. 10.

CARVALHO, José Alberto Magno de; RIGOTTI, José Irineu Rangel. Os dados censitários Brasileiros sobre Migrações Internas: algumas sugestões para análise. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÕES, 1., 1997, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Abep, 1997. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/PDF/1998/a136.pdf>>. PDF. Acesso em: Agosto de 2007.

CARVALHO, Marcos Bernardino de. Dimensão Antropogeográfica dos Movimentos Migratórios. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. São Paulo. v. 5, n. 94, agosto. 2001. Disponível em: < <http://www.ub.edu/geocrit/sn-94-5.htm>>. Acesso em: Novembro de 2011.

CARVANO, Luiz M.; JANNUZZI, Paulo de M.; MARTIGNONI, Enrico Moreira. Força de trabalho de desemprego na Região Metropolitana do Rio de Janeiro nos anos 1990: o efeito dos fatores demográficos. **Revista Brasileira de Estudos de População**. São Paulo, v.23, n. 2, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/cgi-bin/fbpe/fbtext?pid=S0102-30982006000200006>>. Acesso em: Agosto de 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 617p.

COHEN, Simone Cynamon, BODSTEIN, Regina, KLIGERMAN, Débora Cynamon, MARCONDES, Willer Baumgarten. Habitação saudável e ambientes favoráveis à saúde como estratégia de promoção da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 10, n. 12(1), p. 191-198, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v12n1/18.pdf>>. Acesso em: Dezembro de 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO. Iná Elias de, GOMES, Paulo Cesar da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 15-47. cap. 1.

CUNHA, José Marcos Pinto. Redistribuição Espacial da População: tendências e trajetórias. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 17, n.3-4, p. 218-233, 2003.

CUNHA, José Marcos Pinto. Dinâmica migratória e o processo de ocupação do centro Oeste brasileiro: o caso de Mato Grosso. **Revista Brasileira de Estudos de População**. São Paulo, v. 23, n. 1, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010230982006000100006&script=sci_arttext&tlng=p> Acesso em: Agosto de 2007.

DARWIN, Charles. Distribuição Geográfica. In. _____. **A Origem das Espécies e a Seleção Natural**. São Paulo: Madras. 2011, p. 335-379. cap. 12, 13.

DUARTE, Renato Santos; WILSON, Fusco. Migração e emprego precário em dois contextos distintos: São Paulo e Toritama. **Cad. CRH [online]**, Salvador, vol.21, n.53, p. 335-345, 2008. Disponível em: < <http://www.google.com.br/#hl=pt-BR&source=hp&biw=1020&bih=581&q=Migra%C3%A7%C3%A3o+e+Emprego+Prec%C3%A1rio+na+Atividade+de+Confec%C3%A7%C3%B5es&btnG=Pesquisa+Google&aq=f&aqi=&aql=&oq=&fp=1> >. Acesso em: Dezembro de 2010.

FADE/UFPE. **Estudo de Caracterização Econômica do Pólo de Confeções do Agreste Pernambucano**. Recife: SEBRAE, maio de 2003. (Relatório técnico).

FAZITO, Dimitre. A Análise de Redes Sociais (ARS) e a Migração: mito e realidade. In: XIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS. 2002, Ouro Preto, **Anais**. Curitiba: ABEP, novembro de 2002. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MIG_ST1Fazito_texto.pdf>. Acesso em: Abril de 2008.

FUSCO, W. . Redes Sociais na Migração Internacional: o caso de Governador Valadares. **Textos NEPO** (UNICAMP), Campinas - SP, v. 40, p. 1-96, 2002.

FUSCO, W. . Capital Social e Dinâmica Migratória: um estudo sobre brasileiros nos Estados Unidos. **Textos NEPO** (UNICAMP), v. 52, p. 1-83, 2007.

FUSCO, Wilson. Migração e Redes Sociais: a distribuição de brasileiros em outros países e suas estratégias de entrada e permanência. In: I Conferência Brasileiros no Mundo. Brasília, 2009. 464p.

FUSCO, Wilson, VASCONCELOS, V. M. Migrantes e Costureiros: trabalhadores do setor de confeções em Toritama-PE. **Cadernos de Estudos Sociais**, Recife, v. 25, n. 1, p. 43-60. 2010.

GEIGER, Pedro Pinchas. Geografia e Planejamento. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 3, ano 29, 1967.

GEORGE, Pierre. **O Homem na Terra**. Rio de Janeiro: Universo da Ciência/Edições 70, 1993. 184 p.

GOMES, Sueli de Castro. Uma inserção dos migrantes nordestinos em São Paulo: o comércio de retalhos. **Imaginário**, INIME – LABI, São Paulo, v.12, n.13, p. 143-169, dez. 2006. Disponível em: <http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?pid=S1413-666X2006000200007&script=sci_arttext >. Acesso em: Setembro de 2007.

GREMAUD, Amaury Patrick. **Economia brasileira contemporânea**. GREMAUD, Amaury Patrick, VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de, TONETO JÚNIOR, Rudinei. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2004, p 50-77. cap. 2 , 3.

GRINT, Keith. **Sociologia do Trabalho**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998. 460 p.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 395 p.

HARVEY, David. **Produção Capitalista do Espaço**. São Paulo: Annablume /FAPESP, 2001.251 p.

HARVEY, David. A transformação político-econômica do capitalismo do final do século XX. In: _____. **Condição Pós-Moderna**. 15. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 115-177. cap. 2.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mapa do Mercado de Trabalho no Brasil 1992-1997**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/mapa_mercado_trabalho/notastecnicas.shtm>. Acesso em: 11 de fevereiro 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2000 - Resultados da amostra**.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010 - Resultado do universo**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 6 de janeiro de 2010.

JINKINGS, Isabella e AMORIM, Elaine R. A. Produção e desregulamentação na indústria têxtil e de confecção. In: ANTUNES, Ricardo. **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006. Parte II, p. 337-385. cap. 17.

LEE, Everett. Uma teoria sobre as migrações. In: MOURA, Hélio A. de. **Migração Interna: textos selecionados**. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980. tomo 1, p. 89-114. cap. 2.

LIPIETZ, A. e LEBORGNE, D. O pós-fordismo e seu espaço. In: **Revista Espaço e Debates**, n. 25, São Paulo, Ano VIII, 1988. Disponível em: http://lipietz.net/ALPC/REG/REG_1987h-po.pdf. Acesso em: 15 de março de 2012.

LIRA, Sonia Maria de. Os Aglomerados de Micro e Pequenas Indústrias de Confecções do Agreste/PE: um espaço construído na luta pela sobrevivência. **Revista de Geografia**. Recife, v. 23, n. 1, 2006. Disponível em: www.ufpe.br/revistageografia/index.php/revista/.../65 > Acesso em: Fevereiro de 2011.

LIRA, Sônia Maria de. **Muito além das Feiras da Sulanca: a produção de confecção no Agreste pernambucano**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011. 277 p.

LYRA, Maria Rejane Souza de Britto. Sulanca X Muamba: rede social que alimenta a migração de retorno. In: SEMINÁRIO QUANTOS SOMOS E QUEM SOMOS NO NORDESTE, 2004, Recife: **Anais...**, 2004. p.64-73. Disponível em: <http://www.fgf.org.br/centrodedocumentacao/publicacoes/qsqsne/06_MariaRejaneLyra>. PDF. Acesso em: Novembro de 2007.

MARTINE, George; CAMARGO, Lício. Crescimento e Distribuição da População Brasileira: Tendências Recentes. **Revista Brasileira de Estudos de População**. v. 01, n. 01, pp. 99-144, janeiro-abril, 1984. Disponível em : <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol1_1984/1984v1_3artigo_p99_144.pdf>. Acesso em: 15 de março de 2012.

MATOS, Ralfo. Questões teóricas acerca dos processos de concentração e desconcentração da população no espaço. **Revista Brasileira de Estudos de População**. São Paulo, v.12, jan./jun. 1995. PDF.

MELO, M. L. de. **Problematização e Emigração nas Regiões Canavieiras e Agrestina de Pernambuco**. Recife: UFPE, 1976.

MELO, M. L. de. **Regionalização Agrária do Nordeste**. Recife: SUDENE, 1978.

MELO, M. L. de. **Os Agrestes: estudo dos espaços nordestinos do sistema gado-policultura de uso de recursos**. Recife: SUDENE, 1980.

MENEZES, Maria Lucia Pires. A Crise do Estado do Bem Estar e a Caracterização de Processos Territoriais da Migração no Brasil. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Barcelona, n. 94, agosto de 2001. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn-94-85.htm>>. Acesso em : Março de 2008.

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA. Diagnóstico do Município de Toritama. Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por água Subterrânea do Estado de Pernambuco. **Relatório Técnico**. Recife: 2005. Disponível em: <<http://www.cprm.gov.br/rehi/atlas/pernambuco/relatorios/TORI162.pdf>>. Acesso em: 11 de julho de 2011.

MOURA, Helio. “Novas Tendências Migratórias e Repercussões Sociais no Nordeste Brasileiro”. In: BURITY, Joanildo; CAVALCANTI, Helenilda (orgs.). **Seminário Internacional Polifonia da Miséria**. Recife: Massangana, 2002. parte III, p. 216-225. cap. 2.

MOURA, Rosa, BRANCO, Maria Luisa G. C., FIRKOWSKI, Olga Lúcia C. Movimento Pendular e Perspectivas de Pesquisas em Aglomerados Urbanos. **São Paulo em Perspectiva**. vol. 19 , n. 4, 2005. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392005000400008&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: Agosto de 2007.

NETTO JÚNIOR, José Luís da Silva. Fluxos migratórios e dispersão das rendas per capita estaduais; uma análise por dados em painel no período de 1950-2000. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 34, n. 3, p. 379-404, jul./set., 2003. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/scholar>>. Acesso em: Agosto de 2007.

NORONHA, Eduardo G.,TURCHI, Lenita. Política Industrial e Ambiente Institucional na Análise de Arranjos Produtivos Locais. **Relatório de Pesquisa**. Ipea/Sebrae/MIT. Brasília, 2005. PDF.

NORONHA, Eduardo G.; TURCHI, Lenita. **Memórias do (Sub)Desenvolvimento: O pulo do gato da pequena indústria precária**. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v. 19, n.1, jun. São Paul, 2007. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010320702007000100013&lng=en&nrm=iso&tlng=PT > Acesso em: Janeiro de 2011.

OJIMA, Ricardo. A Mobilidade Pendular na Definição das Cidades-Dormitório: caracterização sociodemográfica e novas territorialidades no contexto da urbanização

brasileira. OJIMA, Ricardo (coord.); SILVA, Robson Bonifácio da; PEREIRA, Rafael H. de Moraes. **Relatório de Pesquisa**. NEPO/Unicamp. Campinas, 2007. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/5EncNacSobreMigracao/comunicacao_1_mob_pen_def.pdf> PDF. Acesso em: Fevereiro de 2008.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. Dos Movimentos Migratórios Populacionais a Pendularidade: uma revisão do fenômeno migratório no Brasil. In: XV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 2006, Caxambú, **Anais... Caxambu: Abep**, 18-22 de Setembro de 2006. 17 p. Disponível em: <<http://www.abep.org.br>>. Acesso em: Fevereiro de 2008.

OLIVEIRA, Ivanilton Passos de Oliveira. **Indústria informal de confecções e mercado de trabalho: um estudo sobre a Grande Natal (1997-2003)**. Natal: Departamento de Geografia/ UFRN, 2004, 209 p. (Dissertação de Mestrado).

OLIVEIRA, Kleber F. de, JANNUZZI, Paulo de M. Motivos para migração no Brasil: padrões etários, por sexo e origem/destino. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 2004, Caxambú, **Anais... Caxambu: Abep**, 20- 24 de Setembro de 2004. Disponível em: < http://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=OLIVEIRA++JANNUZZI+Motivos+para+migra%C3%A7%C3%A3o+no+Brasil%3A+padr%C3%B5es+et%C3%A1rios%2C+por+sexo+e+origem%2Fdestino+2004&lr=&as_vis=0>. Acesso em: Novembro de 2011.

PATARRA, N. L. Tendências e modalidades recentes das migrações internas e da distribuição populacional no Brasil: um olhar para o Nordeste. In: **Seminário Quantos Somos e Quem somos no Nordeste**, 2003, Recife, 2003.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993. 269 p.

RAVENSTEIN. E.G. As Leis da Migração. In: MOURA, Hélio A. de. **Migração Interna: textos selecionados**. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980. tomo 1, p. 19-88. cap. 1.

RIGOTTI, José Irineu Rangel. Geografia dos fluxos populacionais segundo níveis de escolaridade dos migrantes. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol.20, n. 57, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142006000200018&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: Agosto de 2007.

ROCHA, Roberta de Moraes. Um Estudo de Caso do Arranjo Produtivo de Confecção do Agreste Pernambucano. ROCHA, Roberta de Moraes. SILVA JR., Luiz Honorato da; VIANA, Julio Cesar. **Apresentação Oral – Desenvolvimento Rural, Territorial e Regional – UFPE – CAA, Caruaru, 2005**. Disponível em: < <http://www.sober.org.br/palestra/15/281.pdf>>. Acesso em: Janeiro de 2011.

ROXO, Stélio Emanuel de Alencar. Infra-estrutura. LOPES, Ney; LOPES, Stella Prata da Silva (orgs.). In: **O Homem e a Cidade**. Simpósio sobre política urbana. Brasília: Fundação Milton Campos. Brasília, 1975, vol.2. p. 233-245.

SANTOS, Milton. **Pobreza Urbana**. São Paulo, Recife: Hucitec, 1978.119 p.

SANTOS, Milton. **Manual de Geografia Urbana**. São Paulo: Hucitec, 1981. 203 p.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. 386 p.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional**. 5. Ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SEBRAE. Estudo de caracterização econômica do Pólo de confecções do agreste Pernambucano. **Relatório técnico**. SEBRAE/PE, 2003.

SINGER, Paul. Migrações Internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: MOURA, Hélio A. de. **Migração Interna: textos selecionados**. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980. tomo 1, p. 211-244. cap. 6.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO. Iná Elias de, GOMES, Paulo Cesar da Costa, Roberto Lobato Corrêa. **Geografia: conceitos e temas**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 77-116. cap. 3.

SPÓSITO, Eliseu S. **A Vida nas Cidades**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2009. 90 p.

SUAREZ, Maria Teresa Sales de Melo. **Cassacos e Corumbas**. São Paulo: Ática, 1977. 144p.

TREWARTHA, Glenn Thomas. **Geografia da População: padrão mundial**. São Paulo: Atlas, 1974. 222 p.

VASAPOLLO, Luciano. O Trabalho atípico e a Precariedade: elemento estratégico determinante do capital no paradigma pós-fordista. In. ANTUNES, Ricardo. **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006. Parte I, p. 45-57. cap. 3.

VIEITES, R. G., FREITAS, I. A. A Influência de Maximilien Sorre e Vidal de La Blache na Geografia Médica de Josué de Castro. **Scientia Plena**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 6, 2009. Disponível em: <<http://www.scientiaplena.org.br/ojs/index.php/sp/article/view/633>>. Acesso em: Dezembro de 2011.

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO 1

CONFIDENCIAL: Os dados solicitados neste questionário serão utilizados exclusivamente com fins científicos e em nenhum caso com fins fiscais.

MODELO 1 – Residentes em Toritama

MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS E PENDULARIDADE: AS CONSEQUÊNCIAS DA ATRAÇÃO DE POPULAÇÃO PARA O MUNICÍPIO DE TORITAMA – PE

Data de aplicação: ___/___/___ N° do Questionário: _____

I. PERFIL GERAL DO ENTREVISTADO

01. Sexo (1) Masculino (2) Feminino

02. Idade _____

03. Qual é seu estado conjugal?

- (1) Solteiro/a
- (2) Casado/a, Unido/a
- (3) Separado/a, Divorciado/a
- (4) Viúvo/a

04. Sabe ler e escrever?

- (1) Sim (2) Não

05. Já estou ou frequentou a escola?

- (1) Sim – passe para Q06 (2) Não – passe para Q09

06. Qual o último ano da escola concluído com aprovação? _____

07. Ainda estuda?

- (1) Sim – passe para Q08 (2) Não – passe para Q09

08. Qual o município de estudo?

II. MIGRAÇÃO

09. Mora em Toritama desde que nasceu?

- (1) Sim – passe para Q20 (2) Não – passe para Q10

10. Qual a UF e o município de nascimento?

11. Qual a UF e o município de residência anterior?

12. Qual o bairro de residência no município anterior?

13. Há quanto tempo mora sem interrupção em Toritama?

14. Por que saiu do município anterior?

15. Por que veio morar em Toritama?

16. Quem ajudou com o financiamento para viagem? _____

17. Quem ajudou com oferta ou informação de hospedagem? _____

18. Quem ajudou com oferta ou informação de emprego? _____

19. Com quem migrou para Toritama?

20. Qual é a sua relação de parentesco com o responsável pelo domicílio onde mora?

- | | |
|-------------------------|--------------------------------|
| (1)Chefe | (6)Irmão,Irmã |
| (2)Cônjuge/Companheiro. | (7)Outro parente |
| (3)Filho/a, Enteadado/a | (8)Empregado/a.dom. |
| (4)Pai, Mãe, Sogro/a | (9)Parente de empregado/a. dom |
| (5)Neto/a, Bisneto/a | (10)Outro não parente_____ |

III. TRABALHO**21. Possui trabalho?**

- (1) Sim – passe para Q22 (2) Não – passe para Q32

22. Em que município(s) trabalha?

23. Trabalha para parentes ou para terceiros?

24. Onde exerce seu trabalho?

25. Possui remuneração no trabalho principal?

- (1) Sim (2) Não

26. Qual a ocupação que exerce no trabalho principal?

27. Tem outros trabalhos remunerados?

- (1) Sim – passe para Q28 (2) Não – passe para Q29

28. Quantos são e quais ocupações exerce?

29. Quantas horas trabalha, em média, por dia?

30. Trabalha com carteira assinada?

(1) Sim (2) Não

31. Qual o rendimento total, médio, por mês em todos os trabalhos?

32. Possui algum outro tipo de renda? Qual tipo de renda? Qual o valor?

(pensão, bolsa, bolsa escola)

33. Contribui ou já contribuiu com o Instituto de Previdência Social

(1) Sim (2) Não

34. Já trabalhou anteriormente?

(1) Sim – passe para Q35 (2) Não – passe para Q36

35. Qual ocupação exercia no trabalho anterior?

IV. INFRA-ESTRUTURA URBANA E HABITABILIDADE

36. O domicílio onde mora é:

- (1) De propriedade de algum membro do domicílio e está totalmente quitado
- (2) De propriedade de algum membro do domicílio e está sendo quitado
- (3) Alugado
- (4) Ocupado
- (5) Emprestado/Cedido
- (6) Outro _____

37. Quantas pessoas moram em seu domicílio?

38. Quantos cômodos há no domicílio?

(incluir dormitórios, sala, sala de jantar, escritório, área de serviço, etc.; não incluir cozinha, banheiro, nem garagem)

39. Quantos cômodos servem como dormitórios e quais são eles?

40. Qual o tipo de abastecimento de água em seu domicílio:

- (1) Rede Geral
- (2) Poço artesiano ou nascente
- (3) Caixa d'água/Cacimba
- (4) outros – especificar _____

41. O domicílio dispõem de banheiro?

(com sanitário)

- (1) Sim – passe para Q44
- (2) Não – passe para Q46

42. Quantos banheiros possuem o domicílio? _____

43. O banheiro é:

- (1) de uso exclusivo do domicílio
- (2) compartilhado com outros domicílios

44. Qual o tipo de esgotamento sanitário do domicílio?

- (1) Rede geral de esgoto
- (2) Fossa séptica
- (3) Fossa rudimentar
- (4) Vala
- (5) Rio ou lago
- (6) Outro – especificar _____

45. Qual o tipo de destino do lixo do domicílio?

- (1) Coletado por serviço de limpeza ou caçamba
- (2) Queimado
- (3) Enterrado
- (4) Jogado em terreno baldio ou na rua
- (5) Jogado no rio ou lago
- (6) Outro destino – especificar _____

46. O serviço de limpeza do município passa com frequência na sua rua?

- (1) Sim
- (2) Não

47. Qual a frequência da coleta de lixo na sua rua?

- (1) < 1 vez/semana
- (2) 1 vez/semana
- (3) 2 vezes/semana
- (4) 3 e mais vezes/semana

48. Qual o bairro de residência atual?

ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO 2

CONFIDENCIAL: Os dados solicitados neste questionário serão utilizados exclusivamente com fins científicos e em nenhum caso com fins fiscais.

MODELO 2 – Pendulares

MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS E PENDULARIDADE: AS CONSEQUÊNCIAS DA ATRAÇÃO DE POPULAÇÃO PARA O MUNICÍPIO DE TORITAMA – PE

Data de aplicação: ___/___/___ N° do Questionário: _____

I. PERFIL GERAL DO ENTREVISTADO

01. Sexo (1) Masculino (2) Feminino

02. Idade _____

03. Qual é seu estado conjugal?

- (5) Solteiro/a
- (6) Casado/a, Unido/a
- (7) Separado/a, Divorciado/a
- (8) Viúvo/a

04. Sabe ler e escrever?

- (1) Sim (2) Não

05. Já estou ou frequentou a escola?

- (2) Sim – passe para Q06 (2) Não – passe para Q07

06. Qual o último ano da escola concluído com aprovação?

07. Ainda estuda?

- (1) Sim – passe para Q08 (2) Não – passe para Q09

08. Qual o município de estudo?

II. PENDULARIDADE

09. Qual o motivo da estadia em Toritama?

10. Com que frequência vem a Toritama?_____

11. Qual o meio de transporte mais utilizado para chegar em Toritama?

12. Qual sua opinião sobre o sistema de transporte para Toritama?

13. Qual a UF e o município de residência?

14. Qual o bairro de residência?

TRABALHO

15. Possui trabalho?

(1) Sim – passe para Q146 (2) Não – passe para Q26

16. Em que município trabalha?

17. Trabalha para parentes ou para terceiros?

18. Onde exerce seu trabalho?

19. Possui remuneração no trabalho principal?

(1) Sim (2) Não

20. Qual a ocupação que exerce no trabalho principal?

21. Tem outros trabalhos remunerados?

(1) Sim – passe para Q22 (2) Não – passe para Q23

22. Quantos são e quais ocupações exerce?

23. Quantas horas trabalha, em média, por dia?

24. Trabalha com carteira assinada?

(1) Sim (2) Não

25. Qual o rendimento total, médio, por mês em todos os trabalhos?

26. Possui algum outro tipo de renda? Qual tipo de renda? Qual o valor?
(pensão, bolsa, bolsa escola)

27. Contribui ou já contribuiu com o Instituto de Previdência Social

(1) Sim (2) Não

28. Já trabalhou anteriormente?

(1) Sim – passe para Q29 (2) Não – finalizar questionário

29. Qual ocupação exercia no trabalho anterior?
